UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA

JULIANA LOPES DOS SANTOS

Entre a internet e a escola:

A influência do código de escrita virtual sobre a modalidade padrão escrita do português brasileiro em redações escolares

(VERSÃO CORRIGIDA)

São Paulo
2015

JULIANA LOPES DOS SANTOS

Entre a internet e a escola:

A influência do código de escrita virtual sobre a modalidade padrão escrita do português brasileiro em redações escolares

(VERSÃO CORRIGIDA)

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística e Semiótica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Orientador: Professor Doutor Paulo Chagas de Souza

São Paulo
2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S231e Santos, Juliana Lopes dos
ENTRE A INTERNET E A ESCOLA: A influência do
código de escrita virtual sobre a modalidade padrão
escrita do português brasileiro em redações escolares
/ Juliana Lopes dos Santos ; orientador Paulo
Chagas de Souza. - São Paulo, 2015.
153 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Linguística. Área de
concentração: Semiótica e Linguística Geral.

1. INTERNET. 2. SISTEMA DE ESCRITA. 3. REDAÇÃO.
4. ESCOLA. 5. ORTOGRAFIA. I. Chagas de Souza, Paulo
, orient. II. Título.

Nome: SANTOS, Juliana Lopes dos

Título: **Entre a internet e a escola:** A influência do código de escrita virtual sobre a modalidade padrão escrita do português brasileiro em redações escolares

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística e Semiótica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

À minha mãe, por todo apoio, em todos os sentidos.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por me apoiar e auxiliar em todos os momentos.

A toda minha família, origem de quem hoje sou.

Ao Professor Doutor Paulo Chagas de Souza, por sua orientação, confiança, e por todo apoio durante o Programa de Mestrado da Universidade de São Paulo, bem como por ter despertado meu interesse pelos estudos linguísticos durante minha graduação, no Centro Universitário Fundação Santo André.

À Professora Doutora Clarice Assalim, por acreditar em mim e me incentivar à superação de meus limites no que diz respeito à pesquisa acadêmica, bem como por toda sua dedicação e inegável amor pela profissão docente, inspiração de minha vida profissional.

À Professora Doutora Kátia Aparecida Cruzes, e ao Professor Doutor Juarez Donizete Ambires, modelos inspiradores de bons profissionais acadêmicos e pesquisadores.

Aos docentes que contribuíram para esta pesquisa com orientações, correções e sugestões no processo de qualificação e defesa.

À Universidade de São Paulo, na figura de seus docentes, por possibilitar desenvolvimento intelectual, acadêmico e profissional de alta qualidade, em especial aos ministrantes das disciplinas que frequentei: Professor Doutor Ronald Beline Mendes, Professora Doutora Margarida Maria Taddoni Petter, Professora Doutora Maria Cristina Fernandes Salles Altman, Professora Doutora Evani Viotti e Professora Doutora II Ana Paula Scher.

A todos meus colegas de ensino de base, graduação, especialização e disciplinas do Programa de Mestrado, por compartilharmos momentos de descobertas e aprendizado.

A todos os meus alunos, desde o início de minha carreira docente, por instigarem-me a pesquisar para me aperfeiçoar e saciar (mesmo que parcialmente) minha curiosidade como pesquisadora e professora.

“Le langage est source de malentendus”.

Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

Entre a internet e a escola: A influência do código de escrita virtual sobre a modalidade padrão escrita do português brasileiro em redações escolares

Essa dissertação objetiva investigar a extensão da influência do sistema de escrita virtual, denominado *txtng* por Crystal (2009) - sistema utilizado frequentemente na composição de mensagens de texto enviadas via *sites* de relacionamento e programas de comunicação síncrona – sobre a variedade padrão escrita da língua portuguesa. Para melhor compreender essa relação de contato, buscou-se investigar o contexto de produção, a formação e os recursos comuns desse novo sistema gráfico cujo desenvolvimento foi motivado pela evolução tecnológica. Isso levou à conclusão de que não se trata de uma nova língua, nem somente da variação de um sistema de escrita oficial, mas de um novo sistema gráfico, paralelo ao oficial, repleto de recursos comuns em línguas diversas, que visa à comunicação com agilidade, rapidez e facilidade, acrescido de ludicidade. Partindo-se disso, foi colhido um *corpus* composto por cem redações escolares de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II da região do Grande ABC, procurando-se levantar dos textos escritos segundo a norma padrão da língua portuguesa recursos comuns na *txtng*. Constatou-se que a influência do sistema de escrita tecnológico, menos prestigiada, sobre a padrão diz respeito principalmente a transferências estruturais, e não de vocabulário, havendo destaque para a análise de aspectos relacionados à ortografia e a tendências de organização e diagramação do texto no papel. Frisa-se, por fim, que algumas analogias e assimilações que dão origem às formas estudadas são trazidas inicialmente da fala, mas que é o ambiente de comunicação escrita virtual que concretiza de forma marcante as mesmas no modelo e repertório de texto escrito do indivíduo e da comunidade linguística a qual pertence, levando às transferências gramaticais sobre a variedade padrão, dentre as quais a fragmentação se mostra como característica marcante.

PALAVRAS-CHAVE: Internet. Comunicação. Sistema de escrita. Redação. Escola de Ensino Fundamental. Ortografia.

ABSTRACT

Between the internet and the school: The influence of virtual writing code above the writing standard modality of Brazilian Portuguese at scholar writing

This thesis has the purpose of investigating the extent of the influence of the virtual writing system named *txtnng* by Crystal (2009) – a system which is frequently used to compose text messages sent via social networks and synchronous communication programs – on the standard written modality of Portuguese. In order to better understand this contact relation, an investigation was made of the context of production, the formation and the common resources of this new graphic system, whose development was motivated by the evolution of technology. This led to the conclusion that it is not a new language, nor a variation of an official writing system, but a new graphic system, parallel to the standard one. This system is filled with resources which are common in several languages, which aim at swift, fast, easy, but also playful communication. For that purpose, a *corpus* was formed out of a hundred school essays written by 8th year students from the region of the Greater ABC. It was then used to survey the common *txtnng* resources which are found in the texts written according to the standard norm of the Portuguese language. It was found that the influence of the less prestigious technological modality over the standard one is located mainly in structural, not lexical, transfers, with aspects related to orthography and the trends in organization and layout of the text on paper standing out. The thesis highlights the fact that some analogies and assimilations which give rise to the forms under study are initially used in speech, but it is the virtual written communication environment that concretizes them so forcefully in the model and repertoire of the written text of individuals and the linguistic community they belong to, producing interferences on the standard modality, with fragmentation being one of its hallmarks.

KEY-WORDS: Internet. Communication. Writing systems. School essays. Middle School. Orthography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página de blog com hiperlinks (indicados por flechas azuis) para outros <i>sites</i> , com objetivo de download, visualização de vídeo e consulta a outras postagens.....	35
Figura 2 - Reprodução de depoimento <i>online</i> em que aparece a utilização da abreviatura <vs> correspondendo ao termo <você>.	39
Figura 3 - Reprodução de <i>scrap online</i> em que aparece a utilização da abreviatura <vs>correspondendo ao termo <você>	39
Figura 4 - Exemplo de uso de frases curtas e fragmentadas.....	40
Figura 5 - Exemplos de uso de marcadores conversacionais	41
Figura 6 - Exemplo de comunicação virtual em que letras maiúsculas representam ênfase e letras repetidas representam prolongamento da sílaba	45
Figura 7 - Exemplo de uso “fonético” do grafema <x>	48
Figura 8 - Manuscrito do texto de Luis Vaz de Camões	49
Figura 9 - Trecho de conversa em grupo de conversa.....	51
Figura 10 - Mensagem virtual com uso do logograma “100sual” e de sequências de grafemas que representam riso, como “kkkkkkkkkk” e “uashduahd”	53
Figura 11 - Exemplo de fragmentação de períodos e quebra da linearidade em mensagens enviadas em site de relacionamento	69
Figura 12- Fragmento de tirinha de Maurício de Souza.....	94
Figura 13- Produção de texto em que uma linha é pulada após término de parágrafo.....	108
Figura 14 - Produção de texto em que o recuo para indicar início de parágrafo não é bem marcado graficamente.....	109
Figura 15 - Produção de texto em que tópicos foram utilizados indevidamente ao gênero do texto	110
Figura 16 - Reprodução de <i>scrap online</i> em que são evidentes características da linguagem virtual.....	112
Figura 17 - Exemplo de uso de marcadores conversacionais em produções de texto.....	113
Figura 18 - Trecho de produção de texto com exemplo de repetição próxima de termos....	117
Figura 19 - Uso do empréstimo da língua inglesa “quitar”, motivado pelo contato virtual.	121

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Idade do início de acesso à Internet	74
Gráfico 2 - Quantidade de horas semanais que os adolescentes passam conectados em computadores fixos (desktop ou laptop).....	75
Gráfico 3 - Norma utilizada nos programas de comunicação instantânea	80
Gráfico 4 - Linguagem utilizada em <i>sites</i> de relacionamento	82
Gráfico 5 - Quantidade total de linhas dos textos.....	107
Gráfico 6 - Quantidade de parágrafos utilizados para organizar o texto	111
Gráfico 7 - Linguagem utilizada em posts de blogs/fotologs	139
Gráfico 8 - Sexo dos alunos.....	139
Gráfico 9 - Idade dos alunos.....	140
Gráfico 10 - Cidade em que os alunos residem	140
Gráfico 11 - Quantidade de pontos de acesso à Internet	140
Gráfico 12 - Segunda ou terceira opção de acesso à Internet daqueles que possuem conexão em casa	141
Gráfico 13 - Frequência de acesso dos adolescentes que passam mais de 25 horas semanais conectados	141
Gráfico 14 - Horas semanais que os adolescentes que acessam a internet todos os dias passam conectados.....	141
Gráfico 15 - Quantidade de funções <i>online</i> utilizadas.....	142
Gráfico 16 - Única função utilizada por alguns adolescentes	142
Gráfico 17 - Conhecimento/controlado dos pais ou responsáveis sobre <i>sites</i> acessados pelos adolescentes	142
Gráfico 18 - Pontos de acesso à Internet dos adolescentes que dispõem de mais de um em casa	143
Gráfico 19 - Privacidade dos pontos daqueles que possuem dois ou três, em casa.....	143
Gráfico 20 - Exclusividade de conversa em meio virtual quando se está em casa para aqueles adolescentes que utilizam a Internet com esse fim.....	143
Gráfico 21 - Alunos que caracterizam seu uso da linguagem em programas de comunicação instantânea de mais de uma forma.....	144
Gráfico 22 - Frequência do uso de sinais de pontuação nos programas de comunicação instantânea	144
Gráfico 23 - Utilização de símbolos (emoticons) em conversas <i>online</i>	145

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Local de acesso à internet.....	73
Tabela 2 - Finalidade do acesso à internet.....	76
Tabela 3 - Local específico de acesso à internet em casa.....	78
Tabela 4 - Companhia dos adolescentes em casa	79
Tabela 5 - Metaplasmos e outras ocorrências peculiares	89
Tabela 6 - Alçamento vocálico	96
Tabela 7 - Outras alterações gráficas.....	97
Tabela 8 - Troca de grafemas por outros que correspondem ao mesmo fonema	100
Tabela 9- Expressões da fala coloquial encontradas no <i>corpus</i>	116
Tabela 10- Tamanho e organização dos textos em parágrafos	146
Tabela 11 - Tipografia dos parágrafos dos textos que compõem o corpus	147

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EME – Escola Municipal de Ensino

LOL – *laughing out loud*

M1 – Variedade 1 (padrão)

M2 – Variedade 2 (virtual)

PB – Português do Brasil

RPG – *Role playing game*

SCS – São Caetano do Sul

SUS – Sistema Único de Saúde

SMS – *short message service*

WWW – *World Wide Web*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 CODIFICAÇÃO E COMUNICAÇÃO: CONCEITOS INICIAIS	17
2.1 OS SISTEMAS DE ESCRITA	20
2.2 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA	24
3 TECNOLOGIA, COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA E LINGUAGEM	30
3.1 O REGISTRO DE INFORMAÇÕES E A COMUNICAÇÃO EM MEIO ELETRÔNICO	32
3.2 HIPERTEXTO E QUEBRA DE LINEARIDADE NA LEITURA	33
3.3 O CÓDIGO DE ESCRITA DAS MENSAGENS ENVIADAS POR MEIO ELETRÔNICO-VIRTUAL	37
3.3.1 Recursos (não tão) peculiares do sistema de escrita usado nas mensagens eletrônico-virtuais	47
4 CONVERGÊNCIA ENTRE SISTEMAS DE ESCRITA	55
4.1 ANALOGIA E PROCESSOS FONOLÓGICOS	55
4.2 CONTATO DE SISTEMAS DE ESCRITA	59
4.2.1 Variação linguística, pidgin e o contato entre sistemas linguísticos e de escrita	60
4.2.2 Empréstimos e transferências	64
5 ABRANGÊNCIA DA PESQUISA	70
5.1 O <i>CORPUS</i> E SEU CONTEXTO DE PRODUÇÃO	71
5.2 PERFIL DOS ALUNOS QUE PRODUZIRAM O <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE	72
5.2.1 Acesso à internet	73
5.2.2 Uso dos mecanismos disponibilizados pela internet	75
5.2.3 Privacidade durante o acesso à internet	77
5.2.4 Características gerais da linguagem virtual utilizada pelos alunos	79
6 O PAPEL DA ESCRITA VIRTUAL NAS REDAÇÕES ESCOLARES	84
6.1 ASPECTOS GRÁFICOS	84
6.1.1 Ortografia	85
6.1.2 Outras questões	102
6.2 ASPECTOS TIPOGRÁFICOS	105
6.3 ASPECTO ORAL E ASPECTOS TEXTUAIS MOTIVADOS PELA BUSCA POR RAPIDEZ	112
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	119

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124
BIBLIOGRAFIA	130
GLOSSÁRIO	132
APÊNDICE A: Instruções para entrevista que deu origem à produção de texto (<i>corpus</i>)	133
APÊNDICE B: Instruções para produção de texto (<i>corpus</i>)	135
APÊNDICE C: Questionário aplicado aos alunos.....	137
APÊNDICE D: Gráficos sobre aspectos complementares	139
APÊNDICE E: Tabelas complementares referentes à tipografia do <i>corpus</i>	146
ÍNDICE.....	151

1 INTRODUÇÃO

O século XXI tem sido marcado, desde seu início, pelo veloz desenvolvimento de recursos tecnológicos, principalmente no que diz respeito à informática. A internet, segundo Houaiss (2009) “rede de computadores dispersos por todo o planeta que trocam dados e mensagens utilizando um protocolo comum, unindo usuários particulares, entidades de pesquisa, órgãos culturais, institutos militares, bibliotecas e empresas de toda envergadura”, se popularizou na última década do século XX e tem ganhado cada vez mais espaço na vida cotidiana de cidadãos comuns, principalmente após o advento dos aparelhos portáteis que permitem conexão, como celulares e *tablets*. As finalidades de uso desse mecanismo são as mais diversas: desde realizar pesquisas e enviar mensagens eletrônicas até efetuar compras e quitar débitos ou se comunicar sincronicamente com pessoas que podem estar tanto do outro lado do mundo quanto na casa – ou até mesmo no cômodo – ao lado. Também é importante destacar que não somente o recurso ganhou espaço, mas seu meio de acesso se tornou plural e onipresente, pois na atualidade não é mais necessário possuir um computador *desktop* em casa ou no trabalho para se obter acesso à internet: foram desenvolvidos *notebooks*, *netbooks*, aparelhos celulares e *tablets*, vistos todos os dias nas mãos de adultos, adolescentes e crianças - da região metropolitana do Grande ABC¹, por exemplo - que fácil e rapidamente acessam a rede mundial de computadores denominada *World Wide Web* a qualquer instante. A maioria das pessoas adquiriu a possibilidade de se conectar quase a qualquer momento, em quase qualquer local – considerando-se ainda a existência de alguns locais onde o acesso à internet é limitado ou não há acesso a essa tecnologia, como pequenas cidades e vilas².

Os adolescentes, sempre em contato com os meios de comunicação, e em busca dos mais recentes recursos tecnológicos lançados – aparelhos celulares, vídeo games e computadores, por exemplo -, se tornaram assíduos usuários do meio virtual, principalmente no tocante a *sites* de relacionamento e programas de comunicação instantânea (individuais ou acoplados aos *sites* de relacionamento), objetivando enviar e receber mensagens de forma

¹ A pesquisa aqui apresentada se norteará com base em *corpus* composto por produções de texto desse público-alvo, sendo que a região abordada como foco é o Grande ABC, pertencente à região metropolitana de São Paulo.

² Segundo IBGE (2013), 46,5% dos brasileiros com 10 anos ou mais possui acesso à internet, número que aumenta para 54,2% na região Sudeste. É, pois, importante frisar que o contexto de análise da presente dissertação é a região do Grande ABC, localizada no estado de São Paulo, localidade na qual, devido ao desenvolvimento urbano, o acesso à internet abrange quase a todos os moradores. Não se pode esquecer que, em outras localidades o contexto pode não corresponder ao relatado.

rápida e prática e, ao mesmo tempo, se tornarem parte do grupo social que faz uso desse recurso. Devido a essa busca por uma comunicação cada vez mais veloz e hábil, a linguagem utilizada para esses fins, no contexto específico em questão, é peculiar e possui caráter híbrido: é próxima à oralidade por mais que seja registrada de forma escrita.

Essa modificação da linguagem no meio virtual, bem como a fragmentação das informações (ocasionada, por exemplo, pela ausência ou pobreza de mecanismos de coesão tais como conectivos, hipônimos, hiperônimos e sinônimos que retomem ideias sem que ocorra a repetição do termo primeiramente utilizado), também presente na *Web*, principalmente no tocante à forma de leitura do hipertexto³, não se resume somente ao aspecto gráfico das sentenças, mas abrange também novas formas de pensar, organizar o pensamento e se comunicar, segundo Carr (2010b). Tais visões de mundo e utilizações da linguagem inevitavelmente já extrapolaram os limites do mundo virtual e chegaram à escrita cotidiana em meio real (não virtual), o que pode representar fortes influências para a escrita dos adolescentes, em constante contato com a internet, mesmo tratando-se de textos afastados desse contexto, por exemplo, pertencentes às atividades desenvolvidas em sala de aula que tenham como foco o uso da variedade padrão da língua portuguesa, como se pretende demonstrar no estudo pretendido e descrito nessa dissertação.

Considerando o objeto delimitado de pesquisa, partir-se-á do seguinte problema: é inegável que os alunos de Ensino Fundamental II têm sido influenciados pela linguagem da internet como a não linearidade de informações (ou fragmentação das mesmas por meio de períodos curtos demais, falta de conectivos e reiteração das ideias), alterações morfológicas e fonológicas (como justaposições, abreviaturas e metaplasmos), cujo objetivo primeiro era tornar mais rápida a comunicação (instantânea ou não). Resta saber: a) em quais aspectos e proporções isso tem ocorrido; b) se a prática de leitura do hipertexto tem criado novas formas de coesão textual nos escritos formais escolares, ou se tem prejudicado a coesão, tornando as ideias muitas vezes desconexas e prejudicando, dessa forma, pelo contrário, a eficiência da comunicação, o que poderia ser resumido como as consequências do contato entre o código de escrita utilizado nas mensagens de texto virtuais e o sistema padrão da língua portuguesa.

³ Segundo Pierre Lévy (1998), trata-se do conjunto de textos existentes na *World Wide Web* (www), unificados por meio de vínculos cibernéticos acessíveis por um clique; não é linear, é mutável e sua ordem e seleção variam de acordo com as escolhas do leitor cibernauta.

2 CODIFICAÇÃO E COMUNICAÇÃO: CONCEITOS INICIAIS

Definir língua, desde o início dos estudos linguísticos, é uma tarefa complexa. Saussure (2012⁴, p.41) a define como “produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” Para tal, parte do princípio de que a organização mental de ideias por meio de signos é algo natural ao ser humano, bem como a linguagem – termo mais amplo e abrangente - a partir do momento em que, descrevendo de forma superficial e simplificada, por meio da observação e tentativa, aprende-se a articulação de sons que, devido a um contrato social exterior ao indivíduo, possuem significados no ato comunicacional. É preciso, pois, ao tratar de língua, sob a perspectiva que se pretende nessa dissertação, também definir a linguagem, que a abrange, e a escrita, mecanismo por meio do qual a língua é fixada independentemente da ação do tempo, considerando-se que o foco principal serão as transferências gramaticais⁵ da linguagem virtual utilizada nos mecanismos de comunicação instantânea escrita sobre o sistema de escrita padrão utilizado em produções de texto do Ensino Fundamental.

Em língua inglesa, a mesma palavra, “*language*” é utilizada para se referir tanto à “língua”, quanto à “linguagem”, motivo pelo qual se torna mais difícil distinguir significado de ambos os conceitos ao se basear em referências originalmente escritas nesse idioma, mesmo que em alguns contextos seja possível distingui-los. Se a língua é comportada pela linguagem, o mais adequado parece ser partir de Saussure (2012), e considerar a língua uma das formas de linguagem desenvolvidas pelo ser humano para expressar ideias, bem como para organizar conceitos mentais, sistematizando-os por meio de signos.

A língua é, pois, um meio de comunicação utilizado pelo homem, baseado em signos linguísticos. Esses signos são arbitrários, ou seja, não possuem correspondência direta e fixa

⁴ A versão original da obra, *Cours de linguistique générale*, foi publicada postumamente em 1916, pela editora Payot, editada por Charles Bally e Albert Sechehaye, com colaboração de Albert Riedlinger. A primeira edição brasileira da obra data de 1970.

⁵ O termo “transferência gramatical” ou “influência” aqui utilizado é tradução de “*convergence*”, utilizado com bastante frequência por pesquisadores da área do Contato de Língua, como Silva-Corvalán (2008). Seu significado diz respeito às influências não lexicográficas (classificadas como “empréstimos”) que uma língua possa ter sobre outra com a qual está em contato; trata-se de um processo de regularização e miscigenação das características de duas ou mais línguas pelo contato de seus falantes, que pode levar à mudança linguística, o que reforça a tese de Labov (2008, p.173) de que “[...] o isolamento leva à diversidade linguística, enquanto a mescla de populações leva à uniformidade linguística.”

entre o significante e o significado⁶. O ser humano, apoiado em convenções linguísticas que definem de forma social o significante que se refere a um significado, se comunica com outro ser humano por meio da fala e da escrita, bem como o faz por meio da linguagem não verbal, porém, no primeiro caso, dispondo de uma imensa gama de recursos como intensidade, ritmo e estruturas sintáticas diversas que tornam a língua (a fala e a escrita) sistema linguístico complexo e extremamente rico.

Uma criança que nasça e se desenvolva em ambiente multilinguístico, por exemplo, adquire mais de uma língua ao mesmo tempo, motivada pelo contexto cultural e suas necessidades comunicacionais, o que comprova que a aquisição da linguagem – e, conseqüentemente, das línguas – é um processo que independe do “ensino direto formal”, ou seja, não é necessário frequentar uma escola ou ter aulas de determinado idioma para a formação de uma gramática interna, que dá condições ao falante de entender e ser entendido no processo de comunicação. Cabe frisar também que a aquisição simultânea de duas línguas na infância se faz de forma paralela, e não mesclada: é pela competência de falante que a criança forma duas gramáticas distintas em sua mente, sabendo distinguir as estruturas lexicais e gramaticais sem que alguém precise lhe indicar nomenclaturas formais utilizadas por gramáticos ou linguistas no estudo da língua, ou por professores no ensino da mesma. Da mesma forma, é preciso frisar que o domínio de uma língua não pressupõe a existência ou o uso de um sistema de escrita, ou seja, a língua é autônoma em relação à escrita, e pode ser representada não somente por ela, mas também e prioritariamente pela fala, por exemplo. A escrita, sim, pode ser considerada uma tecnologia, desenvolvida para registrar informações, fazendo-as perpetuar ao longo dos anos. Conforme afirma Carr (2010b, p.78):

Language itself is not a technology. It's native to our species. Our brains and bodies have evolved to speak and hear words. A child learns to talk without instructions, as a fledgling bird learns to fly. Because reading and writing have become so central to our identity and culture, it's easy to assume that they, too, are innate talents. But they're not. Reading and writing are unnatural acts, made possible by the purposeful development of the alphabet and many other technologies. Our minds have to be taught how to translate the symbolic characters we see into the language we understand. Reading and writing require schooling and practice, the deliberate shaping of the brain. (CARR, 2010b, p. 51)

⁶ No tocante a essa afirmação é preciso frisar a diferença entre as línguas e os sistemas de escrita: há casos peculiares, como o que ocorre com os hieróglifos egípcios, em que a relação entre significante (mais pictórico) e significado é mais motivada na escrita do que em outras línguas, visto que alguns grafemas se aproximam de reprodução dos objetos aos quais se referem; no entanto, a língua egípcia antiga era, como qualquer outra, imotivada.

Saussure define a língua como um bem público, ou seja, pertencente à comunidade, que detém poder coletivo sobre ela. De maneira geral, o homem, sozinho, não dispõe da escolha de modificá-la e fazer com que todos a utilizem da forma que ele considerou mais adequada que o padrão coletivo vigente; a mudança linguística é um processo lento, incerto, dependente de imensa quantidade e variedade de fatores sociais e linguísticos. A fala, pelo contrário, é norteadas pelas regras pré-estabelecidas pela comunidade linguística, mas oferece maior liberdade de ajustes e escolhas. Essa caracterização, porém, presente também na vulgata do **Curso de Linguística Geral** de Saussure, pode ser analisada por outras perspectivas, já que os conceitos de público e privado são subjetivos. Segundo o próprio Saussure (1996) indica no **Primeiro Curso de Linguística Geral**, a língua pode ser considerada privada por ser internalizada pelo falante, bem como a fala pode ser vista como pública, uma vez que a comunicação (socialização) com outros indivíduos ocorre por meio de seu uso. Estabelecer adjetivos/nomenclaturas para distinguir língua e fala é, sobretudo, delicado, pois os conceitos se complementam e se misturam, dependendo, na realidade, da perspectiva adotada.

Partindo disso, é possível afirmar que, embora a língua e a fala possuam peculiaridades distintas, criando uma dicotomia língua-pública X fala-privada, ambas obedecem a regras de convenção, para que a comunicação se faça de forma eficaz. Por mais que a fala possua um caráter individual, e o falante possua liberdade para a escolha dos mecanismos a serem utilizados, se ele não utilizar padrões comuns mínimos no momento de interagir com outro indivíduo, será impossível a compreensão da mensagem por parte do interlocutor. Na comunicação virtual, por exemplo, na qual se utiliza uma variedade híbrida de caráter oral e forma escrita, só é possível se comunicar de maneira inteligível se houver compreensão dos mecanismos peculiares utilizados para compor mensagens de texto, como se analisará posteriormente, dentre as quais as mais conhecidas pelo senso comum é a supressão de letras e o uso de caracteres pictóricos, como os *emoticons*.

2.1 Os sistemas de escrita

Segundo Saussure (2012⁷), a escrita permite o registro de informações, que perpetuam através do tempo e do espaço de maneira documental, e impressiona o falante, pois transmite sugestão de concretude em vista do caráter mutável e efêmero da fala. Tradicionalmente, como afirma Moraes (2003), a fala é também diferenciada da escrita por peculiaridades que dizem respeito à prática de sua concretização, predominantemente mais espontânea, dinâmica e improvisada que a escrita, motivo gerador de boa parte de suas características, tais como fragmentação e retomada de ideias (repetição) o que, na escrita, é visto como inadequado.

A simultaneidade entre planejamento e produção do texto deixa suas marcas na sintaxe: desvios, construções fracassadas, interrompidas, excesso de intromissão de elementos extraestruturais e assim por diante. A própria natureza da conversação, essa “interação centrada”, e a alternância de vozes governam a organização do texto. Para quem está alheio, não só o conteúdo como a própria forma gramatical da conversação podem parecer confusos, caóticos – mas isso não impede a compreensão entre os interlocutores ou mesmo a do observador atento. (MORAES, 2003, p. 212)

Por mais que, a partir do final do século XX, com o advento da informática, que possibilitou o envio de mensagens de texto síncronas por computadores e celulares, a escrita, nesse contexto, tenha ganhado também caráter efêmero e de registro fugidio - uma vez que é raro que os interlocutores consultem mensagens antigas -, ela continua possibilitando o acesso aos enunciados produzidos de forma fiel, diferenciando-se ainda nesse aspecto da fala, por meio de banco de mensagens virtual. O meio eletrônico de registro e envio de informações em si não exclui a perpetuação das informações escritas, mas são os interlocutores, de posturas diferentes frente ao suporte físico ou eletrônico, que passam a não optar por acessá-las. É por esses motivos que essa ferramenta possui grande prestígio social, na atualidade, restrito aos suportes físicos principalmente, ou aos eletrônicos oficiais, tais como *sites* de instituições, por exemplo.

Apesar disso, não é correto afirmar que a escrita seja mais importante que a fala sob o aspecto pragmático, visto que a função da escrita é representar a fala ou a língua, ou seja: “a

⁷ A versão original da obra, *Cours de linguistique générale*, foi publicada postumamente em 1916. A primeira edição brasileira da obra data de 1970. Será, porém, utilizada ao longo da dissertação a referência à 34ª edição brasileira, utilizada para consulta, que data de 2012.

língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça.” (SAUSSURE, 2012, p. 51); a escrita, bem como a fala, não representa as ideias, mas sim a língua, que é uma forma de representação das unidades mentais interpretantes do mundo extralinguístico, conforme Rogers (2005). A língua é, portanto, um sistema abstrato, perceptível por meio de suas concretizações, a fala, no sentido de verbalização oral, e a escrita, por exemplo, com suas manifestações, que contêm sistematizações próprias, o que vai ao encontro do conceito de língua adotado por Marcuschi (2008, p. 43), ao afirmar que:

[...] toda vez que emprego a palavra língua não me refiro a um sistema de regras determinado, abstrato, regular e homogêneo, nem a relações linguísticas iminentes. Ao contrário, minha concepção de língua pressupõe um fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), variável (dinâmico, suscetível a mudanças), histórico e social (fruto de práticas sociais e históricas), indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifesta em situações de uso concretas como texto e discurso. Portanto, heterogeneidade e indeterminação acham-se na base da concepção de língua aqui pressuposta (cf. obs. a respeito em Franchi, 1977). [...] partindo da noção de língua e funcionamento da língua tal como concebidos aqui, surge, como hipótese forte, a suposição de que as diferenças entre fala e escrita podem ser frutiferamente vistas e analisadas na perspectiva do uso e não do sistema. E, neste caso, a determinação da relação fala-escrita torna-se mais congruente levando-se em consideração não o código, mas os usos do código.

É possível, com base nessa caracterização, afirmar que a língua, entidade social, pode ser representada por meio do sistema fonético (fala) ou gráfico (escrito), ou seja, a língua pode ser representada por símbolos gráficos ou sons, ressaltando-se que a escrita é mais conservadora e tradicional que a fala, devido a seu caráter legal de registro documental e também por ser mais concreta e durável. A escrita possui regras em sua relação com a língua, que determinam os símbolos a serem utilizados para representá-la, bem como regras internas a si, a gramática que determina como esses símbolos devem ser combinados a fim de representar a língua ao expressar ideias por meio da comunicação.

Os sistemas de escrita, segundo Rogers (2005), podem surgir de maneiras diferentes. Há sistemas que foram criados como uma prática inovadora e inédita para servir a um povo que queria registrar informações, como fizeram os sumérios, na Mesopotâmia, há cerca de 5000 anos, ao criar a escrita cuneiforme, que tinha por objetivo inicial marcar quantidade, por exemplo, de gado; outro exemplo inovador de criação de um sistema de escrita são os chineses, que, cerca de 1500 anos depois dos sumérios, desenvolveram o chamado sistema de

ideogramas⁸. Outro método, não original, mas bastante comum, é o estabelecimento de um sistema de escrita com base em empréstimos de um sistema pré-existente, de maneira que, normalmente, nem todos os símbolos do sistema primeiro são mantidos, e novos símbolos são inventados pela língua em formação; nesse caso, os símbolos reaproveitados podem ter sons e significados diferentes de seus originais atribuídos a eles, ou se tornarem sistemas mesclados, unindo elementos fonéticos do novo e do antigo sistema; o acádio, por exemplo, substituiu o sumério, mas conservou alguns de seus elementos, e o japonês, criado com base no chinês por intermédio de professores coreanos, emprestou os caracteres chamados “kanji” e os adaptou, muitas vezes, utilizando para cada símbolo duas pronúncias: uma chinesa (*on*) e uma japonesa (*kun*), ou seja, o empréstimo do sistema de escrita chinês para representar a fala japonesa implicou não somente a adoção de símbolos, mas também de imagens acústicas, que se tornaram concomitantes às japonesas. O terceiro e último processo de formação de um sistema de escrita se resume ao desenvolvimento de novas formas/novos símbolos, considerando a existência de outros sistemas, tais como o cherokee, baseado em língua homônima indígena falada no Nordeste dos Estados Unidos, por exemplo. Nesse caso, a inovação não está na criação de um sistema de escrita, mas no uso de símbolos novos. Segundo Rogers (2005, p.5), *“In the case of a new writing system, the creator is aware of the notion of writing and creates a new type of writing”*.

Os símbolos gráficos, em representação da língua, podem, pois, representar: ideias, como alguns dos chamados ideogramas chineses e japoneses, ou o Bliss⁹; morfemas, como ocorre no chinês; ou sons (moras e fonemas), como no japonês, no português e em várias outras línguas. Independentemente do tipo de representação, quem define qual o tipo de associação feita aos símbolos são as convenções das línguas representadas pela escrita. A escrita, dessa forma, pode-se dizer, é utilizada individualmente e de maneira privada, como a fala, mas sua estrutura e suas associações são delimitadas social e publicamente, sendo comuns a toda a comunidade que se utiliza daquela língua de maneira grafada. Devido a isso, é possível afirmar que, partindo da ideia de Rogers (2005, p. 41) de que *“language is a*

⁸ Os ideogramas representam, além das ideias, as palavras em si, uma vez que são utilizados inseridos em uma língua. A carga semântica do termo passa, pois, no domínio da linguagem, da língua para a palavra, representada tanto pela imagem acústica quanto pela forma gráfica. Rogers (2005) trata dos termos chamados comumente ideogramas como pictogramas, por se tratar de símbolos que representam não sílabas combinadas, mas ideias. Adequado também seria classificá-los como logogramas, na definição de Crystal (2009), visto que, além das ideias, representam também o som das palavras inteiras.

⁹ Sistema criado por Karl Blitz (Charles Bliss) para representar ideias e não sons, a fim de não privilegiar nenhuma língua fonologicamente. No entanto, cabe salientar que, ao delimitar um sistema gramatical no qual os símbolos são organizados seguindo determinadas convenções, indiretamente o sistema sintático aproxima-se mais de alguns sistemas, e distingue-se de outros, ou seja, não há neutralidade plena.

complex system residing in our brain which allows us to produce and interpret utterances”, tanto a fala quanto a escrita baseiam-se em escolhas e interpretações do falante dentro das possibilidades que lhes são fornecidas pelas convenções do sistema.

As diferenças cruciais, pois, entre a fala e a escrita, são que: (1) no uso formal, os sistemas de escrita atuais, de maneira geral, possuem gramática documentada que indica convenções de uso estabelecidas pelo grupo social, as quais, na prática informal, como se verá posteriormente no tocante à comunicação eletrônica coloquial, bem como na fala, não se aplicam; (2) a escrita possui maior prestígio social, sendo, por isso, ensinada na escola e utilizada para firmar contratos legais. A língua oficial de um país é normalmente escrita e possui reconhecimento internacional e valorização política, por mais que a população possa, como no caso de alguns países africanos, por exemplo, utilizar mais frequentemente línguas locais, *pidgins* e crioulos, na fala.

O ser humano modifica tanto a fala quanto a escrita ao produzir sentenças e adaptá-las ao contexto e ao seu objetivo, no ato comunicacional – principalmente informal. Ambas possuem caráter individual e dependem das escolhas do falante; ambas indicam, se estudadas, pontos de variação linguística. Ambas possuem caráter mais efêmero que a língua, porém em graus diferentes. Sistema de escrita não é o mesmo que língua, mas uma forma de representá-la, baseada na expressão articulatória da fala. “A escrita decorre da fala e é secundária em referência a esta.”, ou seja, “Só depois de dominar a fala é que se pode aprender a ler e escrever”, bem como afirma Jakobson (1969, p. 113 apud CÂMARA JR., 2002, p. 20¹⁰). O homem aprendeu primeiramente a falar para, somente muito tempo depois, desenvolver meios de registrar a oralidade por meio da escrita. Existem ainda no século XXI diversas línguas espalhadas pelo mundo que não possuem sistemas de escrita, como línguas indígenas e crioulos africanos, mas não existe língua natural escrita, mesmo que morta, que não tenha tido como base outra forma de concretização da língua, como a fala ou a língua de sinais.

Ela (a língua) varia no espaço, criando no seu território o conceito dos dialetos regionais. [...] Varia ainda, para um mesmo indivíduo, conforme a situação em que se acha [...] (CÂMARA JR., 2002, P. 17).

¹⁰ JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Isidoro Blinkstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.

Mesmo ao se falar da mesma língua e do mesmo sistema de escrita, cada indivíduo possui suas preferências relacionadas à seleção de conteúdo e forma, e, além de suas preferências, utiliza inconscientemente as formas de acordo com o que é usual quanto aos aspectos fonéticos, sintáticos, lexicais e semânticos do lugar onde vive ou do lugar onde desenvolveu a fala daquele idioma. Essas escolhas concretizam-se por meio tanto da fala quanto da escrita.

2.2 Variação linguística

É comum, ao se falar em variação linguística, considerar-se somente a fala, visto que, pela definição dicotômica saussuriana, a língua é conservadora e social, e a fala individual é mais flexível, motivo pelo qual se admite mais facilmente variação individual difundida socialmente, que leva à mudança. No entanto, partindo-se da ideia de que a escrita é a representação da fala¹¹, é possível considerar variação linguística também no nível dos sistemas de escrita, principalmente em relação às sentenças utilizadas com finalidade de comunicação por meios tecnológicos, como a internet, visto seu caráter mais fonológico que as sentenças formais documentais.

Ao se tratar de inovação linguística, variação e mudança, *a priori* cabe frisar que há duas forças que se contrapõem e determinam o ritmo e a abrangência/efetividade da variação: uma que impulsiona a variação – representada, por exemplo, pelo contato com outras línguas ou por usos peculiares do código escrito, como abreviaturas, que buscam agilizar a comunicação e se tornam formas independentes comuns¹² -, e outra, que pretende conservar uma dita unidade linguística – representada, por exemplo, pela escola, ou mesmo pela gramática interna de cada indivíduo que, mesmo que variante, tenta normatizar o uso da língua, restringindo sua grande gama de possibilidades de uso àquelas que mais parecem adequadas ao falante. É a relação entre essas duas forças – os padrões de comportamento por elas gerados - que estabelece limites para a variação, de forma que, mesmo variando em diversos aspectos, uma mesma língua pode ser compreendida por falantes diversificados, pois mantém uma estrutura base, não se tornando, assim, totalmente individualizada e caótica:

¹¹ Nessa afirmação, desconsidera-se o Bliss, por sua singularidade.

¹² É possível citar, em português, por exemplo, a palavra “motocicleta”, que passou a ser infreqüentemente utilizada em comparação com seu equivalente reduzido “moto”. Trata-se, pois, da formação de uma nova palavra, uma vez que a consciência do falante da relação entre forma antiga, integral, e a nova forma, reduzida, nem sempre é mantida, perdendo-se com o uso mais freqüente da nova forma.

“Como o indivíduo vive inserido numa comunidade, deverá haver semelhanças entre a língua que ele fala e a que os outros membros da comunidade falam” (BELINE, 2002, p.128)¹³.

Cada forma de variação da língua é chamada “variante linguística”. As variantes podem estar estáveis nos sistemas, quando duas ou mais formas convivem, se alternando por um período de tempo curto ou até mesmo longo, ou podem levar à mudança linguística, quando uma das formas desaparece após um período de mudança em progresso. O conjunto de variantes é denominado “variável” e, a respeito desse aspecto, é importante frisar que, assim como afirma Silva (2008), “[...] além da manutenção do significado, é necessária à identidade de contextos para que duas ou mais variantes possam ser atribuídas à mesma variável”. No envio de mensagens instantâneas, por exemplo, é comum, mas não obrigatório, o uso de palavras abreviadas, que coexistem com os mesmos termos em versão integral: a mesma pessoa pode, portanto, de acordo com o contexto, o tempo disponível, o tamanho da mensagem ou o interlocutor, usar “tbm” e “vc” ou “também” e “você”, além de inserir variantes diferentes da mesma variável em uma única mensagem.

Vários são os fatores que levam à variação e à mudança, razão pela qual Labov (2008, p.214) afirma não ser possível dizer que “um sistema linguístico em mudança é autônomo”, considerando que “as pressões internas, estruturais, e as pressões sociolinguísticas agem em alternância sistemática no mecanismo da mudança linguística”. É possível dividi-los em internos e externos à língua. Os fatores internos, quase sempre estão relacionados à história da língua no tocante à etimologia (formação de seu léxico) ou à similaridade formal (sonora ou gráfica), que implica processos de assimilação, por exemplo, ou analogia. Os fatores externos são mais facilmente reconhecíveis pelos falantes, pois sua análise não requer conhecimento formal sobre estrutura e formação das línguas; eles podem ser inerentes ao indivíduo - como etnia, sexo e idade -, sociais - como escolarização, nível de renda, profissão, classe social e contato com outras culturas e outras línguas -, além de contextuais - ligados a graus de formalidade e informalidade e à tensão discursiva, por exemplo.

Qualquer que seja o eixo, diatópico/geográfico, diastrático/social, ou de outra ordem, a variação é contínua e, em nenhuma hipótese, é possível demarcarem-se nitidamente as fronteiras em que ela ocorre. É preferível falar em tendências a empregos de formas alternantes motivadas simultaneamente por condicionamentos diversos. (MOLLICA, 2008)

¹³ Um dos fatores que desencadearam a subdivisão do latim em diferentes línguas, além de aspectos geográficos (substrato e superstrato) e cronológicos, foi a queda do Império Romano, que fez com que a unidade “escola – sistematização da língua” se desfizesse.

Ao abordar-se a variação linguística na internet, cabe destacar o quanto o contexto é influente no tipo de estruturas utilizadas frequentemente, bem como a idade dos falantes: segundo Crystal (2011) as gerações que foram inseridas no meio digital já adultas tendem a fazer menor uso de recursos como abreviaturas e *emoticons*, enquanto crianças e adolescentes, familiarizados com os novos meios tecnológicos da informática desde o período anterior à sua alfabetização, sentem-se completamente à vontade ao usar “novas formas” da língua, como se verá também nos capítulos a seguir. É possível, pois, afirmar que são os fatores externos, relacionados à tecnologia virtual, os motivadores da grande e crescente quantidade de novos termos e novos usos de termos antigos que podem ser presenciados hoje. A estrutura interna da língua permite o processo, mas o que o intensifica em tempo e produtividade é, sem dúvida, o advento da internet, como afirma Crystal (2011, p. 57) ao dizer que “*changes in language typically take decades, or even lifetimes, before they are established. But history is no guide, when it comes to electronic technology. [...] Today, a new word can achieve a global profile within hours. It seems likely that the Internet will speed up the process of language change.*”

Os motivadores da variação, também chamados variantes dependentes, são, pois, diversos, e podem ocorrer peculiarmente em simultaneidade, o que gera formas alternativas “novas” que podem ou não ser aceitas pela comunidade linguística. Mesmo que coexista durante muito tempo com uma forma antiga, a “nova forma” pode não substituí-la ou, gradualmente, ser abandonada e esquecida. A variação é processo comum das línguas, necessário à sua renovação e riqueza, mas que nem sempre leva à substituição de formas usuais. A variedade de uso virtual das línguas, de caráter mais fonético, pictórico e reduzido graficamente não implica, pois, o desuso da variedade padrão.

Cada comunidade de fala – grupo que compartilha traços linguísticos, se comunica entre si e compartilha normas e atitudes – pode possuir diversas variáveis. Contudo, o nível de variação pode chegar ao indivíduo, que adapta sua fala e sua escrita aos contextos, ao interlocutor e, além disso, modifica seu repertório lexical e gramatical e suas preferências no decorrer de sua vida devido a experiências e novos hábitos.

A interação social, portanto, é determinada por esquemas mentais que nos possibilitam identificar ocorrências das mais variadas, tais como: um bate-papo, um diálogo com alguém de hierarquia superior a nós no trabalho, uma palestra etc [e mais que isso nos permitem escolher qual o tipo adequado de linguagem a ser utilizado]” (MESTRINELLI, 2005, p. 64).

Independentemente da variante utilizada, na comunicação, estabelecer relações de significado e transmiti-las de forma eficiente, contudo, de acordo com o contexto linguístico, é de suma importância. A fala possui maior liberdade de escolha, por exemplo, em um ambiente informal, enquanto a escrita também pode possuir tal liberdade, de acordo com seu objetivo, como a busca por rapidez em programas de comunicação escrita pela internet ou no envio de uma mensagem de texto por celular. Um bilhete para um familiar não necessita da mesma formalidade que uma carta comercial. Da mesma forma, ao se conversar com um amigo em uma situação informal, pode-se utilizar estruturas linguísticas mais coloquiais, não adequadas, por exemplo, em uma entrevista de emprego.

A definição de “diglossia”, por exemplo, é, de certa maneira, dependente da definição de “língua” e dos limites da variação linguística. O primeiro termo, de maneira geral, significa coexistência de duas línguas, ou seja, bilinguismo, de maneira que uma variedade tenha mais prestígio social que outra. No entanto, o primeiro limite a ser estabelecido é entre língua e dialeto. Ambos possuem gramáticas internas específicas, ambos são utilizados com a finalidade de se comunicar, ambos podem ou não possuir forma escrita. Considerando-se que a fronteira entre língua e dialeto está mais relacionada a questões político-ideológicas como identidade nacional e oficialidade, as interpretações podem ser variáveis, o que explica o fato de, na Itália, o vêneto e o toscano serem considerados dialetos, enquanto o sardo e o ladino serem reconhecidos como línguas.

The boundary between two dialects of a single language and two different languages is fuzzy. Given enough time and the right social circumstances, dialects will turn into separate languages, and during the transition process there is no sharp dividing line between ‘possible to understand’ and ‘impossible to understand’ – it’s a matter of types of changes, conversational contexts, attitudes, and other complex linguistic and social factors. (THOMASON, 2001, p. 2)

Da mesma forma, outro limite se faz crucial nessa questão: a distinção entre variável de uma mesma língua e uma língua nova. No Brasil, por exemplo, são recorrentes estudos e publicações sobre as diferenças entre o português do Brasil (PB) e o português lusitano, que poderiam indicar já a divisão da língua originalmente europeia em duas variedades totalmente distintas, e não variantes do mesmo sistema.

A Gramática oficial adotada no Brasil é a mesma adotada em Portugal, de forma que a escola – órgão responsável por regular e padronizar o idioma oficial de um país ou nação –

promove um ensino linguístico semelhante nos dois países, ou seja, a formação oficial em língua portuguesa de um brasileiro e de um português é feita com base nos mesmos conceitos e nas mesmas regras gramaticais gerais, por mais que haja peculiaridades de uso comum em cada nação. Dessa forma, politicamente, é possível já de início afirmar que se trata de uma única língua, pois os Estados brasileiro e português a reconhecem dessa forma e a “impõem” simultaneamente. A aprovação do novo acordo ortográfico, por exemplo, tem por objetivo unificar algumas das regras ortográficas antes utilizadas de forma diversificada nos países que falam língua portuguesa, para que assim se estabeleça um padrão político de uso da língua, já que o uso real não será modificado, ou seja: a língua continua variando pragmaticamente, a ponto de Bagno (2004) defender a tese de o português brasileiro (ou somente “brasileiro”) ser já uma língua independente.

Contudo, um conjunto uniforme de regras ortográficas não resulta necessariamente em um uso uniforme, pois há escolhas a serem feitas, possibilidades e preferências de usos. É no uso oral da língua que as diferenças se fazem mais evidentes, mas, uma vez que são concretizadas cá e lá diferentes formas fonológicas, morfológicas, semânticas e sintáticas, deve-se destacar que a variação ocorrente em todos os níveis está já enraizada também no registro escrito. A preferência pelo uso de gerúndio no Brasil em oposição a estruturas de preposição seguida de infinitivo em Portugal, por exemplo, em frases como “estou andando” x “estou a andar” é exemplo disso. Não se deve, porém, esquecer de que isso pode também ocorrer dentro do território brasileiro, por exemplo, visto serem as comunidades de fala no nível de regiões heterogêneas, e os próprios indivíduos políglotas em seu próprio idioma, na definição de Bechara (2004).

Na fala, essa diferenciação brasileiro-lusitana é mais evidente devido à variedade oral modificar-se e variar muito mais que a escrita (a primeira é mais dinâmica em comparação à outra, mais rígida) e também porque, na fala, é possível observar o nível fonético e fonológico, mais perceptivelmente comum a todos. Já no tocante à escrita em sua forma padrão, tanto em relação a essa dualidade em foco, quanto às regiões brasileiras, essas diferenças não se tornam tão marcantes pela padronização linguística oficial da ortografia ou mesmo da gramática. Exemplo disso é a colocação pronominal, da qual Oswald Andrade trata de forma crítica em seu poema “Pronominais”: a gramática determina que a forma padrão de uso seja “Dê-me” em início de período, mas são muito mais comuns na concretização por meio da fala as formas “me dá”, “me dê”. É possível, pois, afirmar, que tanto a fala quanto a escrita possuem diferentes graus de formalidade, que direcionam o uso da língua a ser concretizado; nem a fala é superior à escrita, nem a escrita à fala, da mesma maneira que uma

modalidade mais ou menos formal da língua tem a mesma importância em seu contexto de emprego.

É preciso salientar que um código não é melhor que o outro, o que existem são diferenças e não deficiências. A língua e o comportamento linguístico estão estritamente relacionados ao contexto sociocultural. É preciso considerar o caráter heterogêneo da língua. A deficiência linguística é um estereótipo resultante do preconceito linguístico. Nossa sociedade ainda exige imbricações da linguagem de forma tradicional, privilegiando uma estrutura padrão (SOUZA; DEPS, 2005, p. 3).

É possível afirmar sob essa perspectiva, que há uma única língua no Brasil e em Portugal e as diferenças existem por tratar-se de variantes diferentes em localidades culturais diferentes, assim como ocorre dentro do próprio Brasil. Aprende-se uma língua na escola e falam-se “outras” na prática cotidiana devido aos diferentes usos de um mesmo idioma, das variedades da língua: de acordo com cada ocasião deve-se adequar a linguagem, utilizando-se dos mais variados mecanismos linguísticos, o que não quer dizer que se trate realmente de outra língua.

Da mesma forma que o português do Brasil e o português de Portugal podem ser considerados variedades que pertencem à mesma língua, a língua escrita, ou código, e a língua falada são manifestações diferenciadas da língua de uma forma geral, apesar das diferenças que não podem ser negadas. Mais do que isso, é possível afirmar que a linguagem utilizada em mensagens de texto no século XXI, por exemplo, possuidora de gramática peculiar, é uma variedade do português brasileiro, que possui preferências de uso específicas em vista ao português lusitano. O brasileiro contemporâneo, por exemplo, bem como outros povos, no meio virtual, faz uso de variedades muito distintas de seu próprio idioma, o que não necessariamente o torna bilíngue. No Brasil, em relação aos usos do português, dessa maneira, não se possa afirmar categoricamente que haja diglossia, a não ser que se considere a definição de Rogers (2005, p.17) para o termo, que o define como “*distinct versions of the same language*”. Dessa perspectiva, com o advento tecnológico da informática e da mobilidade por meio de celulares, em grande parte do mundo pode haver diglossia, mesmo que se desconsidere o aprendizado de segundas, terceiras ou línguas subsequentes. Essa, porém, é uma discussão ainda aberta ao debate, a respeito da qual há ainda muitos pontos a serem considerados e analisados antes que se chegue a uma conclusão precisa.

3 TECNOLOGIA, COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA E LINGUAGEM

O desenvolvimento de novas tecnologias pode modificar as formas de pensar e viver dos seres humanos. Segundo Freitas (2006a), com o surgimento e a disseminação do texto escrito, os povos passaram a se preocupar com a extinção da tradição oral. O mesmo aconteceu com o surgimento da televisão em relação ao cinema/teatro e acontece atualmente, nesse início de século XXI em que cada vez mais a tecnologia digital ganha espaço. Há questionamentos a respeito da possibilidade do texto digital vir a substituir o livro em suporte físico, por exemplo, devido ao desenvolvimento de tecnologias como *tablet*, *Kindle*¹⁴ e celulares com aplicativos de visualização de texto digital, que resultariam na “aposentadoria” dos livros e periódicos de papel, utilizados antes para pesquisa e armazenamento de dados, fadados já, desse ponto de vista, a baús ou ao pó.

No entanto, os motivos de tal temor não se justificam de fato, uma vez que uma tecnologia não elimina a outra: elas passam a dividir o espaço comunicacional no mundo em que se vive. O homem cada vez mais assimila novas tecnologias, sem que as anteriores obrigatoriamente deixem de existir – por mais que essas, algumas vezes, precisem passar por adaptações. O rádio, o cinema e o teatro revalorizaram o texto oral e, aos poucos, a imagem se tornou também um relevante ponto de referência na sociedade em que se vive - que valoriza a assimilação rápida de mensagens- sem, entretanto, substituir e tornar extinta a expressão escrita da língua. Há situações em que uma fotografia ou um desenho não são capazes de transmitir conteúdo de forma eficaz da mesma maneira que o texto escrito ou falado, e outras em que não seriam práticos ou poderiam apresentar ambiguidade. As novas tecnologias enriquecem as possibilidades de comunicação e facilitam a vida do ser humano e o registro/envio de informações na medida em que comportam, ao mesmo tempo, recursos relacionados à fala, à escrita e a vídeos, por exemplo.

Na segunda década do presente século é já possível preencher e enviar a declaração de Imposto de Renda por meio de computadores ou outros aparelhos que oferecem acesso à internet, e cadastrar o recebimento de restituição ou o pagamento de tarifas automaticamente à sua conta bancária sem necessidade de comparecer ao banco ou à Receita Federal. Isso é uma evolução do aspecto prático do envio e registro de informações, mais facilmente acessíveis por seu meio virtual. Entretanto, os bancos continuam a operar, somente não tão

¹⁴ Leitor de texto digital cuja tela é fosca, não produzindo reflexo.

sobrecarregados fisicamente como poderiam ficar sem os novos recursos. Os aparelhos celulares mais modernos possibilitam o envio de mensagens de texto, vídeo e voz, o que, porém, não torna obsoletas as ligações habituais, por meio das quais o *feedback* é instantâneo por se tratar de uma interação verbal em que ambos os interlocutores estão atentos e presentes simultaneamente. Além disso, mesmo que com a popularização de aplicativos, dentre os quais o *WhatsApp* ganha destaque, seja já possível comunicar-se quase em tempo real a partir do momento em que duas ou mais pessoas estejam *online* e atentas às mensagens, a ausência de entonação de voz, expressão facial e gestos ainda não é plenamente suprida por recursos virtuais como *emoticons* e escrita em caixa alta, uma vez que nem sempre são utilizados da forma mais clara e compreendidos pelos interlocutores.

[...] a escrita, como uma construção sógnica de um grupo cultural, faz parte da realidade, e o homem, ao tomar contato com ela, ao internalizá-la, estará também se modificando internamente. O homem das culturas orais pensava em uma maneira específica como produto do que sua realidade lhe oferecia. Com o surgimento da escrita alterando sua maneira de expressão, sua vida, seu discurso, também alterava-se a sua mente. (FREITAS, 2006b, p. 32)

Pode-se afirmar que mais relevante que a preocupação a respeito da extinção de tecnologias, por alguns consideradas obsoletas na época em que vivemos, é se ter em mente que, com o surgimento de cada novo meio de comunicação e registro de ideias, a visão de mundo do ser humano se modifica, bem como suas noções de tempo e espaço, ou seja, as novas tecnologias são fruto das novas necessidades do ser humano geradas por alterações em seu sistema de vida, e, ao mesmo tempo, alteram sua percepção de mundo e a avaliação do que é ou não hábito e necessidade. Os celulares, por exemplo, invenção popularizada no final dos anos noventa, são hoje, já, parte do cotidiano de boa parte da população mundial, sendo considerados essenciais à comunicação por muita gente, principalmente por adolescentes, que veem como um hábito comum comunicar-se de qualquer lugar e a qualquer hora com amigos, por exemplo.

3.1 O registro de informações e a comunicação em meio eletrônico

A internet se popularizou no Brasil e no mundo em meio a uma sociedade que valoriza constantemente a imagem, mas não excluiu a escrita e a comunicação oral do conjunto de suas ferramentas virtuais: é possível se comunicar na *Web* enviando *e-mails*, mensagens instantâneas escritas ou faladas, fazendo *posts* em *sites* de relacionamento, conversando oralmente ou oral e visualmente por meio de programas como *Skype*, que possibilitam o envio e o recebimento de imagem e som sincronicamente, tanto em computadores quanto em *tablets* e aparelhos celulares.

A internet constitui não só um repositório abrangente de informações variadas, mas fundamentalmente um provedor poderoso, que pode ser acessado a qualquer hora e de qualquer lugar. Como um imenso banco de dados on-line, a Internet disponibiliza para seus usuários uma verdadeira explosão de informações que demandam procedimentos outros da localização, utilização de seus documentos, assim como de outros modos de apropriação via leitura (BERNARDES; FERNANDES, 2006, p.121).

Além desses aspectos, é importante destacar a “identidade maleável” (LÉVY, 1993, apud FREITAS, 2006a, p. 15)¹⁵ dessa tecnologia, que se baseia num processo de constante construção e desconstrução de estruturas por meio de conexões. De tempos em tempos, surge uma novidade na *Web*, que chama a atenção de seu público, que pode ser caracterizado ao mesmo tempo homogêneo - no tocante à tipologia de seu meio de comunicação, virtual-, e altamente heterogêneo, ao se considerar fatores como idade, sexo, localização, interesses e condições sociais. Jogos, *sites* de relacionamento, programas de comunicação e transferência de dados, bancos de dados restritos ou públicos, *sites* de compras coletivas ou individuais: tudo desperta o interesse do internauta e ganha constantes atualizações e novos recursos, o que se tornou ainda mais visível por meio das constantes atualizações de aplicativos dos aparelhos móveis de acesso à internet que, por sinal, cada vez mais rapidamente se tornam obsoletos, à medida que outros modelos são lançados.

O contato com o meio virtual já modificou de forma irreversível a percepção do ser humano, sua atenção e até mesmo o funcionamento de seu cérebro, conforme afirma Carr (2010b). No tocante ao objeto de análise deste trabalho, é importante destacar dois itens de

¹⁵LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

grande influência na estratégia de leitura e, conseqüentemente, na forma de escrever dos adolescentes fora do meio virtual: (I) o hipertexto e (II) os recursos de linguagem peculiares utilizados na comunicação informal virtual, seja por computadores ou outros aparelhos, que constituem já uma variável da língua portuguesa¹⁶, por exemplo. Por mais que esse contexto também influencie os adultos e as crianças, o foco da pesquisa que se seguirá é a variedade de língua utilizada por adolescentes em produções de texto escolares, por dois motivos: (1) a geração que hoje está passando pela adolescência, em sua maioria, cresceu em constante contato com as tecnologias do meio virtual, desde seu período de alfabetização; (2) os adolescentes utilizam a internet frequentemente, principalmente com a finalidade do envio de mensagens de texto, antes por *sms* (*short message service*)¹⁷ relacionados às operadoras de celulares, hoje, mais comumente por aplicativos como *WhatsApp*¹⁸ e por ferramentas de *sites* de relacionamento. A tecnologia voltada à comunicação possui cada vez mais usuários e usuários mais frequentes, o que motiva o desenvolvimento de novos recursos em velocidade acelerada. Não somente os aparelhos, mas os softwares se tornam desatualizados e são substituídos por versões mais rápidas e ricas em opções constantemente, no século XXI. Partindo disso, e com base na afirmação de Labov (2008, p.140) de que “[...] a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante. [...] Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social” é possível, pois, afirmar que as tecnologias virtuais certamente influenciaram já e muito as formas de viver do ser humano, seu ritmo de vida, seus hábitos, gostos e limites, mas, além disso, é no uso da língua, na comunicação comum, e principalmente por meio dos códigos escritos, que se encontra boa parte dos vestígios mais aparentes dessa mudança: as formas de leitura e de escrita têm variado e se transformado cada vez de maneira mais ágil.

3.2 Hipertexto e quebra de linearidade na leitura

Segundo Fachinetto (2005, p.1), “o termo hipertexto designa um processo de escrita/leitura não linear e não hierarquizada”. No ciberespaço, esse mecanismo de organização de

¹⁶ Nesse trabalho será abordada somente a língua portuguesa do Brasil, porém o mesmo tipo de variação ocorre em outras línguas, como o inglês, conforme afirma Crystal (2011).

¹⁷ Serviço que visa o envio de mensagens curtas via aparelhos celulares.

¹⁸ Aplicativo que permite enviar mensagens de texto, fotos, vídeos, mensagens de voz e informações da memória de *smartphones* por meio da internet, sem os custos tradicionais de *sms*. É possível utilizar a rede 4G ou *wi-fi*.

dados conectados por fios imaginários virtuais permite o acesso ilimitado a outros textos, de forma instantânea, o que afetou não somente a forma pensada de disposição de informações por meio de palavras e imagens, mas, sobretudo, a forma de leitura habitual, rompendo a linearidade e dando ao leitor maior autonomia em relação às escolhas que determinam o percurso realizado na exploração dos *sites* visitados.

No texto escrito em suporte físico (papel, por exemplo), por mais que haja possibilidade de releitura de trechos para melhor compreensão, o leitor é guiado pela ordem que lhe é apresentada; independentemente do sistema de leitura dos símbolos ser da esquerda para a direita, como no português, da direita para a esquerda, como no árabe, ou variável, como era em relação aos hieróglifos egípcios, há em cada sistema de escrita convenções de ordem de leitura reconhecidas pelos leitores, que são seguidas de maneira semiautomática, e, é importante citar, essas convenções são estabelecidas e variam de acordo com o tipo de suporte utilizado, suas vantagens e limitações.

O espaço de leitura condiciona, sobretudo, as relações entre escritor e texto, entre leitor e texto. A extensa e contínua superfície do espaço e escrita no rolo de papiro ou pergaminho impunha uma escrita sem retornos ou retomadas. Já o texto nas páginas do códice tem limites claramente definidos, tanto a escrita quanto a leitura podem ser controladas por autor e leitor, permitindo releituras, retomadas, avanços, fácil localização de trechos ou partes; além disso, o códice torna evidente, materializando-a, a delimitação do texto, seu começo, sua progressão, seu fim, e cria a possibilidade de protocolos de leitura como a divisão do texto em partes, em capítulos, a apresentação de índice sumário. (SOARES, 2002, p. 149-150)

Em um texto publicado em português, em um livro, por mais que o conteúdo se apresente de forma não cronológica – como ocorre, por exemplo, na obra de Machado de Assis, por meio de digressões ou do início do livro pelo final do desfecho-, a leitura é realizada de acordo com o que o autor pré-determinou, e não é comum, ao fazer-se a leitura da obra, ler os capítulos fora de ordem ou pular trechos do enredo, por mais que o narrador por meio da metalinguagem, em alguns momentos, sugira que não se termine a leitura da obra, ou não se leia determinado capítulo. No hipertexto, pelo contrário, o leitor se torna coautor do que lê e escolhe não somente a ordem da leitura, mas determina também seu conteúdo por uma seleção improvisada e, caso descubra que o mesmo foge ao que estava procurando, pode mudar seu caminho em meio a um texto, por meio de *links* que aparentemente tratem melhor das informações que objetivava obter. Na leitura hipertextual não há limites físicos para a leitura, pois “enquanto a página é uma unidade estrutural, a tela é uma unidade temporal”

(SOARES, 2002, p. 150) e, dessa maneira, a leitura somente tem fim quando o leitor decide interromper sua leitura no espaço cibernético, o que não está necessariamente atrelado ao final físico de um texto disponível *online*, mas ao final do tempo disponível ou dedicado a essa atividade.

De maneira geral, os hiperlinks não direcionam a leitura, mas indicam possibilidades diversas de caminhos para a navegação virtual que podem motivar a interrupção da leitura do texto inicial para acesso a conteúdos complementares a ele, que não necessariamente são expressos por signos gráficos contidos virtualmente em outras páginas da web (1); os links podem levar a documentos disponíveis para download e visualização (2), ou a vídeos (3), como no exemplo a seguir:

Figura 1 - Página de blog com hiperlinks (indicados por flechas azuis) para outros sites, com objetivo de download, visualização de vídeo e consulta a outras postagens

Fonte: <http://relicarioecletico.blogspot.com.br>. Acesso em: 20 dez 2014.

Algo que se pode considerar mediano entre o texto e o hipertexto, dentro dos caracteres de não linearidade e fragmentariedade são as “aventuras-solo”, também chamadas “livros-jogos”, pertencentes ao mundo dos *Role Playing Games* (RPGs). Nessas narrativas, que segundo Andrade e Carneiro (200-, p. 2) “apresenta[m] uma dialogicidade muito forte com as narrativas orais, ao mesmo tempo que incorpora[m] temas presentes em diversos meios de comunicação de massa, como o cinema, as revistas em quadrinhos, os jogos de

videogame e outros”, é apresentado ao leitor um leque de escolhas quanto às ações das personagens, que levaram a desenvolvimentos, clímax e desfechos diversificados, cujas muitas partes são demarcadas por números - como capítulos - que são seguidos de acordo com as opções realizadas e não com a ordem cronológica, se intercalando e combinando por conexões de sentido que não possuem cronologia bem demarcada individualmente. Dessa forma, o leitor nunca tem acesso a uma só “aventura”, caso opte por seguir diferentes caminhos na construção da história por meio da leitura. Alguns capítulos podem fazer parte de trechos diferentes da história, e outros nem sequer serem lidos.

O hipertexto, no entanto, vai além das aventuras-solo que, por mais que apresentem finais e desenvolvimentos diferenciados às narrativas, possuem um número limitado de finais possíveis. A imensa quantidade de opções apresentadas pelos textos disponíveis no ciberespaço (que não se restringe somente a narrativas), bem como suas outras características o tornam único e elevam o leitor ao papel de produtor do que está lendo, sem a inerência de um final, de forma ampla e inegável. A volatilidade faz com que as conexões realizadas sejam passageiras, pois as escolhas podem nunca levar o leitor de volta aos locais por onde antes passou. A topografia torna a página não linear, e os limites espaciais do texto são rompidos. A acessibilidade passa a ser ilimitada, uma vez que as fontes de pesquisa e acesso são as mais diversas possíveis no meio virtual. A multisssemiose é reforçada, devido aos tipos de linguagem verbal e não verbal que se encontra de forma imensamente variada no espaço da *Web*. A interatividade se faz ainda mais presente, pois o leitor escolhe seus caminhos da “navegação” de acordo com seu repertório e com o que considera interligado. O hipertexto é um texto quase sem fronteiras, e sem um limite delimitado como fim preciso ou comum aos internautas, motivo pelo qual Crystal (2011, p. 28) afirma que “*hypertextuality is the most fundamental functional property of the Internet, without which the medium would not exist*”.

A principal contribuição dessa tipologia diferenciada de conexões de texto, denominada hiper, está presente nas novas formas de pensar e interligar informações no mundo atual. Aqueles que estão em constante contato com tal gênero textual inegável e inconscientemente acabam tornando a forma de leitura do hipertexto – fragmentária e não linear - sua forma de leitura habitual, e isso, gradativamente, acaba afetando também sua forma de escrever, pois a habilidade de concentração e leitura linear, desenvolvida habitualmente por meio da leitura de textos comuns em suporte físico, dá lugar à habilidade de escolha, seleção e tomada de decisões.

Book readers have a lot of activity in regions associated with language, memory, and visual processing, but they don't display much activity in the prefrontal regions associated with decision making and problem solving. Experienced Net users, by contrast, display extensive activity across all those brain regions when they scan and search Web pages. (CARR, 2010b, p. 121-122)

Por um lado, há ganho, do ponto de vista da praticidade do mundo moderno, que exige cada vez mais que as pessoas sejam multitarefas, mas, por outro, cada vez mais as pessoas, desde sua infância, se fizerem uso frequente da internet e suas ligações, encontram dificuldade de concentrar-se em um longo texto – escrito ou até mesmo oral – por muito tempo.

Links don't just point us to relate or supplemental works; they propel us toward them. They encourage us to dip in and out of a series of texts rather than devote sustained attention to any one of them. Hyperlinks are designed to grab our attention. Their value as navigational tools is inextricable from the distraction they cause. (CARR, 2010b, p. 90)

Além disso, as pessoas hoje, e principalmente as novas gerações, ao utilizarem ao mesmo tempo diversos tipos de programas simultaneamente – navegadores, programas de reprodução de músicas e vídeos, além dos de comunicação instantânea, por exemplo -, tornam mais enfático o caráter não linear da leitura, o que os leva a desenvolver tipos específicos de uso da linguagem, cada vez mais abreviativa, fragmentada, curta, a fim de aumentar a velocidade da comunicação.

3.3 O código de escrita das mensagens enviadas por meio eletrônico-virtual

Assim como o hipertexto ganhou vida e espaço por meio da internet, vários gêneros textuais surgiram durante seu desenvolvimento, mesclando características de gêneros já existentes, reformulando-as e acrescentando às mesmas novas especificidades advindas do espaço virtual e suas formas de envio e recebimento de informações. Esse processo de adaptação de gêneros antigos e criação de novos, fato que pode parecer novo, foi, porém, comum no surgimento de outros suportes de escrita – físicos ou virtuais -, de modo que não se pode deixar de lado o contexto de produção ao se analisar as estruturas e os recursos típicos de um gênero.

O espaço da escrita relaciona-se também com os gêneros e usos da escrita, condicionando as práticas de leitura e de escrita: na argila e na pedra não era possível escrever longos textos, narrativas; não podendo ser facilmente transportada, a pedra só permitia a escrita pública em monumentos; a página, propiciando o códice, tornou possível a escrita de variados gêneros, de longos textos. (SOARES, 2002, p. 149)

Um *e-mail*, por exemplo, pode desempenhar a mesma função que uma carta ou um telegrama; no entanto, ao redigi-lo, o emissor não se utilizará exatamente dos mesmos recursos: o *e-mail* dispensa, por exemplo, a escrita de local e data, automáticos em sua produção; não necessita de envelope para envio, mas de um provedor; todos os dados do remetente e do destinatário são substituídos no registro de envio por endereços eletrônicos, contendo uma única linha, por exemplo.

O que força a criação, renovação, recriação e desdobramento desses novos gêneros (*post* de *blog*, *scrap* de rede de relacionamento, *post* de *Twitter*, *e-mail*, mensagem de *Messenger*, dentre infinitos outros) é o meio virtual e suas características típicas, como a quebra das noções de tempo e espaço: é possível se comunicar com pessoas que estão em locais distantes e diferentes, espalhados pelo mundo real, sincronicamente, da mesma forma que é possível estar em vários espaços virtuais concomitantemente ou se comunicar com alguém de forma quase tão síncrona quanto na comunicação face a face, por meio da escrita ou por meio de vídeos e envio de mensagem de voz/transmissão de voz captada por microfone. Ao se dizer quase tão síncrona, deve-se frisar os meios de comunicação escrita, pois, por mais que na comunicação por meio de vídeo/voz haja, às vezes, um atraso no envio-recebimento das mensagens, as intervenções e interrupções por meio do interlocutor são mais aparentes e presentes.

Na interação verbal que ali se processa, só é possível que um dos interlocutores faça uso da palavra por vez, não podendo, desse modo, acompanhar ou interferir nos seus respectivos monitores/computadores, a gradativa formulação dos enunciados de seu parceiro de comunicação. Os enunciados são primeiramente elaborados pelo sujeito enunciatador para, somente depois de concluída a sua formulação, ser enviados a um interlocutor-ouvinte. É só nesse momento de elaboração que podem sofrer alterações ou reformulações. O enunciado não se apresenta na tela do outro interlocutor concomitantemente ao seu momento de produção, ou seja, não permite uma intervenção imediata no espaço da palavra do outro. (BERNARDES; VIEIRA, 2006, p. 54)

A variante da língua portuguesa – e pode-se dizer também de outras línguas – utilizada nos programas e aplicativos móveis de comunicação instantânea e, muitas vezes, nos *sites* de relacionamento, não é a mesma que se aprende com a finalidade de utilizar em gêneros textuais não virtuais, sejam eles escritos ou falados. Por mais que essa linguagem se assemelhe à fala em alguns aspectos, é importante destacar que não é representação direta de um modelo fonológico único, ou seja, há liberdade de escolha de caracteres que representam os fonemas, como ocorre na abreviaturas de palavras como <você>, comumente representa por <vc>, mas que, nos dias de hoje, em alguns grupos sociais adolescentes, possui variante correspondente <vs>, o que também representa correspondência ao aspecto fonológico das letras, motivada por uma leitura visual, logográfica, conforme se pode observar nas figuras a seguir, considerando-se que o grafema <s> representa o fonema [s] em palavras como <sapo> e <saia>.

Figura 2 - Reprodução de depoimento *online* em que aparece a utilização da abreviatura <vs> correspondendo ao termo <você>.

Fonte: *Orkut*; ano: 2012.

Figura 3 - Reprodução de *scrap online* em que aparece a utilização da abreviatura <vs> correspondendo ao termo <você>

Fonte: *Orkut*; ano: 2012.

Na comunicação escrita por meio eletrônico, principalmente no que diz respeito a programas e aplicativos que permitem sincronia, ao contrário do que é habitual em produção de texto em suportes físicos - situação na qual há mais planejamento e revisão, o que permite

a redação de sentenças mais longas e elaboradas - comumente ao que Rodrigues (2003, p.24) afirma a respeito da língua falada espontânea, cada sentença “é produzida aos jatos, aos borbotões, que são unidades de ideia, ou significativas, com um contorno entonacional típico, e limitada por pausas. A passagem de uma unidade para outra é feita muito rapidamente [...]”. Isso provavelmente ocorre devido à situação de comunicação similar ao que ocorreria pessoalmente em uma conversa verbal, pois, seja escrita ou falada,

A conversação é um evento de fala especial: corresponde a uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção para uma tarefa comum, que é a de trocar ideias sobre determinado assunto. [...] De fato, apenas a identidade temporal é necessária, e não a identidade espacial, ou seja, a interação face a face não é condição necessária para que haja uma conversação, razão pela qual as conversas telefônicas também constituem exemplos de conversação (RODRIGUES, 2003, p. 21).

Figura 4 - Exemplo de uso de frases curtas e fragmentadas

Fonte: Conversa em grupo no aplicativo para *smartphone* WhatsApp; ano:2014

Obviamente, outras peculiaridades da conversação oral podem ser encontradas na troca de mensagens de texto por computadores e celulares, tais como: revezamento de turnos dos interlocutores; repetições, utilizadas para retomar um tópico fragmentado por outros que surgem na conversa ou retomar um tópico iniciado por outro interlocutor; alongamentos, indicados por meio da repetição de grafemas; expressões como <entende?> e <né?>, chamadas marcadores conversacionais, utilizados para verificar a atenção do interlocutor e estimular sua participação na conversa; e elevação de voz, indicada por meio do uso de letras maiúsculas. Apesar disso, essa variedade de língua não é constituída somente pelo que é

típico na fala, visto que, por exemplo, símbolos gráficos que representam ideias e não sons, como os logogramas dos quais se falará posteriormente, são também utilizados.

No exemplo acima, parte de uma conversa coletiva da qual participam sete pessoas que possuem intimidade e se conhecem pessoalmente, é possível reconhecer diversas características da comunicação virtual. Em ambas as partes, é aparente o baixo uso de sinais de pontuação, visto haver somente uma vírgula e uma ocorrência de reticências; as frases são curtas, enviadas aos jatos, o que é perceptível pelas marcações de horário de envio do que foi digitado, sendo as ideias quase sempre organizadas em fragmentos não relacionados por conectivos sintáticos, bem como a fala é produzida, estabelecendo-se coerência por meio do contexto comunicacional e da interação entre aqueles que participam da conversa, enfatizando a oralidade do texto escrito (falado) virtual da comunicação síncrona; no final de algumas sentenças se faz o uso de *emoticons* para representar ideia, como em 4a (briga), ou estado emocional, como em 4b (contentamento e felicidade). Em 4a destaca-se, além disso, o uso de gírias, estrutura comumente usada na comunicação oral informal, como <mano>, <ow> e “suave”, o que reforça a intimidade dos interlocutores, além da omissão de vogais, como em <Agt> e a representação onomatopeica de risada <rsrsrs>.

Figura 5 - Exemplos de uso de marcadores conversacionais

Fonte: Aplicativo para *smartphone* WhatsApp; ano:2014

Na figura 5, composta por dois fragmentos de mesma conversa do exemplo anterior, além das características já citadas, como fragmentação, uso de expressões onomatopeicas para

representar risos (como “auhahuhau”), gíria (“Putsss meu”) e omissão de vogais (como em “pq”, “vcs”, “N” e “q”), é possível destacar o uso de um recurso típico da fala, representado no exemplo pelo termo “né”/“ne”, que, nos dois casos aqui citados, monitora a atenção do interlocutor buscando concordância: os marcadores conversacionais.

Esses elementos, típicos da fala, são de grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomatidade e significação discursivo-interacional. Mas não integram propriamente o conteúdo cognitivo do texto. São, na realidade, elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático. Em outras palavras, são elementos que amarram o texto não só como estrutura verbal cognitiva, mas também como estrutura de interação interpessoal. (URBANO, 2003, p. 98)

De maneira geral, os marcadores conversacionais podem ter diversas funções, dentre as quais se pode citar: ganhar tempo e marcar a continuidade da conversa de maneira fática até que se possa se lembrar do que seria abordado, ou até sentir-se confiante para dar continuidade a uma fala; testar ou retomar a atenção da pessoa com a qual se fala; conectar ideias de um texto. Considerando-se que, tanto na fala, quanto na conversação virtual escrita o tempo de produção e concretização/envio da mensagem (oral ou escrita) praticamente não permite revisão por sua agilidade, e a interação é quase sempre simultânea temporalmente, os marcadores não somente se justificam, como seu papel se torna importante na organização do texto de caráter improvisado, no sentido de torná-lo coeso em si e em relação à conversação, seja ela entre duas ou mais pessoas.

A troca de mensagens abertas a um grupo, contexto de produção do exemplo citado nas Figuras 4 e 5, é um hábito que se tornou bastante comum nos últimos anos em aplicativos de comunicação virtual, principalmente nos compatíveis com *smartphones* - dentre os quais se destaca o *WhatsApp* -, possibilitando acesso às informações de forma ao mesmo tempo coletiva, visto que todos visualizam o que os demais interlocutores escreveram e participam da conversa, e parcialmente privado, considerando-se que o grupo possui um administrador (quase sempre seu criador) responsável por escolher e adicionar as pessoas que o comporão por meio de seu número telefônico celular.

Trata-se de um meio de comunicação virtual rapidamente popularizado por não haver a princípio cobrança de taxas, permitindo o envio ilimitado de mensagens desde que se tenha

acesso à internet via *roteador* ou plano de dados móveis de alguma operadora de celular. Como esses grupos possuem caráter de uso quase sempre pessoal, a tendência é que a linguagem seja mais informal, o que não quer dizer que todas as mensagens enviadas virtualmente contenham, por exemplo, gírias. Bem como na fala e na escrita em suporte físico, é importante destacar que a escrita virtual mesmo para comunicação síncrona possui contexto de produção e comunicação que estabelece o grau de formalidade da conversa, o tipo de vocabulário e estruturas a serem utilizados pelos interlocutores e, quanto maior o nível de intimidade, mais se visa suprir recursos da comunicação face a face, como expressão facial, por exemplo, fazendo uso de forma mais marcante de alguns recursos lúdicos como os *emoticons*. Por mais que o código de escrita utilizado em mensagens a fim de compor uma conversa virtual seja mais próximo à fala por seu aspecto oralizado-escrito, enquanto o código utilizado em um *blog* ou *e-mail*, por exemplo, tende a se aproximar mais do código escrito tradicional, em ambos os casos, dentro dos gêneros, há ainda variação linguística, mesmo que os textos sejam produzidos pela mesma pessoa, motivada por fatores como local, formalidade, finalidade da mensagem e destinatário.

Por esse motivo e pelos anteriormente citados por Bernardes e Fernandes (2006), não se pode tratar dessa variável utilizada em meio tecnológico – levando em consideração suas variantes de acordo com os grupos sociais aos quais os falantes pertencem conforme os mesmos fatores de variação da língua falada ou escrita de forma geral – como pertencente à língua falada. É também inadequado considerá-la como pertencente puramente ao código escrito comum, se for considerado que “por escrita, entende-se não apenas a forma ortográfica, mas também outras características necessárias no ato de escrever, tais como aquelas que podem contribuir para a transmissão e compreensão das ideias do autor” (SOUZA; DEPS, 2005, p. 1), ou seja, a escrita, bem como a fala, é uma representação da língua, pois ambas concretizam seu sistema abstrato por meio de imagens acústicas ou símbolos gráficos, reconhecidos pela comunidade de falantes e utilizados de acordo com convenções que possibilitam compreensão e interação dos interlocutores de uma mesma língua no momento comunicativo. Ao mesmo tempo, porém, ela também representa a fala de maneira peculiar por ser uma forma de registro habitualmente mais conservadora e de maior prestígio. Um de seus objetivos é a documentação de informações, que perpetuam pelo tempo e espaço. A escrita informal reduzida enviada por meio eletrônico-virtual, nesse aspecto, assemelha-se mais à fala, principalmente se se considerar sua inconstância e suas frequentes transformações e adaptações, que superam, inclusive, o surgimento de concorrência e mudança na oralidade. Uma nomenclatura adequada é, por exemplo, aquela da qual Hilgert

(2000) se utiliza para designar essa ferramenta híbrida, composta por características da fala e da escrita: o “texto falado”.

Mesmo assim, não se pode desconsiderar que, na internet, no tocante aos programas de comunicação síncrona por meio da escrita, o indivíduo se coloca no papel de falante e não de autor, e utiliza a língua dentro dos padrões de liberdade de escolha que são permitidos ao ato de comunicação oral.

Pressupondo que qualquer texto resulta da relação entre interlocutores, um texto conceitualmente falado prototípico, ao contrário do conceitualmente escrito, se caracterizaria do ponto de vista das condições de comunicação por um alto grau de privacidade, de intimidade, de envolvimento emocional, de mútua referencialidade, de cooperação, de dialogicidade, de espontaneidade entre os interlocutores e, também, por um destacado grau de dependência situacional e interacional das atividades de comunicação, além de um baixo grau de centralização temática (HILGERT 2000, p. 17).

O internauta se dirige diretamente a um interlocutor, que, nesse caso, ele conhece bem ou ao menos já teve contatos anteriores, e, por isso, utiliza a linguagem informal, sentindo-se à vontade para utilizar expressões familiares. Contudo, é importante ressaltar que a utilização de gírias, por exemplo, se adequa ao contexto e ao interlocutor, como é comum nos processos de comunicação. A função fática da linguagem é uma ferramenta muitíssimo usada nesses casos, por meio de marcadores conversacionais, pois, assim como ocorre na fala, há momentos em que não há assunto a ser referido instantaneamente, mas não seria cabível perder a linha de comunicação. Da mesma maneira, aspectos suprasegmentais presentes na fala, como tom de voz e prolongamento de fonemas, que denotam intenção comunicativa e, portanto, conteúdo (ênfase, ironia etc), são representados nesse código de escrita, por exemplo, pelo uso de caixa alta, para indicar tom de voz alto, ou letras repetidas, para indicar prolongamento de sílabas ou fonemas, como dito anteriormente.

Figura 6 - Exemplo de comunicação virtual em que letras maiúsculas representam ênfase e letras repetidas representam prolongamento da sílaba

Fonte: Facebook; ano: 2013.

Além dessas adequações realizadas para conservar o caráter informal e oral da fala na escrita de programas como *Skype* e o já obsoleto programa para envio de mensagens por meio de computadores *Messenger*, “o internauta se vê, além da necessidade de fazer reduções ou abreviações na escrita, também na de recorrer a símbolos” (SOUZA; DEPS, 2005, p. 1), o que busca tornar mais ágil a comunicação, dar entonação ao texto escrito-oralizado e dar a ele caráter de proximidade. Para destacar grau de intimidade, é também recorrente, por exemplo, a utilização de símbolos icônicos, que dão a essa variedade de língua híbrida de fala e escrita *status* de linguagem verbal com caráter oral e pictórico, porém em maioria escrita. Para frisar a influência do caráter situacional da escolha de ferramentas desse código de escrita virtual, é, pois, interessante observar que quanto maior o grau de intimidade e informalidade da conversa e, conseqüentemente dos interlocutores, maior é a frequência de uso de símbolos, como por exemplo os *emoticons*, (e poderia se dizer também dos demais recursos citados), nem sempre utilizados em todos os gêneros advindos das novas tecnologias com a mesma frequência, como afirma Crystal (2011, p. 24): “*emoticons were never very frequently used – one study showed only 13 per cent of e-mails contained them*”. Interlocutores que se comuniquem formalmente, mesmo que pela internet, tendem a aproximar-se mais da variedade padrão da língua portuguesa.

Essas condições e situações (interação virtual, espaço virtual e comunicação virtual) levaram, então, os ‘internautas’ a criar/inventar, informal e coletivamente, vários recursos para ‘compensar’ a linguagem para linguística não verbal (gestos, mímica, entonação) no ciberespaço, os quais acabam por se tornar uma convenção ‘tribal’, ao comunicar seus pensamentos, ideias e emoções usando o teclado. Entre outros recursos, os *emoticons* (carinhas ou caracteres), abreviações, reduções de palavras, acrônimos e neologismos a partir da língua materna ou estrangeira, letras maiúsculas para gritar, letras em tamanho menor para murmurar, uso excessivo dos sinais de pontuação (reticências, pontos de interrogação e exclamação), alongamento de vogais e consoantes, quebra das fronteiras das palavras, sem falar nos recursos multimídias. (COSTA, 2006a, p. 24/25)

A utilização dessa forma de linguagem específica é difundida de forma rápida, fazendo com que o internauta que nunca frequentou um *chat* ou um desses programas, na primeira vez que o faça estranhe a linguagem, mas, com o tempo, e o contato frequente com os recursos peculiares de comunicação, se habitue e passe a utilizá-la de forma comum. Isso ocorre devido à necessidade de adequação no meio virtual, pois aquele que se aventura a tentar utilizar totalmente o código de escrita padrão da língua portuguesa em determinados contextos do meio virtual, por exemplo, está sujeito a ser rejeitado em grupos sociais mais extremistas que não o fazem, pois sua linguagem não segue os padrões delimitados nesse contexto. Esse fato é mais acentuado entre os adolescentes, que usam a linguagem como forma de desenvolver identidade social, mas não exclusivo aos mesmos, o que somente reforça a ideia exposta por Labov (2008) de que o meio social é fundamental motivador dos usos da língua, bem como da variação, no uso, e o surgimento de novas formas sinalizam identidade ou mudança social. A internet é, pois, sem dúvida, hoje, responsável por muitas mudanças na forma de viver de boa parte da população mundial, e não seria mais natural que, devido ao uso constante de estruturas peculiares do código de escrita utilizado em ambiente virtual para troca de mensagens de caráter informal e rápido, a variedade padrão da língua escrita utilizada no cotidiano fosse também influenciada, mesmo que em momentos e casos pontuais, como se buscará mostrar nessa pesquisa.

É comum, que, ao se comunicar com pessoas de fora de seu círculo de amigos virtuais, por exemplo com professores ou parentes mais tradicionais, o próprio adolescente adapte seu sistema de escrita para uma variedade mais próxima ao que é comum nos suportes físicos de formalidade mediana. Isso reforça a importância do contexto linguístico no ato comunicacional, que se aplica à escrita, à fala e a essa situação mesclada, ou seja, é permitido utilizar variantes da língua portuguesa que fujam à sua variedade padrão, se assim o exigir o meio e o contexto de comunicação, a fim de se transmitir de forma eficaz a mensagem a que se pretende.

3.3.1 Recursos (não tão) peculiares do sistema de escrita usado nas mensagens eletrônico-virtuais

Antes de tratar dos recursos utilizados para compor mensagens em meios eletrônicos, é importante dar destaque a dois fatos que boa parte dos que os criticam não levam em consideração. Primeiramente, conforme afirma Crystal (2009), esses recursos, que serão indicados a seguir, não são novos ou exclusivos do suporte virtual; a maioria foi já utilizada em sistemas de escrita de diferentes lugares do mundo, ou mesmo no sistema de escrita da língua portuguesa, como se verá. Outro ponto que merece destaque é o fato de o emissor não ser obrigado por uma convenção rígida a utilizar (todos) os recursos existentes no sistema de escrita híbrido virtual eletrônico; ele possui opções, não obrigação de uso. Na verdade, é possível estabelecer comunicação virtual fazendo uso da variedade padrão da língua portuguesa. O motivo pelo qual o sistema de escrita em questão se tornou peculiar, além da conhecida busca por rapidez e economia de espaço, segundo Crystal (2009, p.71) é o entretenimento, a diversão promovida pelo brincar na combinação e decodificação de símbolos e signos verbais no processo de construção das mensagens, “*the human ludic temperament*”. Alguns recursos, inclusive, são utilizados abusivamente quando surgem - como ocorreu com os *emoticons* no programa *msn* na primeira década dos anos 2000 -, e passam a atrapalhar a comunicação ao invés de facilitá-la e são suprimidos pelo próprio sistema interno comunicacional e pelos seus usuários, como forma de garantir a inteligibilidade do texto. A chamada “*texting*” por Crystal (2009, p.32) “*is an instance of a variety of language in very rapid evolution*”, ou seja, apesar de recente em vista de outros sistemas de escrita, seu movimento de variação e formação é constante e acentuado.

Ao falar-se sobre a linguagem dita virtual ou eletrônica, o senso comum diz que na internet e pelo celular escreve-se de forma errada. Errado, nesse caso, significa que a variedade padrão, principalmente no que diz respeito à ortografia, não é obedecida na composição das mensagens. O que ocorre é que o caráter fonético das palavras e seus segmentos é mais valorizado do que o aspecto gráfico, no contexto abordado. Dessa maneira, dígrafos como <qu> passam a <k>, grafema de mesma representação sonora [k], em palavras como <karinho>; assim também, processos recorrentes na fala brasileira, tais como a monotongação, podem ser também representados nessa escrita de caráter híbrido, como em <kejo>. O que não ocorre, porém, é o uso aleatório de grafemas: a base da variação gráfica é a similaridade sonora de certos grafemas, como <qu>, <c> e <k>, que equivalem, nos exemplos

citados, a [k]. No exemplo abaixo, o dígrafo <ch>, representante padrão ortográfico da língua portuguesa para /ʃ/ no vocábulo <fechou> foi substituído por <x>, visto representarem, em alguns casos - como em <caixa> /kajʃa/ e <fachada> /faʃada/ -, o mesmo fonema /ʃ/.

Figura 7 - Exemplo de uso “fonético” do grafema <x>
 Fonte: Aplicativo para *smartphone* WhatsApp ; ano:2014

Camões, poeta português, no século XVI - período em que a língua portuguesa não possuía ainda oficializadas em gramáticas suas regras ortográficas - fazia uso frequentemente desse recurso, não inédito, nem inovador, que leva à aparente identificação de formas gráficas diferentes utilizadas muitas vezes para a mesma palavra: é possível escrever-se <naõ> e <naum> no mesmo texto virtual, sem censura do receptor, por exemplo, ou prejuízo de compreensão da mensagem, da mesma forma que é possível utilizar várias vezes a mesma palavra em um texto, ora abreviada, ora não, ou mesmo abreviada de formas diferentes, como se poderá notar no exemplo abaixo, em que “que” é grafado tanto de forma completa quanto abreviada, como reduzido a <qu> ou a <q>:

Figura 8 - Manuscrito do texto de Luis Vaz de Camões

Fonte: PEREIRA Filho, E. *As rimas de Camões*. Rio de Janeiro: Companhia J. Aguilar, 1974, p.100-101.

Outro recurso de que se tem registro em manuscritos camonianos, que se tornou típico da comunicação virtual, é a omissão de letras, mais frequente, mas não exclusivo, sobretudo, com vogais e consoantes finais, como ocorre com a palavra <que> no manuscrito acima, escrito como <qu> na terceira linha e como <q> na sexta. Quando esse processo, também não exclusivo da internet e dos celulares, nem surgido nos séculos XX e XXI, ocorre no meio da palavra, é denominado contração e, quando ocorre no final da palavra, *clipping*, ou

truncamento¹⁹. Em línguas como o português, cujas vogais são representadas graficamente, omiti-las pode parecer denegrir os padrões tradicionais do sistema de escrita, visto que os fonemas vocálicos são núcleo silábico, além de valorizados como distintivos de significado em termos como “pá” e “pé”; mesmo em palavras como “dê” (verbo ‘dar’ no modo imperativo) e “de” (preposição), cuja diferenciação de sentido é feita por meio da acentuação gráfica na escrita, que indica tonicidade do verbo, normalmente pronunciado [de], que o distingue da preposição, muitas vezes reduzida na pronúncia a [di] ou [dʒi], a vogal possui papel importante, uma vez que somente vogais são acentuadas em língua portuguesa.

No entanto, não grafar as vogais não significa eliminá-las da língua, ou excluir sua pronúncia no momento na leitura. A lógica do processo de omissão das vogais é a mesma de sistemas de escrita como o árabe, em que as vogais não possuem correspondente gráfico obrigatório, sendo um sistema com base não em alfabeto, mas em abjad, ou seja, um alfabeto composto com ênfase ou somente por consoantes, como o utilizado para representar o árabe, língua que possui grafemas para as consoantes e vogais longas, sendo que as vogais curtas e outras particularidades, quando necessárias, são indicadas por diacríticos inseridos próximos às consoantes. Conforme afirma Crystal (2009, 26), “*texters have evidently intuited a basic principle of information theory: that consonants carry much more information than vowels*”. No exemplo abaixo, é possível, por exemplo, observar a omissão de vogais em palavras como “não”> “n”, “porque”> “Pq”, “também”> “tbm” e “molecada”> “mlkada”, sendo que, no último caso citado, além disso, nota-se o uso do grafema “k” para representar /k/, som ortograficamente convencionado nesse termo por “c”.

¹⁹ Cabe frisar, nesse tocante, segundo Vilela et al (2006), uma distinção essencial entre simples redução vocabular e o truncamento: no primeiro caso se encontram palavras como moto(cicleta) ou tele(fone), comumente conhecidas e utilizadas tanto de maneira escrita quanto falada, sem alteração de significado em comparativo a sua forma integral, cuja fissão é realizada em um limite morfológico, ou seja, “a redução é um corte morfológico, que desfaz a composição que deu origem à palavra-matriz. Pode-se dizer que há uma forte tendência a se manterem as bases à esquerda da palavra-matriz” (p. 19); em relação aos truncamentos, porém, o caráter morfológico não é considerado base, de maneira que o critério utilizado está mais relacionado ao aspecto sonoro das palavras, como no caso de célula(res) ou japa (onês) e profissa (ional), em que, além da supressão de parte final da palavra há o acréscimo da vogal “a” para suavizar a pronúncia. No último caso, destaca-se também o uso menos geral dos termos, restritos a contextos de informalidade ou a grupos sociais específicos, visto que “o truncamento possui traços de gíria, de linguagem marcada socialmente, específica de determinado grupo social (sobretudo o grupo de faixa etária mais jovem)” (p. 20).

Figura 9 - Trecho de conversa em grupo de conversa

Fonte: *WhatsApp* (aplicativo de comunicação por meio de celulares, utilizando sistema Android e conexão com a internet); ano: 2015.

Além disso, devido à competência do falante e ao repertório linguístico de cada usuário do espaço virtual, a chance de interpretação errônea das palavras grafadas com base consonantal é mínima, sendo que <vc>, equivalente a ‘você’ dificilmente será lido como ‘vaca’ ou ‘vácuo’. As convenções de uso, porém, são maleáveis no tempo e em grupos peculiares, como o caso já citado anteriormente da variante <vs>, utilizada por adolescentes na primeira década do século XXI em meio virtual, que poderia ser interpretada por um receptor mais velho e não pertencente ao mesmo grupo social como ‘vossa senhoria’, o que pareceria deslocado em contexto de uso. Quanto às reduções em final de palavras, na fala do brasileiro, por exemplo, o acontecimento é já comum, principalmente em relação à marca de infinito, o que faz com que a supressão no ciberespaço, por exemplo, seja vista muitas vezes como reprodução da fala.

O apagamento do /r/ nos infinitivos caracteriza o vernáculo de todos os brasileiros. Nas demais palavras, é mais frequente em determinadas variedades regionais (como as nordestinas). Daí a impropriedade de usar grafias como CANTÁ, VENDÉ, SAÍ [grifo do autor] como representativas da “fala popular”, já que elas também caracterizam os falares urbanos escolarizados (BAGNO, 2007, p.148).

Outras reduções das mensagens de texto, apesar de censuradas por alguns, apresentam ainda menos estranhamento em sua assimilação, por serem processos naturais da formação de palavras, como em relação aos inicialismos e aos encurtamentos ou reduções (*shortenings*) dos quais trata Crystal (2009). No primeiro caso, uma expressão é reduzida a suas iniciais, por meio do processo de siglagem, como “LOL”, tão usado em inglês no contexto virtual, que significa ‘*laughing out loud*’. Os exemplos de uso não virtual são, nesse caso, incontáveis e oficiais, tais como SUS (Sistema Único de Saúde) ou EME (Escola Municipal de Ensino). No

segundo caso, uma palavra é encurtada de tal maneira que a forma reduzida ganha autonomia, o que é natural nas línguas, tal como ocorre em (tele)fone ou moto(cicleta).

O que, talvez, chame mais a atenção no tocante ao sistema de escrita das mensagens eletrônicas, parecendo algo típico e peculiar do mesmo, são as unidades gráficas mais pictóricas, como pictogramas e logogramas, presentes também em línguas como o chinês.

Nos pictogramas virtuais, cada símbolo gráfico equivale não a sons componentes de palavras que representam ideias, mas aos próprios conceitos, como os *emoticons*, utilizados para expressar sentimentos, por exemplo. Dificilmente são construídas sentenças como “Estou ☺”. O mais habitual é expressar sem valor vocabular o sentimento, tal como em “Legal! ☺”, trecho em que o símbolo “☺” reforça a ideia de receptividade de algo dito anteriormente pelo outro interlocutor, não substituindo/representando a palavra “feliz”. O que pode parecer inovador, porém, não o é de maneira geral, mais uma vez: o chinês, por exemplo, é um sistema de escrita que se assemelha a esse recurso, visto que os ideogramas são representações gráficas de ideias²⁰. A diferença crucial é, porém, que há também uma imagem acústica atribuída ao símbolo gráfico. No caso do egípcio, porém, a proximidade é um pouco maior, visto que, dentro de sua variedade de tipos de grafemas²¹, há ideogramas comuns, mas há também sinais sem imagem acústica, utilizados para precisar o significado de uma palavra, dando informação sobre o grupo ao qual a palavra pertence. Esses símbolos, não pronunciados na leitura, como os *emoticons*, são designados por Rogers (2005) complementos semânticos, como os determinantes da escrita hieroglífica.

²⁰ Cabe destacar que, conforme explicitado anteriormente, as ideias contidas nos ideogramas (ou morfogramas em relação aos símbolos que representam morfemas, também dotados de significado) são também associadas a uma imagem acústica estabelecida e usada por convenções.

²¹ No egípcio, há grafemas que representam sons (monoconsonantais, biconsonantais e triconsonantais), complementos fonológicos (marcam repetição de sons já grafados), morfemas gramaticais e complementos semânticos.

²² Primeiro faraó do Egito, assassinado pelo irmão e endeusificado como entidade responsável pela justiça no mundo dos mortos.

Observando os exemplos acima²³, é possível identificar os complementos semânticos posicionados do lado direito das palavras, indicando, no primeiro e no segundo par, gênero: respectivamente masculino e feminino . No terceiro caso, o determinativo indica a ideia de deidade, seja relacionado ao substantivo comum ou ao nome do deus egípcio Osíris.

Utilizando-se a definição de Crystal (2009), os logogramas são grafemas cuja base é o som, ou seja, os símbolos sozinhos ou combinados representam sílabas ou palavras inteiras no que diz respeito unicamente ao seu som. É comum, por exemplo, na linguagem virtual, o uso de algarismos para representar sons próximos a sua pronúncia habitual, como nas expressões baseadas em inglês <4you> (for you), <2morrow> (tomorrow), <sk8> (skate) ou <st8> (straight), ou mesmo em português, idioma no qual se poderia indicar palavras como <vo6>. Em japonês²⁴, por exemplo, os caracteres do tipo kana, que não podem ser decompostos, representam moras²⁵, e não ideias, como os kanjis, sendo assim, um tipo de logograma.

Figura 10 - Mensagem virtual com uso do logograma “100sual” e de sequências de grafemas que representam riso, como “kkkkkkkkkk” e “uashduahd”

Fonte: Facebook; ano: 2014.

A inovação da linguagem utilizada na troca de mensagens de texto virtuais/eletrônicas está, pois, não em seus recursos, já antigos e utilizados por diversos sistemas de escrita, mas na combinação dessas opções adaptativas do código escrito, que visam rapidez, economia de espaço, mas também identidade de grupo social e ludicidade na construção dos enunciados.

²³ Fonte de pesquisa dos hieróglifos: http://hieroglyphs.net/0301/cgi/lookup_free.pl.

²⁴ A escrita japonesa é composta por dois tipos de grafemas: kanji, caracteres herdados do chinês que contém informação semântica e imagem acústica, pronunciados da maneira original – pronúncia on – ou japonesa – pronúncia kun; kana, formas cursivas de kanjis originalmente, que passaram a ser usados para representação fonética de moras, sendo hiragana se utilizados para pronúncia de elementos japoneses, ou katakana, se utilizados para pronúncia de palavras estrangeiras.

Em relação a isso, é importante lembrar que as primeiras mensagens de texto enviadas por aparelhos celulares restringiam o número de caracteres por mensagem, de forma que quanto maior o número de grafemas, sinais de pontuação e espaços, mais alta era a tarifa a ser paga pelo usuário. Hoje, no entanto, apesar das tarifas terem sido barateadas, e de haver até mesmo aplicativos de envio gratuito de mensagens ilimitadas por *wi-fi*, como o conhecido *WhatsApp*, a prática do uso dessa tendência é já familiar, e intensificada, por exemplo, pelo *Twitter*, site de postagens que limita as mensagens a 140 caracteres, motivo pelo qual “*writers on Twitter forums recommend several strategies, such as the use of contractions, logograms (e.g. & for and), abbreviations, the use of single (not double) spaces at sentence ends, elliptical sentences (e.g. omitting I as a subject), and a range of relevant but vague avoidance principles, such as ‘leave out unnecessary words’ or ‘omit unnecessary punctuation marks’*” (CRYSTAL, 2011, p. 44), ou seja, escrever utilizando a menor quantidade possível de caracteres tornou-se uma tendência em meio eletrônico-virtual, mesmo sem motivador financeiro, bem como o sistema de telégrafos, no qual o custo de envio da mensagem é baseado no número de caracteres que compõe a mensagem.

É a partir da constatação de que a prática comunicacional escrita passou por bastantes transformações principalmente dos anos 90 até o presente momento - devido aos novos contextos possíveis relacionados à internet, suas ferramentas, restrições e possibilidades - que se pretende neste estudo analisar os efeitos dessas mudanças sobre uma forma tradicional de escrita em suporte físico: as produções de texto escolares. A influência das novas formas de comunicação virtuais, no entanto, segundo estudos recentes, não ocorre somente sobre as escolhas linguísticas dos internautas em seu cotidiano, mas também sobre o funcionamento de seu cérebro²⁶, sendo, pois, possível, a pesquisa dos efeitos do contato virtual, sob perspectivas científicas de áreas diversas além da Linguística, tais como a Psicologia ou a Antropologia. Dessa maneira, aqui será considerado somente um pequeno recorte das possibilidades de estudo desse assunto tão vasto, rico e constantemente mutável que são os frutos do advento moderno da informática e da internet.

²⁶ Nicholas Carr trata mais detalhadamente do assunto em seu livro *The Shallows*, no qual afirma-se, por exemplo, que “*recent brain studies reveal that considerably less of the brain is activated in reading words formed from phonetic letters than in interpreting logograms or other pictorial symbols* (CARR, 2010b, p. 51) e “*Although all Reading makes use of some portions of the frontal and temporal lobes for planning and for analyzing sounds and meanings in words, logographic systems appear to activate very distinctive parts of [those] areas, particularly regions involved in motoric memory skills*” (WOLF apud CARR, 2010b, p. 51-52). Obs.: referência original: WOLF, Maryanne. *Proust and the Squid: the story and science of the reading brain*. New York Cuty: Harper, 2007.

4 CONVERGÊNCIA ENTRE SISTEMAS DE ESCRITA

Como já citado em capítulos anteriores, a variação e, conseqüentemente a mudança linguística, não ocorrem aleatoriamente, mas motivadas por fatores internos das línguas, conforme afirmava Saussure (2012) e os estruturalistas de maneira geral, mas também externos (ou sociais), segundo, por exemplo, Thomason e Kaufman (1988), ou os cientistas da linguagem que se baseiam em uma abordagem sociolinguística da questão, de maneira geral. Por mais que ambas as visões, quando radicais, sejam restritivas em relação à qualidade de motivadores desse processo, em pleno século XXI essa dicotomia complementativamente mútua é inegável, vista a quantidade de estudos publicados que comprovam a veracidade de ambas as situações. Dessa maneira, pode-se afirmar que, tanto a analogia e os processos de assimilação e dissimilação quanto o contato entre línguas ou sistemas de escrita em meio social, possuem influência sobre a língua e seus representativos (fala e escrita).

4.1 Analogia e processos fonológicos

A analogia, segundo Saussure (1996), é um processo natural das línguas. Trata-se de uma ocorrência atemporal, porém sincrônica, por acontecer em todas as épocas e basear-se na coexistência de formas variantes, criadas em semelhança parcial a outra(s), buscando-se regularidade formal sem que, porém, a nova forma, derivada, substitua a forma antiga, primitiva.

Por mais que na obra saussuriana o termo “analogia” tenha sua significação comumente relacionada aos processos gramaticais, cabe destacar que os processos analógicos podem envolver não somente o nível morfológico, mas também o semântico e o fonológico. Observe-se, por exemplo, a relação entre substantivos e verbos da primeira conjugação em sua forma da primeira pessoa do singular, abaixo citados:

o choro / 'ʃorɔ/
o almoço /aw'mosɔ/
o fecho /'feʃɔ/

eu choro / 'ʃɔrɔ/
eu almoço /aw'mɔsɔ/
eu fecho /'feʃɔ/

A analogia em nível morfológico é perceptível tanto na comparação dos termos que compõem as linhas, quanto naqueles dispostos em colunas. No primeiro caso, as palavras são formadas fazendo uso do mesmo radical, que denota relação de significado semântico: o ato de chorar baseia-se na produção do choro, o de almoçar na ingestão do almoço, e o de fechar no uso do fecho. No segundo sentido de observação, é justamente o grau de abertura da vogal da sílaba tônica de cada palavra, na pronúncia, que demarca a comum classe gramatical de cada coluna, diferenciando-a da outra, mesmo as formas gráficas sendo iguais: na primeira coluna, dos substantivos, essas vogais possuem grau de abertura menor do que na segunda, das formas verbais, em que é possível também identificar –o como desinência verbal que indica pessoa e número de forma comum. Dessa maneira, é possível afirmar que, nessa situação, por exemplo, é impossível desvincular o nível semântico ou fonológico do morfológico no processo analógico.

Para Saussure (1996), os processos analógicos são possíveis graças ao imprevisto inconsciente, responsável pela criação de novos termos com base na semelhança de formas de termos que já existiam e eram utilizados no sistema comunicacional, ou seja, é, pois, a comunicação - no sentido de uso da língua tanto de maneira escrita quanto falada - o grande motivador desse processo, de base não somente linguística, mas social e psicológica. Seu intuito não é promover a simplificação da língua, visto que uma forma para se aproximar de uma deve também se diferenciar de outra, mas a inovação de algumas formas e, ao mesmo tempo, a manutenção de outras.

É importante, pois, destacar que esse processo não é previsível, linear e padronizado. Para Saussure (2012), por mais que “a analogia se exer[ça] em favor da regularidade e tend[a] a unificar os processos de formação e de flexão” (p.218, grifo meu), ela leva à coexistência de formas antigas e novas, sendo as últimas criadas com base em interpretação das unidades componentes das palavras, o que não tende à substituição e mudança, pois a forma nova pode não ser bem aceita pela comunidade de fala a longo prazo, sendo, com o tempo, eliminada. Devido a isso, não é possível estabelecer um padrão a ser seguido na variação linguística por analogia: as palavras sofrem mudanças fonológicas por assimilação, dissimilação ou simplificação peculiarmente, não é porque a monotongação (ou síncope) ocorre na comunicação virtual e na fala comumente em palavras como <pouco> / <poco> ou <touro> / <toro>, que o processo sempre irá ocorrer, em qualquer tempo, local e vocábulo. <Mouro>, por exemplo, não é usualmente monotongado. É possível, por exemplo, encontrar em um texto formas não comuns em seu gênero, como o uso de abreviaturas típicas da comunicação síncrona virtual, em uma redação escolar, trata-se de situações específicas em que o uso

dessas formas foi concretizado, sendo possível, muitas vezes, que a mesma palavra possa ser escrita de outra maneira pela comunidade linguística estudada ou mesmo pelo redator, em outro texto, considerando-se a variação linguística a nível individual e contextual.

A variação fonológica, que leva à mudança, é mais frequente, visto o caráter mais variável e mutável do aspecto sonoro, enquanto as analogias morfológicas são um pouco menos frequentes por envolverem aspectos gramaticais mais complexos e de implicação semântica mais acentuada, mas ambos os fenômenos partem da fala (ou da escrita, considerando a abordagem-base na presente pesquisa da variedade híbrida da língua utilizada virtualmente), concretização da língua, visto que, segundo Saussure (2012), “nada entra na língua sem ter sido antes experimentado na fala” (p. 226), mas “a língua retém somente uma parte mínima das criações da fala” (p. 227).

A analogia é, pois, um processo (psico)lógico e associativo, e não necessita de conhecimento histórico da língua por parte do falante para ocorrer, ou seja, é sincrônico, não diacrônico. Não é necessário saber que o *-s* era já no caso latino que deu origem ao português marca de plural para distinguir o número das palavras “árvore” e “árvores” ou “livro” e “livros”, por exemplo. O falante interpreta o morfema *-s* por meio da observação (mesmo que indireta e inconsciente) do padrão recorrente. Assim, palavras aprendidas recentemente e estrangeirismos, por exemplo, possuem um padrão estabelecido por analogia, uma vez que sua etimologia não é conhecida pelos falantes, mas são estabelecidas relações de sentido com base na observação de modelos analógicos. “Deletar” pode ser reconhecido como verbo por um falante devido à sua vogal temática *a* e sua desinência de infinitivo *-r*; o termo pode ser associado à tecla com a identificação <delete>, presente no teclado dos computadores, que possui a função de apagar, por associação, de forma que o falante interpreta seu sentido não pela origem latina, do verbo “*delere*”, ‘destruir’, ‘apagar’, ‘eliminar’, mas pelo termo da informática que lhe é mais próximo e usual no século XXI.

Seu aspecto psicológico se destaca na observação e interpretação inconsciente das palavras, seus morfemas e funções, que levam à construção de modelos existentes e à criação de modelos possíveis na psique humana. Os significantes, dessa forma, são associados a significados de caráter mais semântico (raízes) e significados também de caráter gramatical (afixos, desinências), podendo ser recombinaados para que se construam novas formas, semelhantes em forma e sentido às anteriores.

Nous entrevoyons un lien entre l'association et la grammaire <conscientes ou non> bien étudiées <équivaldra aux> classements conscientes, méthodiques que pourra faire un grammairien, sauf sur un <seul> point: le grammairien fera intervenir l'histoire. (SAUSSURE, 1996, p. 66).

Devido a isso, é possível afirmar que, bem como a língua possui uma ordem lógica, que a torna inteligível aos falantes por meio de um contrato coletivo, no nível da organização dos termos, as palavras também possuem sintaxe interna, que determina por contrato coletivo a ordem dos elementos linguísticos (morfemas), sejam eles gramaticais, como sufixos, ou também lexicais, como prefixos e radicais. Dois elementos não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo em um termo, e o sentido da palavra é instituído pela analogia entre o sentido de cada componente, no conjunto.

A coexistência de formas reforça a ideia de inovação, e não corrupção da língua, pois uma nova forma não substitui a outra, não apaga ou modifica a anterior. Formas de infinitivo como <pedi> e <ouvi>, típicas construções da fala informal do português brasileiro contemporâneo, influenciam a escrita na linguagem híbrida da comunicação virtual, se alternando com seus correspondentes <pedir> e <ouvir> frequentemente. Da mesma maneira, qualquer verbo no infinitivo, seja na fala, na escrita virtual, ou até mesmo na escrita formal – como em redações escolares –, por lapso momentâneo de contexto de produção, pode ser utilizado com sua marca gramatical tradicional de infinitivo, -r, ou sem a mesma, sem que haja necessariamente prejuízo de interpretação e compreensão do falante que, por analogia a outras ocorrências, compreende o enunciado.

Por esses lapsos individuais de adequação das formas em seus contextos, por exemplo, as formas usuais da língua dão origem a novas combinações, que somente ao serem utilizadas socialmente são fixadas na comunidade linguística, e passam a competir com as formas oficiais, que lhe deram origem, como ocorreu com as formas gráficas alteradas devido a metaplasmos em épocas passadas. A criação dessas novas formas, porém, não é necessariamente atrelada à corrupção linguística do primeiro sistema, padrão: a nova forma não substitui a anterior. Mesmo que, com o tempo, haja possibilidade da forma antiga se tornar menos usual; isso não significa que a nova a substituiu. Se a forma menos usada for esquecida ou não, a nova passará a servir como modelo analógico a novas formas que hão de ser formuladas. O processo não é eliminatório, pois, mas competitivo. Não é porque formas como “embora” - originada da hipossegmentação e das transformações de “em boa hora” - se difundiram e passaram ao léxico oficial do português, que estruturas encontradas no *corpus*

que se apresentará nos capítulos seguintes como <derepente> e <comcerteza> – que passaram também por hipossegmentação – ou <com migo> e <dês de> – que passaram por hipersegmentação – serão inseridas oficialmente em nosso vocabulário comum.

A analogia é gramatical e se baseia, de modo geral, na semelhança e na diferença para a criação de novas formas, processo que permite a perpetuação de formas antigas, reutilizadas. No cérebro do falante, os termos das palavras, recombinações, são reconhecidos tanto por sua semelhança quanto pelo contraste de suas diferenças, formando grupos com base na relação dos componentes de cada palavra e de palavras diferentes. Trata-se, portanto, de um procedimento mental da linguagem necessário para a inovação e a manutenção do léxico de uma língua, que pode ocorrer entre diferentes sistemas de escrita representantes da mesma língua, ou entre sistemas de escrita que representem línguas diferentes, em contato mesmo que virtual/tecnológico por meio dos meios de comunicação modernos.

4.2 Contato de sistemas de escrita

Tratar de contato de línguas (ou, em relação a essa pesquisa, de sistemas de escrita) implica pensar sobre questões político-sociais que envolvem as línguas, uma vez que as motivações dos empréstimos²⁷ e transferências gramaticais²⁸ possuem esse caráter. Relações analógicas (in)conscientes - termo cujo significado, nesse item do capítulo 4, será mais amplo que o conceito saussuriano, baseando-se na ideia de similaridade tanto gramatical quanto fonológica e gráfica - são feitas em palavras utilizadas em sistemas diferentes de representação da língua, devido à convivência frequente (e às vezes simultânea) do falante com os mesmos, o que é inegável. No entanto, o que motiva essa busca por aproximação de formas, talvez mais aparente ao se analisar empréstimos lexicais (com ou sem modificação da palavra ou forma importada de outro sistema), são fatores sociais, dentre os quais Winford (2003) cita: a necessidade de formas e palavras novas para representar o que foi desenvolvido ou criado em uma época ou localidade específica, tal como tudo o que diz respeito à tecnologia da informática no final do século XX e início do XXI; modismo, relacionado à identidade de grupos sociais distintos, o que justifica o uso de recursos como *emoticons* em mensagens não virtuais, principalmente de caráter informal, típicos da comunicação síncrona

²⁷ Dizem respeito ao nível lexical e, consequentemente, semântico, pois as palavras carregam com seu significante significados convencionados pela comunidade de fala.

²⁸ Mudanças no nível gramatical, principalmente morfológico.

virtual por celulares, *tablets* e computadores; e prestígio, considerando-se que ter domínio de um sistema de escrita ou de uma língua torna o falante (ou redator) apto a participar socialmente da comunicação grupal por ser visto como proficiente.

Além disso, para compreender as relações de contato linguístico e suas consequências - tais como a mistura de códigos, importações de vocábulos, transformações fonológicas, gramaticais ou gráficas que aproximam representações diferentes -, é preciso pensar sobre intensidade de contato, pressão social e cultural aos quais são submetidos os usuários dos sistemas linguísticos, além dos valores sociais envolvidos.

4.2.1 Variação linguística, *pidgin* e o contato entre sistemas linguísticos e de escrita

As línguas, tanto apenas faladas quanto também escritas, conforme explicitado no capítulo 2, passam por constantes processos de manutenção e renovação. É, pois, o falante, o indivíduo que a utiliza, concretizando-a por meio da fala e/ou da escrita, e adequando seu uso ao contexto de produção das sentenças e ao seu objetivo comunicacional, sendo ele a peça-chave que mantém a língua viva. Cabe destacar, baseando-se nisso, o caráter plural das línguas não somente dentro de cada comunidade de fala, mas em cada falante. Além disso, como se desenvolverá nesta dissertação, com base na ideia de que “*contact situations resulting in language maintenance, language shift, or pidgin genesis*”(THOMASON; KAUFMAN, 1988, p.49), para a compreensão da ideia de variação linguística principalmente no século XXI - cada vez mais globalizado, no qual o acesso à informação expressa em diferentes línguas é cada vez mais facilitado -, é essencial levar em consideração a influência que uma língua pode exercer sobre a forma de se comunicar de um indivíduo falante nativo de outra língua, que tenha contato com a primeira citada, o que se estende também ao nível de comunidades de fala.

Da mesma maneira que o contato com o chinês por meio de professores coreanos levou à formação da escrita japonesa em um contexto político e social no qual não havia língua genuinamente oficial nacional, o desenvolvimento de novas tecnologias de envio de mensagens, tais como computadores e celulares, levou ao desenvolvimento de um código de escrita similar parcialmente à variedade padrão de línguas como o português e o inglês - visto que as utilizam como base -, porém repleto de particularidades devido ao seu caráter dinâmico, efêmero e híbrido, imitando, às vezes, a fala por meio da escrita.

Os sistemas de escrita são formados e desenvolvidos de diferentes maneiras, por meio do uso de caracteres inovadores e inéditos, ou por meio de grafemas já existentes em outros sistemas, como foi explicitado anteriormente, no capítulo 3. No entanto, é o contato que motiva a aproximação ou o afastamento dos sistemas, com o passar do tempo. Dessa maneira, uma língua que surja utilizando outra como base pode, ao ganhar autonomia, tentar se diferenciar fonologicamente dela ou adaptar-se de acordo com o uso habitual de fonemas por uma comunidade de práticas articulatórias diferentes²⁹. Exemplo disso é o japonês, que desenvolveu pronúncia peculiar para caracteres chineses que permaneceram em seu sistema de escrita, ou se aproximar léxica, fonológica ou gramaticalmente e também influenciar a língua base, como ocorre entre o sistema de escrita padrão do português e o sistema utilizado para troca de mensagens de texto virtualmente por celulares e computadores: M1 (variedade padrão escrita do português) fornece a M2 (*txtng*) vocábulos e base gramatical inicial, adaptados devido ao contexto tecnológico de uso; no entanto, M2, variedade híbrida de fala e escrita, repleta de vocábulos resultantes entre o português e o inglês, língua “oficial” da informática - que tanto influencia a *txtng* por suas relações tecnológicas - e da internet, fornece também a M1 tanto vocábulos emprestados como <deletar>³⁰, quanto estruturas reduzidas em número de caracteres ou tendências de organização das informações em relação a paragrafação, por exemplo.

O termo “*pidgin*” se refere a um fruto da variação linguística e do contato e, segundo Thomason (2001, p.12), pode ser descrito como “*a strictly secondary language, used for limited purpose*”, normalmente baseado na ideia de comunicação ágil, prática e facilitada que não configura mudança linguística, pois a primeira língua continua existindo de forma inalterada, conforme afirmam Thomason e Kaufman (1988, p.49). Além disso, ainda sobre sua definição e origem, *pidgins* são:

[...] *languages lexically derived from other languages, but which are astructurally simplified, especially in their morphology. They come into being where people need to communicate but do not have a language in common. Pidgins have no (or few) first language speakers, they are subject of language learning, they have structural*

²⁹ Alguns fonemas comuns em algumas línguas não são utilizados em outras, como ocorre, por exemplo, com a sequência [ão], típica do português, frequentemente pronunciada com dificuldade, ou não articulada da mesma maneira por falantes estrangeiros que aprendam nossa língua, e falantes nativos.

³⁰ Por mais que a origem do verbo seja latina, *delere* (destruir, apagar) seu uso é mais comum no contexto da informática, sendo, porém possível formular e utilizar estruturas como “Deleti da minha cabeça o último final de semana”. Carr (2010b) inclusive faz referência várias vezes à prática comum de utilizar termos relacionados à internet para se referir a funções cerebrais, devido à comparação do funcionamento de um computador e do cérebro humano no tocante ao processamento de informações e organização de tarefas.

norms, they are used by two or more groups, and they are unintelligible for speakers of the language from which the lexicon derives. (BEKKER, 1994, p.25)

[...]

Typically, pidgins arise in situations of language contact, as we have stated above, when people who require to communicate do not speak each other's languages. These may be colonization, exploration, trade or multilingual work-force situations. The different circumstances may produce different linguistic outcomes. (BEKKER, 1994, P.28-29)

Considerando-se as características que definem *pidgin*, no nível dos sistemas de escrita como representação das línguas, é possível afirmar que a linguagem virtual utilizada na troca de mensagens de texto – ou *txtng* como a denomina Crystal (2009) – pode ser considerada equivalente a um *pidgin* escrito do padrão da língua portuguesa, da língua inglesa e de outras línguas, em cada contexto relacionado a seu correspondente de origem, pois se baseia em seu vocabulário e em sua gramática, adaptando-os por meio de recursos e usos específicos motivados pelo contexto tecnológico da informática e, principalmente, da internet, cuja finalidade principal é a comunicação veloz.

Outro produto do contato entre línguas, que destaca seu caráter de renovação e produção linguística, são as línguas crioulas, por exemplo, criadas, segundo Winford (2008) com base na mistura de línguas diversas, ou seja, produto do contato e da miscigenação de línguas, de forma a ultrapassar os limites dos empréstimos e das transferências gramaticais, considerando-se que não é possível dizer que o vocabulário provém de uma única língua e a gramática de outra, por exemplo. Essas línguas não são continuação histórica de outra, mas uma nova versão de suas variedades usuais, não ensinadas na escola e não oficiais, mas que possuem identidade cultural regional, apesar de sua origem plural.

A *txtng*, por exemplo, não poderia ser considerada um tipo de crioulo, pois é originada, no Brasil, da língua portuguesa, e em cada localidade da língua dominante que lhe corresponde, ou seja, por mais que utilize estruturas comuns em outras línguas, como se viu anteriormente, somente o faz pela liberdade que o contexto de comunicação e a própria língua lhe permitem. Não foi necessário contato com o árabe, por exemplo, para que se passasse a usar no sistema de escrita virtual do Brasil a omissão de vogais.

Assim como os *pidgins*, que equivalem a línguas, essa forma de comunicação escrita, utilizada digitalmente, possui tanto fatores internos quanto externos que possibilitaram sua formação, ou seja: tanto as possibilidades de assimilação e analogia da língua-base (variedade padrão escrita do português, por exemplo) quanto o contexto social da globalização e do uso da internet e de celulares para comunicação escrita de caráter oral. Considerando-se que os

motivadores internos são bastante semelhantes ao que se encontra na variação cotidiana de uma língua, que nem sempre leva à formação de *pidgins*, é, pois, possível afirmar que o limite entre variação e criação de um novo sistema (linguístico ou de escrita) são os motivadores sociais. A *txtng* surge para suprir necessidades que a variedade padrão da língua não permitiria em seus limites mais tradicionais, como: a economia extrema de letras para economia monetária e escrita rápida, considerando-se as tarifas de operadoras de celular por uso de caracteres e a necessidade de aproximar a comunicação escrita da agilidade da comunicação oral; a transmissão de sentimentos por meio de símbolos que representam as expressões faciais presentes na comunicação presencial;

Quanto à extensão do contato do sistema de escrita padrão da língua portuguesa no Brasil com seu sistema de escrita virtual correspondente, é possível afirmar que a mesma é restringida somente ao acesso dos falantes à internet e às redes de comunicação móvel por meio de *sms* ou de aplicativos de comunicação síncrona, pois é esse o domínio em que ocorre a comunicação por meio do uso de estruturas peculiares, considerando-se que o código de escrita padrão é encontrado em textos do cotidiano escolar, profissional e de mundo em geral. Devido ao uso cada vez mais frequente da variedade não-padrão, que só tende a se expandir, algumas de suas características comuns podem interferir no uso do sistema de escrita padrão, de caráter não virtual, assim como ocorre em situações de contato de línguas em regiões de fronteira, por exemplo, tanto no que diz respeito a empréstimos lexicais e de padrão ortográfico, quanto a outras preferências de padrões estruturais, de caráter gramatical, o que será estudado nos capítulos que seguirão, chamadas por Thomason (2001) de interferências ou transferências e por Winford (2003), imposições.

Saber escrever seguindo as regras ortográficas vigentes da variedade padrão das línguas oficiais é, porém, ainda, essencial para aceitação social do falante, na maioria das sociedades que possuem e fazem uso do acesso à internet ou envio de mensagens via operadoras de celulares, visto que documentos e contextos não virtuais requerem esse sistema de escrita, valorizada e necessária por seu prestígio em sociedades grafocêntricas³¹. Não é adequado usar a *texting* em uma redação escolar, em um relatório ou qualquer tipo de documento oficial e legal. Da mesma maneira, dependendo do grupo com o qual se comunique por mensagens, o uso de estruturas mais elaboradas, formais, ou não condizentes com o sistema virtual e suas características pode acarretar estranhamento ou não aceitação do emissor pelo grupo. Um código de escrita pode ser considerado ininteligível fora de seu

³¹ O termo, nesse caso, é utilizado para designar as sociedades em que a escrita possui valor documental e oficial.

contexto de uso, bem como a utilização de estruturas de um sistema de escrita em outro, pois podem impedir ou atrapalhar a compreensão das sentenças, prejudicando, assim, a função comunicativa da escrita.

4.2.2 Empréstimos e transferências

O contato influencia diversos níveis das línguas, representados pelos sistemas de escrita, de acordo com o tempo e a intensidade do contato, além do prestígio das línguas ou dos sistemas de escrita. No nível lexical, como se pode perceber mais facilmente, empréstimos são constantes, enquanto nos níveis morfológico, fonológico e até mesmo sintático, as modificações, mais estruturais, muitas vezes necessitam de análise linguística mais precisa para serem identificadas. Para Weinreich (1953, p.44 apud THOMASON; KAUFMAN 1988, p.43)³², por exemplo, na aceitação de transferências de contato por parte da gramática normativa é menor do que a aceitação e incorporação de acréscimos lexicais, pois a língua possui “*a complex resistance to interference*”, enquanto o léxico é mais maleável à inserção de novas formas.

Segundo Winford (2008, p.3 a 4), as transferências (influências) possíveis entre duas línguas que entrem em contato se delimitam e direcionam pela relação social das línguas. Ele aponta que os empréstimos lexicais ocorrem normalmente na língua que não é a dominante oficialmente na comunidade de fala, ou seja, a língua oficial normalmente doa vocábulos à língua secundária, enquanto as transferências gramaticais – que ele chama de imposições – ocorrem na língua dominada, de menor prestígio. Em relação ao contato dos sistemas de escrita padrão e virtual da língua portuguesa, por exemplo, é possível afirmar que o vocabulário-base da segunda variedade, não oficial, nem dominante, baseia-se no vocabulário da primeira, ou seja, assim como ocorreu na formação do japonês, que possui base parcial no chinês, a *txtng* utiliza como ponto inicial o vocabulário e as estruturas gramaticais da variedade padrão, que são adaptadas e transformadas de acordo com seus objetivos comunicacionais, além de mescladas a novos recursos. Além disso, como se observará nos capítulos de análise que seguirão, as transferências do sistema de escrita virtual sobre o padrão se dão quase sempre no nível gramatical, e não lexical, com destaque ao encurtamento

³² WEINREICH, Uriel. **Languages in contact**: Findings and Problems. New York: Publications of the Linguistic Circle of New York, 1953.

e à fragmentação de palavras e sentenças, o que se explica ao se considerar a relação social de ambas, conforme descreve Winford: a *txtng* é menos prestigiada, não dominante.

Empréstimo é processo comum, porém que requer um pouco de tempo para se acentuar em uma nova língua ou em um novo sistema de escrita, seja ele oficial padrão ou virtual, considerando-se que, na situação específica abordada nessa dissertação, o contato é mútuo, tendo direção bilateral. Com o advento tecnológico da informática, porém, e da mobilidade, em complemento a invenções anteriores como a luz elétrica ou os meios de transporte desenvolvidos ou aperfeiçoados desde o século XX, a noção de tempo tem se tornado cada vez mais fugidia, o que significa que formas linguísticas que antes demorariam séculos ou décadas para se cristalizarem podem passar por esse processo em questão de anos.

Another type of 'distant' contact leading to lexical borrowing can be found in the spread of global communication such as radio, television, and the internet. These have facilitated the spread of vocabulary from (American) English in particular to many other languages. In some cases, that influence has been strong and pervasive, even though the contact is supposedly 'distant' (WINFORD, 2003, p. 31).

Não é, pois, mais necessário contato intenso e prolongado para que vocábulos sejam emprestados: basta que os falantes considerem o termo a ser importado importante ou prático para seu sistema comunicativo, motivo pelo qual é mais comum, mas não obrigatório hoje, que as palavras que passam por esse processo não possuam correspondente na língua receptora, ou ao menos não no contexto específico em que serão aplicadas. Ainda segundo Winford (2003, p.53), após dois sistemas linguísticos (e é possível se acrescentar “de escrita”) existirem individualmente, serem utilizados e estarem em contato, “*the assumption that basic vocabulary is almost immune to replacement via borrowing is vital to assessments of language relatedness via the comparative-historical method*”, ou seja, é mais raro que se importe palavras típicas do cotidiano de uma comunidade linguística, pertencentes a seu vocabulário de base, pois se trata de algo difundido e enraizado. Casos específicos de empréstimos de termos cotidianos comuns, normalmente pertencem a contexto de imposição, e não importação dos vocábulos por necessidade de uso, em que uma língua dominante é forçadamente adquirida por um povo, por exemplo, em colonização. Nesse caso, as “novas” palavras podem ser incorporadas, mas não há substituição obrigatória no repertório do falante à palavra que ele já utilizava, ou seja, ambas as formas passam a coexistir, por mais que a

“nova” tenha que ser obrigatoriamente utilizada em situações de monitoramento ou necessidade por motivos políticos e sociais.

Os empréstimos podem ser pontuais e contextuais, como no caso dos estrangeirismos (THOMASON; KAUFMAN, 1988, p.52), mas também há casos maciços, como ocorreu com o japonês em sua formação com base nos caracteres e palavras chineses, ou com a *txtng*, que se baseia no vocabulário da variedade padrão de uma língua, como citado anteriormente. O fato é que emprestar vocábulos de uma língua não significa simplesmente importar a palavra, mas adaptá-la em forma e/ou significado, aproximando-o das estruturas da língua receptora em forma, ou da língua de uso inicial na situação de contato e/ou novo contexto de uso da língua receptora, no tocante a significado. Um exemplo que pode ser citado são palavras relacionadas à informática que foram emprestadas pela língua portuguesa no processo de modernização tecnológica da segunda metade do século XX: o vocábulo “formatar”, por exemplo, nem se quer listado por Holanda (1988) em seu **Minidicionário da língua portuguesa**, tem sua etimologia, segundo Houaiss (2009, p. 917), no inglês “*to format*”, cujo significado equivale a “dar ‘forma’”; por mais que exista a possibilidade de uso do termo em contexto não relacionado à informática, com mero sentido de organização, como registrado por Borba (2002, p. 730 a 731), em estruturas como “[...] os bretões, que formataram o futebol moderno...”, seu uso comum no português diz respeito à área da informática, em estruturas usuais como “formatar um texto” (dar formato padrão), “formatar os arquivos” (delimitar ordem, comprimento dos campos de codificação) ou “formatar um disco rígido” (apagar os dados nele presentes para possibilitar uma nova disposição de dados a serem gravados). São, pois, o contexto motivador dos empréstimos e o contexto de uso, essenciais para delimitação das adaptações dos vocábulos adquiridos pelo contato.

Outra situação que diz respeito a vocabulário, semelhante aos empréstimos, da qual tratam Thomason (2001) e Winford (2003), é a mistura de códigos de duas ou mais línguas que estão em situação de contato. Nesse caso, as palavras não são adaptadas a uma língua que as recebe, mas usadas em sua forma original em estruturas de uma língua que não lhe seja correspondente, ou seja: o falante de uma língua, por estar em contato com outra em contexto de aprendizagem formal ou de simples comunicação informal, ao não encontrar ou não se lembrar de palavra em sua língua que represente o que quer expressar, usa termos da outra, criando estruturas como “Eu quero um *hot dog*”³³ ou “Querido amigo, como você tem

³³ Falante do português que usa o termo estrangeiro em lugar do correspondente em sua língua “cachorro-quente”.

passado? Eu tenho me sentido tão ☹ ultimamente!”³⁴. Segundo Thomason (2001, p. 54), “*code-switching is one type of conversational strategy used by bilinguals*”, ou seja, esse processo de mistura não indica que o falante não é capaz de se comunicar em uma única língua, mas sim que o mesmo conhece bem duas estruturas distintas a ponto de usar uma para suprir dificuldades que tem com a outra, pois “*code-switching is a sign of bilingual competence, not incompetence*”. Os limites de uso dessa estratégia, porém, que definem o que é auxílio e o que é problema para a compreensão dessas sentenças mescladas de caráter bilíngue são estabelecidos, conforme afirma Winford (2003, p. 40) pelas normas de comportamento (identidade grupal) e estruturas usuais de cada comunidade de fala, objetivando-se sempre a comunicação eficiente, e não problemática. No primeiro exemplo citado acima, o uso de “*hot dog*” é compreensível em boa parte do contexto brasileiro em que o lanche é comercializado, ao ponto de ser usual em alguns lugares o uso do empréstimo modificado informal “dogão”, originado do termo em inglês, que destaca a ideia da adaptação do lanche no Brasil para uma versão com recheio muito mais completo e variado do que a versão norte-americana, tradicionalmente composta por salsicha, mostarda e ketchup, ou seja, não ele é compreensível em seu contexto de uso. Já no segundo caso, o uso do *emoticon* não somente dá margem a mais de um significado, que varia entre “triste”, “desapontado”, “deprimido”, o que poderia ser evitado com o uso da palavra em língua portuguesa padrão, quanto representa uso inadequado inclusive para a estrutura da *txtng*.

As transferências, de caráter gramatical, menos aparentes no nível lexical e de mais destaque nos níveis fonológico e morfológico, são mais dependentes do contato de grupos linguísticos com diferentes línguas ou sistemas de escrita, ao contrário dos empréstimos, que podem ocorrer mais vagarosamente, partindo de aceitação de vocábulos por indivíduos, particularmente. Recursos típicos do código de escrita virtual, tais como abreviaturas, logogramas e fragmentação de sentenças são utilizados de maneira coletiva, e não devido a preferências individuais. A frequência e a adequação contextual de uso são sim individuais, pois os recursos não são obrigatórios, mas sua prática de forma geral é definida por convenções que a tornam admissível e inteligível. Dessa maneira, se uma comunidade de fala (e escrita, nesse caso) utiliza peculiaridades de M2 em produções de texto que deveriam seguir a variedade padrão da língua portuguesa e seu sistema gráfico correspondente, as transferências gramaticais somente não configuram problema grave de inteligibilidade (e ao

³⁴ Falante que ao escrever usando a variedade padrão em contexto informal - por exemplo, uma carta ou *e-mail* - insere um *emoticon*, estrutura da *txtng*, para representar seu estado de espírito, sendo que o utiliza em substituição a uma palavra, e não de forma complementar, como é habitual na variedade virtual.

mesmo tempo se tornam possíveis) porque todo um grupo, e não somente o indivíduo redator, tem contato com o sistema originário da estrutura.

Da mesma forma que os empréstimos, cabe também salientar, as transferências dos sistemas de escrita virtual e padrão que serão citadas nos capítulos seguintes são mútuas, mas, em geral, essa relação, principalmente se tratando de contextos de multilinguismo, podem ocorrer em um único sentido, principalmente se o contexto for de imposição de uma língua politicamente de mais prestígio. As estruturas podem ser assimiladas mais rapidamente do que os empréstimos, principalmente no nível fonológico, no entanto, a frequência do contato deve ser constante para que se configure transferência gramatical.

Na discussão sobre limites de convergência³⁵ no contato de línguas, Myers-Scotton (2002) afirma que o que leva uma língua à mudança não são os empréstimos, mas a variação de estruturas gramaticais, que a autora define como “atrito”, o que se pode justificar também devido ao fato de, no empréstimo, as palavras de outra origem poder ser adaptadas às estruturas usuais e às necessidades da nova língua.

Para Silva-Corvalán (2008, p. 214 a 215), o limite da convergência é a sintaxe, pois as mudanças decorrentes do contato entre línguas - influenciadas pelo meio de produção das sentenças, como destaca Myers-Scotton (2002) - são lexicais e pragmáticas, mas não sintáticas, independentemente do sentido da influência ser de da língua dominante ou para a língua dominante. A sintaxe fragmentada, predominante nas mensagens de texto trocadas via celulares e internet, por exemplo, tem influenciado as escolhas de uso sintáticas da variedade padrão da língua portuguesa a uma tendência fragmentária de sentenças, repleta de elipses que prejudicam a compreensão do conteúdo, além da dificuldade aparente de estabelecer coesão pelo uso de pronomes relativos e conjunções no período composto principalmente por subordinação, que se pode encontrar em produções de texto de usuários assíduos da internet. Isso ocorre graças à fragmentação constante e sem critério de períodos e frases em mensagens de texto, nas quais se torna possível, pelo contexto virtual, a compreensão, apesar de sinais de pontuação, letras maiúsculas em início de período e outras estruturas gramaticalmente convencionais, visto que esse sistema escrito se baseia na interação síncrona dos interlocutores, similarmente a uma conversa face a face; além disso, o código utilizado virtualmente para comunicação possui muitas características da fala, por se aproximar do ato conversacional, como as especificadas por Moraes (2003, p.207) ao analisar a oralidade, tais como uso frequente de elipses e frases significativamente mais curtas que as da língua escrita.

³⁵ É importante lembrar que “convergência” é termo usado por Thomason e Kaufman (1988) e Thomason (2001) para se referir às influências que uma língua pode exercer sobre outra com a qual tenha contato.

É preciso, porém, frisar que a estrutura geral da língua, como esqueleto de suporte, não é por isso modificada. Como a autora frisa, nesse caso, a transferência é pragmática, ou seja, de tendência de uso, e não estrutural no que se refere à sintaxe, considerando-se que o sistema sintático do português permite o uso predominante de orações e períodos fragmentados, cujo significado, muitas vezes, se faz coerente por meio do apoio do contexto.

ahahahahaha
 um relatorio das férias
 então
 a [] falou do seu tio, meus sentimentos
 fomos ver os Mayas na sexta
 minha sinusite é prima do Chico Xavier, na terça e na quarta
 passadas estava fechada a Oca
 precisaram mudar as coisas de lugar
 aí fomos na sexta
 mas tem um povo que quer ir, como a [], o []
 meu novo namorado
 ❤️
 então vou remarcar, na semana que vem

Figura 11 - Exemplo de fragmentação de períodos e quebra da linearidade em mensagens enviadas em site de relacionamento

Fonte: *Facebook*. Ano:2014.

5 ABRANGÊNCIA DA PESQUISA

A informática e a internet, conforme já citado nos capítulos anteriores, mudaram as formas de enviar e receber informações, bem como motivaram o surgimento de um novo sistema de escrita, a chamada *txtng* (CRYSTAL, 2009), cujas características não totalmente originais em mecanismos linguísticos, mas originalmente combinadas, buscam atender a exigências como economia de caracteres, rapidez de digitação e ludicidade, que norteiam a comunicação síncrona ou semissíncrona realizada por meio de aplicativos de celular, programas para computadores ou redes sociais. Como afirma Carr (2010a), nunca se leu e escreveu mais do que na atualidade devido a isso, mas cabe lembrar que o mesmo ocorre fazendo-se uso de um sistema de escrita virtual, que difere do padrão, aprendido na escola.

Se se considerar que “letramento são as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as consequências delas sobre a sociedade” (SOARES, 2002, p. 144), é possível afirmar que o letramento digital tem se popularizado cada vez mais, principalmente entre as gerações mais novas, que passam por esse processo concomitantemente ao de letramento convencional e ao estudo de normas gramaticais no processo de escolarização. O contato com o sistema padrão de escrita, que segue as regras gramaticais tradicionais, frequentemente utilizado em mídias oficiais como livros, jornais, revistas e *sites* oficiais é cada vez menor em vista ao contato com o padrão não oficial das mídias virtuais - em expansão contínua - mesmo porque, segundo Snyder³⁶ (2009, p.37 apud LIVINGSTONE, 2002) “embora as crianças e os jovens continuem a ler livros, eles gastam menos tempo nisso do que suas gerações passadas”.

Partindo-se, pois, da ideia de contato de crianças e adolescentes com diversos tipos de mídia, e de letramento padrão e digital simultâneos, que têm como base sistemas de escrita diferentes de acordo com seu caráter – padrão/físico ou virtual – e seus gêneros específicos correspondentes, o objetivo da presente pesquisa é investigar a extensão dos efeitos do contato desses dois sistemas de escrita distintos sobre a escrita padrão escolar, com base em análise de *corpus*, e com foco em ocorrências ortográficas.

³⁶ A afirmação se baseia na obra de LIVINGSTONE, S. *Young People and New Media: Childhood and the changing media environment*. London: Sage, 2002.

5.1 O *corpus* e seu contexto de produção

O *corpus* da presente pesquisa, utilizado na análise de dados que se seguirá, é composto por sessenta e um questionários de múltipla escolha e cem produções de texto individuais, aplicados a alunos de nível socioeconômico médio a médio-alto³⁷, pertencentes a quatro salas de oitavo ano do Ensino Fundamental II de uma escola municipal situada na cidade de São Caetano do Sul, no primeiro semestre de 2012. Como o objetivo do trabalho é realizar um levantamento dos aspectos linguísticos do meio virtual - principalmente em relação às características do gênero utilizado para troca de mensagens em comunicação síncrona, no tocante à ortografia, a escolha dessa série não foi aleatória, mas baseada em dois critérios: familiaridade com a variedade padrão em ambiente escolar e contato constante com o código de escrita utilizado para envio de mensagens de texto via internet ou celular. Todos os alunos eram já alfabetizados e habituados à prática da produção de texto escolar fazendo uso do código de escrita padrão da língua portuguesa, conforme critérios de avaliação gerais da instituição escolar, bem como, conforme se verá por meio dos dados obtidos pela tabulação do questionário aplicado ao grupo com mais detalhes no tópico a seguir, todos estão em constante conectividade, mesmo que com frequências diferentes.

O grupo que produziu a amostragem utilizada na análise é composto por alunos dos sexos feminino e masculino mesclados, com idade entre doze e quinze anos, que residem em sua grande maioria na cidade em que estudam, ambiente urbano, frisando-se ser esse um dos critérios para obtenção de vaga na rede municipal de ensino da cidade³⁸.

Primeiramente, para a coleta do *corpus* inicial, foi requisitado aos alunos que realizassem - em dupla ou trio - uma entrevista com uma pessoa mais velha, sob o tema “memórias”, a transcrevessem e entregassem³⁹ à professora para correção. Após a devolução do material corrigido, com base nas informações obtidas, cada aluno, individualmente e em sala de aula, produziu um texto pertencente ao gênero “memórias literárias”, seguindo as características já estudadas no decorrer de aulas anteriores, conforme orientações no Manual das Olimpíadas de Língua Portuguesa⁴⁰, retomadas em instruções apresentadas por escrito em

³⁷ Conforme será demonstrado no capítulo que segue, a grande maioria possui computador com acesso à internet em casa, por exemplo.

³⁸ Os dados referentes aos 61 alunos que responderam ao questionário de múltipla escolha se encontram organizados em gráficos no apêndice D.

³⁹ Cópia da folha com instruções fornecidas aos alunos disponível no apêndice A.

⁴⁰ Concurso bienal, inaugurado em 2002, sob iniciativa do Governo Federal. Mais informações podem ser obtidas por meio do site oficial: <https://www.escrevendoofuturo.org.br>.

folha entregue à sala, lidas e comentadas antes da realização da atividade⁴¹. Ao contrário do gênero entrevista - por meio do qual os alunos colheram e organizaram informações a serem utilizadas em sua redação final -, escrito com base em relatos orais que poderiam apresentar marcas da oralidade, os alunos foram orientados a produzir um texto com base na variedade padrão escrita da língua portuguesa. A escolha do gênero dos textos que compõem o *corpus*, porém, não está atrelada ao direcionamento da pesquisa, mas ao fato de ter sido o último gênero textual estudado pelos alunos em sala de aula, ao qual estavam familiarizados.

Cerca de dois meses após a coleta do *corpus* inicial, foco da análise, uma vez que as ocorrências linguísticas que se busca levantar foram extraídas do mesmo, foi apresentado aos alunos um questionário sem identificação de seu nome⁴², com o propósito de conhecer melhor os hábitos de acesso à internet do grupo analisado, buscando-se delimitar o contexto cotidiano de contato com o sistema de escrita típico da internet e dos celulares. No entanto, somente parte do grupo discente estava presente no momento da aplicação do questionário, e os demais se recusaram a respondê-lo posteriormente. Devido a isso, o número de questionários corresponde a somente 61% do grupo. Essa menor amostragem será a base de análise para traçar o perfil dos estudantes no capítulo que segue. Os dados colhidos, de forma geral, serão ilustrados por meio de tabelas e gráficos alternadamente à análise, por extenso.

5.2 Perfil dos alunos que produziram o *corpus* de análise

A fim de melhor compreender as peculiaridades linguísticas que serão indicadas no capítulo seguinte ao que segue, é importante levar em consideração os hábitos de acesso à internet dos autores dos textos analisados. Para isso, serão considerados os 61 questionários de múltipla escolha respondidos, analisados como amostragem do grupo de 100 alunos que compuseram as produções de texto que compõem o *corpus*.

⁴¹ Proposta de redação vide apêndice B.

⁴² Questionário completo vide apêndice C. Os alunos não foram identificados devido às especificidades constantes da autorização de uso das redações e dos questionários recolhidos para análise, assinada pelos pais dos discentes.

5.2.1 Acesso à internet⁴³

Todos os adolescentes que responderam à pesquisa possuem acesso à internet, em níveis e de modos variados: 79% declararam possuir somente um aparelho de acesso à internet, que fica em sua residência. O uso de conexões públicas é pequeno, enquanto o acesso caseiro particular chega quase à totalidade do grupo estudado: 95% se conectam em casa e 13% por meio do celular, enquanto somente 2% utilizam *lan houses*⁴⁴ – como opção não exclusiva de uso - e 0% se dirige a centros digitais públicos, mesmo a cidade em que residem oferecendo acesso gratuito a seus moradores por meio de ao menos dois projetos da cidade: uma unidade do Acessa São Paulo, inaugurada em 2010, e o Centro Digital do Ensino Fundamental, fundado em 2007.

Tabela 1- Local de acesso à internet

Local geral do acesso	Quantidade de alunos	Percentual geral⁴⁵
Residência própria	58	95%
Residência de amigos e/ou parentes	9	15%
<i>Lan houses</i>	1	2%
Centros digitais públicos	0	0%
Celular	8	13%

Fonte: autora.

Aqueles que não possuem rede de internet instalada em casa declaram utilizar o computador de amigos e/ou parentes para ficar conectados ou fazer consultas *online*. Dos 18% que possuem dois pontos de conexão e 13% que possuem três, a grande maioria (57%) vê o celular como segunda ou terceira opção, mas não opção exclusiva, o que chama a atenção para o caráter cada vez mais pessoal e móvel que a internet tem ganhado, paulatinamente, no tocante ao seu acesso: a tendência é que somente aumente o número de usuários de internet por meio de aparelhos móveis, como celulares e *tablets*, pessoais, o que

⁴³ Gráficos com a tabulação dos dados disponíveis no apêndice D.

⁴⁴ Lojas cujo serviço vendido é o acesso à internet por meio de computadores.

⁴⁵ Considerando-se como base o total de 61 alunos, que responderam ao questionário aplicado.

amplia a onipresença virtual, uma vez que se passa a estabelecer comunicação e acessar dados de qualquer lugar e a qualquer hora. Além disso, a necessidade de estar conectado em qualquer lugar tende, gradativamente, a aumentar, devido à crescente busca por informações, típica do século XXI.

Quanto ao início do contato com a internet é importante destacar que 23% dos adolescentes passaram a acessá-la no período concomitante ao de sua alfabetização – entre cinco e sete anos. Se se considerar o período correspondente ao término do Ensino Fundamental II (cerca de dez/onze anos), esse número passa a abranger ao menos 70%, e chega a 95% até os adolescentes completarem doze anos. Com a popularização da internet e o aumento das ferramentas por ela oferecidas, as novas gerações passaram a acessar a *web*, muitas vezes, antes de terem aprendido a ler, decodificar o que leem e escrever. Prova disso é que hoje não é incomum que se veja em espaços públicos como *shoppings* ou consultórios médicos/odontológicos crianças manuseando aparelhos portáteis de acesso à internet, como *tablets*, que lhes permitem, por exemplo, a prática de jogos *online*. Algo a ser frisado, em relação a isso, é que, em boa parte das vezes, essa prática leva à familiarização com termos estrangeiros, visto que muitos softwares são programados originalmente em língua inglesa, e não ao contato com o sistema padrão da língua portuguesa.

Gráfico 1 - Idade do início de acesso à Internet

Em relação ao tempo que os jovens passam conectados por meio de computadores, o grupo analisado apresenta extremos: enquanto 24% acessa a *Web* por uma média de menos de

uma hora por dia (quatro a seis horas semanais), 20% o fazem por mais de vinte e cinco horas semanais. Dentre esses 20%, 92% acessam a internet todos os dias, o que resulta em uma média de mais de três horas e meia diárias, no mínimo, período de tempo razoavelmente longo, considerando-se que o questionário foi aplicado no decorrer do ano letivo, em que os alunos ficam de quatro horas e meia a cinco horas e meia na escola e ocupam seu tempo, além de com afazeres escolares levados para casa, atividades extracurriculares, como curso de idiomas e esportes. Interessante é, porém, que esses dados não abrangem o acesso por meio de aparelhos celulares, o que poderia alterar os índices de maneira crucial.

Gráfico 2 - Quantidade de horas semanais que os adolescentes passam conectados em computadores fixos (desktop ou laptop)

5.2.2 Uso dos mecanismos disponibilizados pela internet⁴⁶

Mesmo com todo o avanço da tecnologia e a grande quantidade de ferramentas oferecidas pela internet, de acordo com a pesquisa realizada, somente 7% dos adolescentes a utilizam de forma plural, dispondo de todos os recursos apresentados como opção no questionário. 26% ainda utilizam o meio virtual com uma finalidade singular, que em 94% das vezes é se comunicar por meio de programas de comunicação instantânea (acoplados ou não a *sites* de relacionamento, nos quais predomina a utilização da linguagem informal com

⁴⁶ Gráficos relacionados à tabulação específica dos dados presentes no apêndice D.

fortes características advindas da oralidade e da busca por rapidez e facilidade na comunicação.

Tabela 2 - Finalidade do acesso à internet

Ferramentas e objetivos	Quantidade de alunos	Percentual geral ⁴⁷
Fazer pesquisas escolares	21	35%
Esclarecer dúvidas e curiosidades	13	22%
Fazer download de arquivos	36	59%
Usar <i>sites</i> de relacionamentos	31	51%
Interagir com colegas e amigos por meio de programas de comunicação instantânea	57	94%
Utilizar jogos <i>online</i>	30	49%
Assistir a vídeos <i>online</i>	30	49%

Fonte: autora.

Cerca de 59% dos adolescentes realizam *downloads* de vídeos e jogos e/ou os assistem/jogam *online*. A maioria desses arquivos é de origem estrangeira, com áudio e texto em idiomas que não são a língua portuguesa, ou com legendas muitas vezes não oficiais, contendo desvios gramaticais ao padrão do português, já que nem sempre se trata de arquivos regulamentados. Cabe, pois, observar, que o contato com essas variedades escritas e faladas não auxilia a padronização do uso da língua, mas a diversifica. É também importante destacar que, para sistematizar a tabulação de dados deste tópico, não havia no questionário opção livre que permitisse o acréscimo de outras finalidades de acesso à internet.

A leitura de textos com caráter oficial da escrita ocorre quando o foco são trabalhos e pesquisas escolares (18%), esclarecimento de dúvidas (5%), ou ambos (17%), totalizando 40% dos alunos, sendo que 60% que têm contato com língua estrangeira ou variedades não oficiais do código de escrita padrão da língua, mas destoa exorbitantemente dos 94% que possuem contato com o código de escrita híbrida típico da comunicação sincrônica por mensagens de texto, citado anteriormente. Além disso, é necessário destacar que, em relação às pesquisas escolares, além da frequência da prática ser menor em vista de outros objetivos, trata-se de um processo composto por leituras muitas vezes superficiais de conteúdos não conhecidos, como ocorria anteriormente ao advento da internet, quando a procura por

⁴⁷ Considerando-se como base o total de 61 alunos, que responderam ao questionário aplicado.

informações levava os estudantes aos livros de forma geral, conforme afirmam Bernardes e Fernandes (2006), porém mais fragmentadas devido ao caráter do hipertexto. Segundo as autoras, a pesquisa - inserida no cotidiano escolar a partir da Reforma do Ensino de 1971, e destinada tanto a alunos quanto a professores -, devido à falta de conhecimento relacionado à prática, e à ausência de materiais adequados, se tornou banalizada e desfocada de seu objetivo primeiro: despertar o interesse pelo conhecimento. As pesquisas escolares passaram a ser, muitas vezes, sinônimo de obrigação, e pesquisar passou, em alguns contextos, a significar copiar textos de outros autores e apresentá-los ao professor. A internet não modificou tais conceitos, enraizados já parcialmente na cultura predominante em algumas escolas; pelo contrário, facilitou a cópia daqueles que não esperam pesquisar, e passaram a ler somente o título e/ou partes do texto a ser copiado, se o professor não exigir como parte da avaliação a apresentação oral do conteúdo lido. Isso faz com que um dos meios de contato com a variedade padrão da língua portuguesa, os *sites* de pesquisa, não sejam de fato utilizados como material de leitura em alguns momentos, problema que não é recente e não se restringe à virtualidade do texto, pois “o fato é que se modificaram os suportes da leitura e da escrita, e a questão continua sendo a mesma. Copiar não é pesquisar.” (BERNARDES; FERNANDES, 2006, p. 124). Dessa maneira, o contato com o código de escrita padrão, via internet, nesse contexto, não é de fato real, pois a leitura não é aprofundada e atenta o suficiente para se obter modelos de escrita mesmo que indiretamente.

5.2.3 Privacidade durante o acesso à internet⁴⁸

Além do uso da linguagem, uma questão polêmica relacionada à internet é seu caráter público, que fez com que alguns provedores passassem a oferecer a seus assinantes a opção de bloquear determinados *sites* a fim de tentar afastar seus filhos de conteúdos considerados impróprios a eles. No entanto, hoje, com a quantidade de informações disponíveis nas redes a respeito, inclusive, de formas de burlar sistemas informatizados, tais meios não são mais totalmente eficientes e, devido a isso, se tornaram menos utilizados quando se trata de pré-adolescentes e adolescentes.

Uma das formas de manter ciência dos conteúdos acessados num computador é mantê-lo em um local de onde se possa ver o que está sendo acessado, por exemplo. 86% dos

⁴⁸ Gráficos relacionados à tabulação específica dos dados presentes no apêndice D.

adolescentes que participaram da pesquisa afirmaram que seu(s) ponto(s) de acesso em casa fica(m) em local à vista de todos; porém 45% declararam que o(s) mesmo(s) fica(m) alocado(s) em seu quarto, um local pessoal. Se se considerar que 38% dos pais possuem somente controle e ciência parciais do que os filhos veem quando conectados, e 5% não possuem, de acordo com os questionários respondidos pelos adolescentes, pode-se afirmar que o local em que o mecanismo de conexão se situa influencia o conhecimento dos pais sobre o que é acessado, pois os números são bem próximos: 40% do acesso dos adolescentes que possuem dois pontos de conexão em casa são realizados em local restrito, 45% possuem o computador no quarto e 43% dos pais não possui ciência total dos usos que os filhos fazem da internet, segundo os alunos.

Tabela 3 - Local específico de acesso à internet em casa

Local e visibilidade	Quantidade de alunos	Percentual geral⁴⁹
Na sala, em local reservado	0	0%
Na sala, à vista de todos	18	30%
No escritório, em local reservado	3	5%
No escritório, à vista de reservado	1	2%
No quarto, em local reservado	17	28%
No quarto, à vista de todos	28	46%
Em outro local, reservado	1	2%
Em outro local, à vista de todos	4	7%

Fonte: autora.

Enquanto 50% dos adolescentes ficam, em casa, na companhia de mais de uma pessoa com parentescos diferentes, 35% ficam sozinhos, o que explica parte da situação anteriormente citada, no tocante à ciência dos pais sobre os filhos e a internet. Da mesma forma, levando em consideração que 50% daqueles que passam mais de 25 horas semanais conectados ficam sozinhos quando estão em casa, pode-se afirmar que a internet se tornou um importante meio de aquisição de informações por esse grupo, se não o principal.

⁴⁹ Considerando-se como base o total de 61 alunos, que responderam ao questionário aplicado.

Tabela 4 - Companhia dos adolescentes em casa

Grau de parentesco/familiaridade	Quantidade de alunos	Percentual geral ⁵⁰
Somente mãe	21	35%
Somente pai	9	15%
Ambos os pais	26	43%
Avós	9	15%
Tios	1	2%
Irmãos	26	43%
Não há companhia, fica sozinho	21	35%

Fonte: autora.

5.2.4 Características gerais da linguagem virtual utilizada pelos alunos

Quanto à variante da linguagem virtual utilizada em cada contexto pelos adolescentes não há forma melhor de análise que por meio de *corpus*. Pelo fato de o presente trabalho tomar como base o gênero utilizado nos programas de comunicação instantânea, e considerando já terem sido abordadas as características e peculiaridades desse sistema de escrita em capítulo anterior, esse subcapítulo visa levantar algumas ocorrências gerais da variedade do código utilizada pelos adolescentes cuja escrita formal foi pesquisada, da qual aparentemente eles possuem plena consciência, a fim de direcionar parte da análise que se seguirá no capítulo posterior - das peculiaridades virtuais encontradas em redações escolares -

Enquanto em 37% dos questionários se afirma apresentar maior cuidado com a ortografia e as regras gramaticais - o que demonstra a consciência da necessidade de adaptação dos enunciados de acordo com o interlocutor e o contexto de produção e envio das mensagens -, 36% dos alunos assumem não seguir regra alguma ao utilizar programas como *Messenger*, que propiciam comunicação escrita instantânea, escrevendo, inclusive, a mesma palavra de formas diversas, bem como era prática comum durante o período fonético da língua portuguesa⁵¹. Esse fato acentua o caráter oral da linguagem utilizada nesses programas, uma

⁵⁰ Considerando-se como base o total de 61 alunos, que responderam ao questionário aplicado.

⁵¹ Como descrito por Coutinho (1976, p.72), trata-se do período correspondente ao português arcaico (desde o princípio da língua, até o século XVI) no qual, a fim de facilitar a leitura, as palavras eram escritas se tomando por base sua pronúncia. Devido a isso, à inexistência de regras ortográficas e às constantes transformações da língua, é bastante comum encontrar, por exemplo, num mesmo documento dessa época, diferentes grafias para a mesma palavra, bem como palavras escritas juntas e consoantes dobradas.

vez que leva mais em consideração a pronúncia de determinadas estruturas, em vista de sua grafia convencional.

Gráfico 3 - Norma utilizada nos programas de comunicação instantânea

Dentre os alunos que assinalaram mais de uma opção em relação às características de sua linguagem no meio citado, somente 25% não realizam adequações em relação ao nível de variação da linguagem de acordo com a pessoa com a qual se comunica; 8% o fazem somente em relação às regras gramaticais; 8% somente em relação à ortografia, e 59% adequam tanto a grafia quanto o uso das estruturas gramaticais. Esse dado se faz importante, visto comprovar a consciência dos discentes da necessidade de adaptação de enunciados de acordo com o contexto de comunicação (37%), além de destacar que a grande maioria (97%) reconhece que a modalidade virtual de escrita não segue necessariamente as regras pré-estabelecidas e usuais na modalidade padrão, ou seja, admite-se que ou a gramática, ou a ortografia, ou ambas, na *txntg*, são (e podem ser) particulares sem comprometer a compreensão da mensagem, visto que o grupo de falantes que se comunica em ambiente virtual possui familiaridade com as convenções usadas virtualmente.

Quanto à pontuação, há extremos: 42% não se preocupam com a pontuação, enquanto 36% sempre a utilizam. Dentre os que a utilizam sempre ou com menor frequência, 22% se valem somente de pontos finais e/ou vírgulas, sinais mais habituais que oferecem maior

segurança de uso. Além disso, cabe lembrar que uma das características da comunicação síncrona escrita em meio virtual é a fragmentação de ideias, ou seja, ao se escrever de maneira fragmentada, muitas vezes um período é grafado em partes organizadas em linhas diferentes, não necessariamente conectadas por meio de conjunções ou vírgulas. A ideia é de soma de ideias, independentemente da pontuação. O texto escrito-oral é produzido, bem como a fala, aos jatos, o que nem sempre possibilita, por seu caráter de rapidez, a organização de ideias e o uso de pontuação tal como na modalidade padrão escrita.

Dentre a mesma quantidade, que não faz questão de utilizar pontuação nas conversas *online*, 42%, utiliza símbolos (*emoticons*) nas conversas somente em alguns momentos, enquanto 30% sempre os utilizam e 18% moldam a proporção de uso de acordo com o receptor. Somente 10% quase não fazem ou realmente não fazem uso desse mecanismo, o que comprova o caráter híbrido desse gênero: pictórico e oral, mas registrado de forma escrita.

Somente 34% dos alunos que responderam à pesquisa possuem *blog* e/ou *fotolog*⁵², mas o número aumenta para 44% no tocante ao acesso a páginas de terceiros, e para 49% em relação àqueles que escrevem nesses *sites*, mesmo que seja para fazer comentários. Deste total, 62% utilizam o mesmo tipo de linguagem dos programas de comunicação instantânea, e somente 3% utilizam a variedade padrão, ou seja, o gênero *post* de *blog/fotolog* também favorece a utilização do “texto falado” (HILGERT, 2000).

Quando se trata de *sites* de relacionamento os números não oscilam muito: 63% utilizam o mesmo tipo de linguagem que nos programas de comunicação síncrona e, novamente, o uso da língua semelhante ao das propostas de redação escolares, que normalmente requerem o código de escrita padrão, é baixo, se for considerado isoladamente, não ultrapassando 5%. Se se considerar, não obstante, os 15% que afirmam fazer uso de uma linguagem informal, porém sem modificar a ortografia das palavras, passa-se a 20%, o que representa grande aumento e indica que os adolescentes se sentem mais à vontade e possuem maior facilidade em manter a grafia padrão das palavras do que em utilizar um nível mais formal e normativo da língua, em seus aspectos amplos.

⁵² **Gráfico 4** - Linguagem utilizada em posts de *blogs/fotologs*, disponível para visualização no APÊNDICE D.

Gráfico 4 - Linguagem utilizada em sites de relacionamento

Fazendo, pois, um comparativo do uso de recursos linguísticos conscientemente pelos adolescentes produtores dos textos que compõem o *corpus* da presente pesquisa, nota-se que boa parte utiliza a variedade não padrão da língua portuguesa, comum nos programas de comunicação virtual síncrona, também em *sites* de relacionamento (55%) e em *blogs* (30%, frisando-se que 52% dos 70% restantes declararam não utilizar esse gênero). Considerando as opções que se destacam na tabulação das opções que diziam respeito ao uso da língua nesses programas, dentre as quais 36% não seguem regras e há grafia da mesma palavra de formas diferentes e 37% de acordo com a pessoa com a qual fala apresenta maior ou menor cuidado com a ortografia e as regras gramaticais, é possível afirmar que, no meio virtual, no tocante aos falantes que responderam à pesquisa, quando em situação informal de uso, ocorre predomínio do uso não padrão da língua de forma consciente, como é comum na comunicação virtual:

They might make a conscious decision not to bother with the standard form, because they feel it is unimportant. They might, consciously or unconsciously, use the nonstandard form in order to accommodate to the usage of their peers. They might deliberately use it to create a special effect. Or some combination of these factors. (CRYSTAL, 2011, p. 62)

Essa tendência revela a associação da informalidade à comunicação virtual nos três gêneros textuais citados, bem como a associação de informalidade e liberdade de escolha no uso dos grafemas no meio cibernético diante das possibilidades comuns. Se for também levado em consideração que mais de um quarto das pessoas (26%) afirmou utilizar a internet somente para uma finalidade, sendo em 94% dos casos a interação com colegas e amigos por comunicação instantânea, é também indicativo que uma parte muito significativa dos textos lidos e produzidos nesse meio não siga o padrão ortográfico e gramatical. Tomando como base, pois, a afirmação de Crystal (2011, p.65) de que *young people today see more written language on the Internet than anywhere else. It is inevitable, therefore, that spelling trends observed on the Internet will sooner or later shape people's intuitions about what is permissible, and feed back into the writing systems as a whole*”, resta, pois, observar o quanto esse modelo não padrão de escrita tem influenciado a escrita padrão, menos praticada aparentemente.

6 O PAPEL DA ESCRITA VIRTUAL NAS REDAÇÕES ESCOLARES

O foco da presente pesquisa é analisar a possível presença em produções de texto escolares de recursos gráficos do código de escrita utilizado para compor mensagens de textos enviadas por meio virtual - tais como abreviaturas, logogramas e não obediência ao padrão ortográfico regente da língua portuguesa -, vista como influência causada pelo contato frequente dos adolescentes - que tem como base na escola o sistema de escrita padrão da língua (M1) - com o sistema que se chamará de virtual (M2).

Entretanto, a observação realizada durante a análise dos dados não se restringe somente às características típicas dessas mensagens, mas também a outros fenômenos que podem ter origem nesse contato, sem configurar transferência gramatical ou empréstimo lexical. Para melhor organização de dados, os mesmos serão divididos em: (1) aspectos gráficos ou verbo-visuais, que dizem respeito à representação gráfica da língua de acordo com as convenções da modalidade padrão em comparação à modalidade virtual, sendo analisados os usos de: pontuação, acentuação, símbolos, abreviaturas e números arábicos, ortografia, letras maiúsculas e minúsculas; (2) aspectos tipográficos, relacionados à organização geral do texto, no que diz respeito a uso de parágrafos, linhas e disposição do texto; (3) aspectos textuais, tópico no qual se analisará algumas relações de coesão e coerência textuais, como elipses, repetições, substituição de um termo por outro, concordância, regência, utilização dos pronomes relativos e conjunções; (4) aspecto oral, que foca o uso de ferramentas comuns no contexto da comunicação presencial por meio da fala, como marcadores conversacionais. Levando-se em consideração que o foco principal dessa pesquisa é abordar os aspectos ortográficos da produção de texto escolar influenciados pela linguagem virtual, as demais peculiaridades serão abordadas, a fim de ilustrar possíveis caminhos de pesquisa a serem seguidos, mas não desenvolvidas com profundidade.

6.1 Aspectos gráficos

O *corpus* analisado, cujo gênero exigia o uso do sistema de escrita padrão da língua portuguesa, apresenta diversas peculiaridades gráficas relacionadas aos aspectos citados nos capítulos iniciais desta dissertação, pertencentes aos gêneros conversação escrita por meio da

internet em programas de envio de mensagens instantâneas - via computador ou celular e *posts* feitos em *sites* de relacionamento, algumas em maior índice de ocorrência, outras de forma bastante sutil⁵³.

No entanto, é importante frisar que o que se pretende demonstrar neste capítulo são os tipos de estruturas típicas de M2 encontradas em M1 devido ao contato e à convergência dos dois sistemas de escrita. Trata-se de um levantamento de suscetibilidades do código de escrita não virtual ocasionadas pelo crescente uso de M2, e não da condenação de uso das formas da *txtnng* (CRYSTAL, 2009), o que difere em muito do senso comum de que a internet está corrompendo o uso padrão da língua escrita, fazendo com que as pessoas escrevam de maneira errada, da qual trata Crystal (2001, p.4), por exemplo, ao afirmar que *“there was a widespread belief that texting had evolved as a modern phenomenon, full of abbreviations that were being used in homework and exams by a young generation that had lost its sense of standards.”* (CRYSTAL, 2011, p. 4). Trata-se de usos distintos escritos de uma mesma língua, adequados em seus contextos, mas que pela proximidade – considerando-se que M2 tem base em M1 – e pelo contato constante, às vezes se misturam no tocante a recursos específicos de M2, principalmente no que diz respeito à maior oralidade da variedade virtual, advinda da prática comunicativa comum da conversação escrita, fenômeno primordialmente presencial e concretizado por meio da fala. Como se notará na análise que segue, o que mais chama a atenção em número de ocorrências, de fato, são os desvios ortográficos encontrados no *corpus* presentes em 67% das redações, que representam o foco desse trabalho e serão tratados separadamente, em prioridade e detalhamento; outros recursos, frequentes em meio virtual, como pictogramas, por exemplo, não foram, porém, encontrados de maneira significativa.

6.1.1 Ortografia

A palavra “ortografia” indica já, em sua formação, juízo de valor referente à convenção da forma escrita conforme regras pré-estabelecidas pela sociedade: ‘escrita correta’. Dessa maneira, ao falar sobre o uso de um padrão ortográfico diferente da modalidade padrão da língua portuguesa tanto no texto virtual quanto em redações escolares, é importante esclarecer que não seguir as convenções da variedade padrão não significa

⁵³ Essas ocorrências, com exceção da ortografia, se encontram detalhadas no apêndice J.

domínio precário da língua em si. A língua não determina uso de grafemas, mas somente o aspecto comunicativo e organizacional do pensamento humano, mesmo porque muitas línguas são ágrafas, o que não diminui se comparadas a outras, dotadas de sistemas de escrita.

[...] ortografia é um conjunto de símbolos, em boa medida arbitrariamente escolhidos, empregados para escrever, os quais, como todo símbolo, exigem um conhecimento prévio para sua interpretação, uma iniciação, uma vez que seu significado não pode ser deduzido apenas de sua figura. Nem tudo que parece um O soa como [o]. Por isso, a ortografia nunca deve ser considerada como um “retrato fiel” da língua falada (BAGNO, 2013, p. 90).

A não obediência à variedade padrão representa somente, em relação a M2, o uso de convenções gráficas diferentes, permitidas por se tratar de outro sistema de escrita, diferente do padrão, cujos objetivos e contexto comunicativo são particulares. Em relação a M1, configura-se sim desvio à regra, porém motivado tanto pelo contato com M2 quanto por analogias e hipóteses previsíveis devido à arbitrariedade dos sistemas de escrita, conforme afirma Bagno (2013, p. 79 e 95).

A utilização irregular dos padrões ortográficos da língua portuguesa no *corpus* analisado, ao todo, chega a cento e setenta e três palavras⁵⁴, que apresentam cento e setenta e sete ocorrências, pois algumas sofrem mais de um tipo de alteração. É possível dividir essas mudanças e trocas em dois grupos: metaplasmos - palavras que apresentam na ortografia a reprodução de variações comuns na fala - e alterações gráficas - que não alteram os aspectos fonéticos das palavras. Quanto aos metaplasmos, sua ocorrência é pontual e peculiar, sendo que, em geral, as palavras aparecem uma ou duas vezes grafadas fora do padrão ortográfico do português em todo o *corpus*.

É importante lembrar que o uso dos grafemas nos programas de comunicação instantânea e *sites* de relacionamento tem proximidade com a fala, uma vez que se aproveita da liberdade permitida pelo aspecto fonético variável de alguns grafemas, e não segue obrigatoriamente as convenções ortográficas do sistema de escrita padrão da língua. Isso, porém, não é exclusividade do contexto virtual, se considerar-se, por exemplo, problemas de alfabetização que possam levar o indivíduo a escrever seguindo sua intuição fonológica e fonética ao invés do modelo ortográfico da modalidade padrão da língua. Dessa maneira, a

⁵⁴ O total de palavras utilizadas no *corpus* conforme a ortografia padrão da língua portuguesa é de 17.580, com média de 175,8 palavras por texto. Dessa maneira, as palavras encontradas cuja ortografia foge à determinada pela escrita da modalidade padrão não chega a 1% do total do *corpus* (0,98%).

escrita é paralela à fala como concretização da língua, mas, ao mesmo tempo, sofre influência da mesma; quanto à *txtng*, trata-se de um sistema de escrita que se baseia na escrita padrão (já influenciada pela fala) e é também diretamente influenciado pela fala por seu caráter de comunicação sincrônica rápida e oralizada.

Com isso, bem como ocorria no português arcaico, no meio virtual, o autor das mensagens ganha a liberdade de escrever de várias formas diferentes a mesma palavra, além de abreviá-la, visto que a representação gráfica é convencional, existem diversos símbolos para representar o mesmo som e a escrita não representa, pois, de forma precisa e fidedigna a fala a todo momento. A letra <x> por exemplo, presente em <xadrez>, <hexa> e <executar> representa os sons /ʃ/, /ks/ e /z/; da mesma maneira, o fonema /z/ pode ser representado por letras diferentes, como em <casa>, <zumbi> e <exímio> respectivamente, ou seja, não há correspondência direta, mas convencional entre som e símbolo gráfico, motivo pelo qual Saussure (2012, p. 62-63) afirma que “seria demasiado extenso enumerar as incoerências da escrita. Uma das mais deploráveis é a multiplicidade de signos para representar um mesmo som”.

No processo de variação da escrita analisado, muitas vezes, além de permutas, ocorre o acréscimo e a supressão de fonemas que, na fala, facilitam a pronúncia de certas estruturas, ou são típicas da variável utilizada no lugar onde o falante vive. Se na oralidade algumas variantes são comuns, na escrita virtual o mesmo ocorre, e, gradativamente, pelo contato com

essa forma peculiar gráfica, e não (somente) pronunciada, os alunos tendem a reforçar aspectos orais mesmo na escrita padrão formal, nesse caso, representada pela redação escolar. É o caso, por exemplo, da frequente ditongação em <mas> > <mais> que, para o receptor falante de português, seja de forma escrita ou falada, não altera o significado da palavra. Dessa maneira, perde-se a distinção gráfica da conjunção e do advérbio, que assumem a mesma forma: <mais>, o que não significa que o mesmo vocábulo, usado em contextos distintos, perca seu valor adversativo ou de intensidade. Isso pode parecer, pois, um grande problema, se analisado do ponto de vista de desvio às regras da variedade padrão, mas é comum no uso da língua. Observe as frases abaixo:

Ele sempre **para** o carro longe da guia.

Ele vai **para** sua casa às oito horas.

Ônibus **para** o ABC.

A forma <para> é utilizada comumente para indicar a forma presente singular de 3ª pessoa ou a forma imperativa do verbo “parar” e para indicar a preposição que indica direção “para”, após o último acordo ortográfico, que aboliu o acento na forma verbal. Nos dois primeiros casos, porém, apesar disso, não há problema aparente de interpretação do enunciado; somente no terceiro exemplo, uso não tão comum quanto os anteriores, percebe-se ambiguidade: o ônibus parou o ABC ou vai para o ABC? Nesse caso, entretanto, o contexto de uso da frase eliminaria a questão, não configurando problema de comunicação.

Cabe frisar, em relação ao *corpus*, como se buscará ainda demonstrar, que não se trata somente de reproduzir nos textos escolares aspectos da fala, mas de utilizar grafias comuns na *Web*, que fazem parte do cotidiano dos adolescentes, em produções, no ambiente real (não virtual). Isso ocorre, pois, devido à perda parcial de diferenciação do meio fala-escrita, pelo contato com M2, sistema de escrita híbrido que contém características da fala, e da escrita.

Antes de iniciar-se a análise dessa parte dos dados de forma mais precisa, é importante lembrar de que, segundo questionário aplicado aos discentes que contém dados já analisados anteriormente, não é, pois, adequado, afirmar que os autores dos textos que compõem o *corpus* desconhecem a necessidade de adequação linguística em gêneros da escrita padrão ou

virtual, nem mesmo que eles não têm consciência de que algumas estruturas comuns de M2 seriam inadequadas em M1.

Tabela 5 - Metaplasmos e outras ocorrências peculiares

TIPO DE ALTERAÇÃO GRÁFICA	OCORRÊNCIA(S) NO <i>CORPUS</i>	QUANTIDADE TOTAL
PRÓTESE	aonde<onde (1)** ⁵⁵ ne uma<em uma (1)**	2
EPÊNTESE	pega a pega<pega-pega (1)**	1
DITONGAÇÃO	mais<mas (39) deis<desde (1)* ⁵⁶ eventio<evento (1)* ** nóis<nós (1) pertencies<pertences (1)	43
MONOTONGAÇÃO	poco<pouco (1) toreiro<toureiro (1) cabeleleiro<cabeleireiro (1)* ropas<roupas (1) toradas<touradas (1) toreando<toureando (1) toro<touro (1) zuera<zueira (1) Mudo<mudou (1)	9
SÍNCOPE	Tiamos<tínhamos (1)* banco<branco (1) comçei<comecei (1) essava<estava (1) passi<passei (2) quano<quando (2) shoppins<shoppings (1) e<eu (1)	9
APÓCOPE	oivi<ouvir (1)* pedi<pedir (1) pesso(s)<pessoa(s) (1)	4

(continua)

Tabela 5- Metaplasmos e outras ocorrências peculiares

⁵⁵ *** indica exemplos debatidos posteriormente à tabela, que podem, em um primeiro momento, aparentar conter incoerências.

⁵⁶ * Palavras que apresentam mais de uma alteração gráfica

(conclusão)

TIPO DE ALTERAÇÃO GRÁFICA	OCORRÊNCIA(S) NO <i>CORPUS</i>	QUANTIDADE TOTAL
SUPRESSÃO DE SÍLABA	deis<desde (1) * caiu<recaiu (1) presavam<precisavam (1)	3
CRASE	alcolicas<alcóolicas (2)	2
PERMUTAS	achonchegante<aconchegante (1) cabeleleiro< cabeleireiro (1)* escorregango<escorregando (1) grogas<drogas (1) jojos<jogos (1) melhor<menor (1) oivi<ouvir (1)* shown<show (1)	8
OUTRAS OCORRÊNCIAS	eventio<evento (1)* senpre<sempre (1) aviãos<aviões (1)** ⁵⁷	3
TOTAL DE OCORRÊNCIAS		83

Fonte: autora.

Há dois casos encontrados em que ocorre prótese⁵⁸. O primeiro diz respeito ao par <onde> / <aonde>”, que pode ser contestado em primeiro momento por aparentar ser fenômeno morfológico; por mais que haja no meio gramatical a especificação de cada um desses termos, porém, relacionados a regências diferentes⁵⁹, “(...) pode-se afirmar sem medo que *não existe distinção semântica entre onde e aonde em português*. Nem no Brasil, nem em Portugal. Nem na língua escrita, nem na língua falada.” (BAGNO, 2009, p. 248, grifo do autor). Isso é possível devido às convenções de uso real das duas expressões, na grande maioria das vezes sem discriminação, principalmente no nível informal da linguagem, mas não exclusivamente nesse, pois “(...) cumpre ressaltar que esta distinção, praticamente

⁵⁷ ** Palavra em que a ocorrência é também de nível Morfológico, como se abordará no texto.

⁵⁸ Adição de um fonema inicial a uma palavra.

⁵⁹ “Onde” corresponderia a “o lugar em que” e “aonde” a “o lugar a que).

anulada na linguagem coloquial, já não era rigorosa nos clássicos” (CUNHA; CINTRA, 1985, p.342-343, apud BAGNO, 2009, p. 245) ⁶⁰.

A segunda ocorrência se resume a <ne uma> que deve ser tratado separadamente por sua peculiaridade em vista do primeiro, visto que é provavelmente devido à influência da fala informal, na qual são frequentes formas como [ni uma] - mais próxima da unidade sonora de uma única palavra do que [ẽ uma] – para que a forma gráfica foi alterada. O aspecto nasal do vocábulo inicial da expressão, representado anteriormente por <m> é conservado pela inserção inicial de [n] na fala e de <n> na escrita; além disso, mesmo sem alteração gráfica, pode-se afirmar que esse processo torna a vogal do primeiro termo reduzida a [i] na fala, conforme Joseph (2012, capítulo 16: 1907-1908) afirma baseando-se no **Primeiro Curso de Linguística Geral**: “*we have two corresponding systems, that of written signs and that of sounds; the sounds change, while the signs stay the same, so a displacement of value of the signs in <indirectly> produced, the equation based on the signs’ conventionalized value becomes false, on the side of sounds*”. Outra possibilidade para essa ocorrência é a analogia da formas preposicional <de uma>, que poderia gerar o uso <ne uma>. A mudança fonética e fonológica não necessariamente altera a forma escrita, e o valor convencional do signo torna-se muitas vezes falso pela relação entre imagem acústica e visual ser modificada, mas não é corrompido⁶¹.

A epêntese⁶² encontrada diz respeito à substituição do hífen pela preposição “a”. Por mais que possa parecer incomum a epêntese de um som vizinho comum, considerando-se que, ao pronunciar o termo da forma como ele foi grafado na redação, “pega a pega”, a preposição tende a sofrer elisão em relação ao /a/ final da palavra anterior, pode-se afirmar que, na verdade, de acordo com a pronúncia utilizada pelo autor e pelas pessoas com as quais ele tem contato, tanto esse termo pode ser lido com a omissão da preposição, resultando em um <a> puramente gráfico – não fonético, como o <h> em “homem” -, como o que pode ter levado a

⁶⁰ CUNHA, Celso & CINTRA, Luis F. Lindley. **Nova Gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Marcos Bagno (2009) trata melhor das ocorrências linguísticas desse caso na fala e na escrita no capítulo “Onde/aonde”.

⁶¹ Cabe citar também que o processo inverso é possível: a forma escrita pode ser modificada por associação, sem que a fala e a compreensão sejam alteradas. As abreviaturas típicas da comunicação virtual, por exemplo, exemplificam essa questão: ao ler <vc>, o falante não modifica a imagem acústica /vose/ e o significado a ela atribuído, compartilhados com <você> e até mesmo <vs>, abreviatura menos usual, mas que também compete com <vc> na internet atualmente, na comunicação informal entre adolescentes.

⁶² A epêntese habitualmente diz respeito à adição de um fonema medial a um vocábulo. Nesse caso, porém, apesar da inserção da preposição ocorrer no interior do termo composto <pega-pega>, cabe salientar que a preposição possui também valor morfossintático e não somente fonético e fonológico, ou seja, seu uso da maneira encontrada altera mais que o aspecto sonoro da palavra, mas pode fazer com que um substantivo passe a ser utilizado com valor de expressão. O critério utilizado para essa classificação, pois, foi considerar isoladamente o acréscimo medial da vogal.

essa grafia seja a impressão de uma pronúncia alongada do /a/ final da primeira palavra na grafia convencional, derivada da duplicação do termo, diferentemente do que ocorre em <esconde-esconde>, por exemplo, já que o <e> final se torna reduzido na pronúncia da cidade de São Paulo e região, por exemplo.

Quanto à ditongação, foram encontrados dois tipos de ocorrências distintos. O primeiro é derivado de outra alteração que afeta a palavra <evento> <evento>: nesse caso, a grafia <eventio> pode, talvez, indicar influência da fala regional nordestina, mais especificamente da região do Ceará, em que é comum a pronúncia d [t] como a africada [tʃ] como em /e.'vẽ.tʃio/ ou /e.'vẽ.tʃio/, o que não seria incomum ao se considerar o fruxo migratório dentro do Brasil, principalmente da região Nordeste para a região Sudeste, no século XX, que torna comum a presença nordestina no Sudeste, bem como sua influência de costumes e falares. Dessa maneira, pode-se dizer que o ditongo surge conjuntamente à variação da consoante que lhe precede. Outra possibilidade é também tratar-se de simples lapso no momento da redação, normalmente não relida/corrigida antes de ser entregue pelos alunos.

O segundo, que se destaca devido à frequência de ocorrências do termo <mais>, trinta e nove (cerca de 22% do total de ocorrências de desvios ortográficos da modalidade padrão do *corpus*), que engloba também formas como <nóis>, é típico de algumas variantes do Sudeste-Sul de nosso país, conforme afirma Bagno (2007, p.147) ao tratar da “ditongação da vogal tônica final seguida de /s/, resultando nas pronúncias: ‘pais’ [paz]; ‘méis’ [mês], ‘nóis’ [nós]; ‘portuguêis’ [português]; ‘fais’ [faz]; ‘arrôis’ [arroz]; ‘puis’ [pus] etc”:

Essa ditongação é generalizada no português brasileiro, só não ocorre em algumas variedades do Sudeste-Sul. Por isso, é inadequado usar a grafia NÓIS para representar a “fala popular”, porque a pronúncia ditongada também ocorre na fala dos “cultos”. Dela resulta a dificuldade de distinguir na escrita, por exemplo, a conjunção MAS do advérbio MAIS, pois ambos têm a mesma pronúncia (BAGNO, 2007, p.147-148, grifo do autor)

É interessante frisar que tal alternância não está restrita à atualidade, mas trata-se de um processo de assimilação que ocorria já no português arcaico, em que ambas as formas se alternavam, e que permanece hoje muito recorrente. Quanto à origem, <mas> descende do português arcaico <mais>, cuja raiz etimológica está no advérbio latino <magis> (grau comparativo). Seu valor adversativo fixou-se em seu sentido conforme Houaiss (2009), em

razão de seu uso assimilativo: “em muitos contextos em que se usava esta partícula, a ideia de adversativa estava implícita”. A alternância dessas formas não se baseia, porém, em um fenômeno diacrônico, mesmo porque a consciência do falante é sincrônica. A recorrência da variação, no entanto, que perpetua na língua por tanto tempo, somente reforça a tendência assimilativa dos vocábulos.

A monotongação, conforme afirma Bagno (2007), é traço comum do vernáculo brasileiro, que passou à escrita e ao código analisado. O ditongo /ey/ é reduzido a /e/ diante de consoante vibrante simples como em <zueira> / <zuera>, e o ditongo /ow/ é reduzido a /o/, como em <pouco> / <poco> ou <touro> / <toro>. As demais ocorrências desse fenômeno são bastante diversas e peculiares: há, por exemplo, a redução do ditongo /ey/ para /e/ após consoante alveolar. É importante destacar que, na monotongação, o termo a desaparecer é, em 89% dos casos, a semivogal, foneticamente mais fraca.

Dentro do grupo que se compõe pelo processo de síncope⁶³, as ocorrências são bastante pontuais e em pequena quantidade. A forma <shoppins> < <shoppings>, por exemplo, pode representar simplesmente a pronúncia habitual da palavra, na qual o grafema <g> não é pronunciado. No tocante a <quano> < <quando>, uma hipótese é a influência da fala do sudeste, na qual é comum concretizar-se a palavra sem o fonema /d/, bem como quando se trata de palavras no gerúndio, como <andando>, pronunciada comumente como /ã.'da.nu/. Quanto a casos como <passi> < <passei>, por exemplo, esses podem ser fruto de um erro não-sistemático, considerando não haver padrão para o grafema apagado, o que difere, por exemplo, de <tiamos> < <tínhamos>, forma em que ocorre também desnasalização, que pode ser novamente, como no caso de <quano>, reprodução da fala regional, considerando-se ser comum no nordeste – região da qual muitos moradores ou famílias de moradores da região metropolitana vieram – a pronúncia do termo como /'ti.ɲa.mu/. Já em relação a <banco> < <branco> e <essava> < <estava>, há mudança de significado derivada da mudança gráfica, o que não se sabe ser de conhecimento do produtor do texto, que pode, bem como nos casos anteriores, simplesmente ter escrito as palavras de forma muito rápida, sem muito cuidado, e não ter revisado o que redigiu, o que é comum, por exemplo, no envio de mensagens de texto, processo no qual a agilidade e pressa quase não permitem revisão. Já a forma <comçei> podem hipoteticamente, indicar a pronúncia regional comum, por exemplo, em Minas Gerais, em que o <e> pode ser pronunciado tão reduzido em contextos como esse que chega a parecer não pronunciado.

⁶³ Supressão de fonema medial em um termo.

. A apócope⁶⁴, metaplasmo bastante comum na fala, principalmente em relação ao /r/ final de verbos no infinitivo⁶⁵, apareceu no *corpus* em quantidade razoavelmente pequena: duas vezes em verbos no infinitivo, uma vez em verbo conjugado e duas vezes em classes nominais, o que indica, de fato, transferência do código de escrita da internet sobre M1, e não da fala sobre o código de escrita padrão, simplesmente. Na fala, a forma nominal de infinitivo é marcada, por exemplo, por meio do aspecto suprasegmental acento, o que evita ambiguidade como em /'fala/ (verbo conjugado no presente, na 3ª pessoa do singular) e /fa'la/ (verbo no infinitivo, sem a presença do morfema -r). Na escrita virtual, bem como em tentativas literárias de representar a fala regional, o acento é comumente substituído por um diacrítico, tal como no exemplo a seguir, em que se encontra a forma <castigá>, ou em <falá> e <mexé>.

Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Figura 12- Fragmento de tirinha de Maurício de Souza

Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=19746>

No entanto, ao ser requisitado o uso da variedade padrão da língua portuguesa nas produções de texto, esse recurso pode ter sido associado, pelos alunos, à reprodução da fala regional, modelo mais recorrente a eles do que a consciência de uso do recurso em meio virtual, o que explica a resistência em utilizá-lo de maneira frequente. Escrever dessa maneira em um texto escolar aparentaria, dessa forma, escrever como falam as pessoas do interior, de acordo com o senso comum, mesmo sendo esse conceito, presente em histórias em quadrinhos como a tirinha acima demonstra, equivocado, visto que essa estereotipação exclui o fato de ser

⁶⁴ Supressão de fonema final de um termo. Foi um processo significativo na formação da língua portuguesa, no tocante aos substantivos, que derivam do caso latino acusativo, tendo perdido seu -m no singular.

⁶⁵ Segundo Bagno (2007), esse processo também faz parte dos traços do vernáculo brasileiro.

também comum encontrar pessoas que nasceram e cresceram nas cidades e fazem uso de pronúncias próximas às que se tentou reproduzir na figura 12, como <castiga> ou <qui>.

Dos três casos de supressão de sílaba encontrados, dois representam também implicação gramatical ou semântica: no caso de <caiu> / <recaiu>, está presente a noção de repetição exigida pelo contexto em que a palavra se encontra, que omitiu o prefixo re-. Em <presavam> / <precisavam>, que pode representar um erro não-sistemático, há, vale destacar, implicações semânticas, uma vez que o verbo, sem a sílaba medial, assume um outro sentido, talvez não conhecido pelo autor do texto, que não é adequado ao contexto em que é utilizado.

Há, em todo o *corpus*, somente dois casos de crase, metaplasmo que se explica pela tendência à pronúncia de somente uma das duas vogais presentes graficamente na palavra.

Quando se trata de permuta⁶⁶, a maioria ocorre por assimilação em reflexo da fala, na qual se busca aproximação sonora a fim de não forçar o aparelho fonador, segundo cita Saussure (2012, p. 202) ao afirmar que, dentre as causas da mudança fonética, “a lei do menor esforço parece explicar um certo número de casos”: há quatro assimilações totais regressivas, como em <aconchegante> / <achonchegante> e duas totais progressivas, como em <escorregando> / <escorregango>. Não se pode, porém, nesse caso, devido ao baixo índice de ocorrências, atribuir tais alterações simplesmente à assimilação, considerando-se a possibilidade de escrita rápida sem monitoramento consciente e sem revisão do aluno, qual pode tê-lo levado a grafar essas palavras de forma diferente ao modelo ortográfico padrão da língua.

Outros dois casos foram encontrados e devem ser tratados separadamente aos demais por sua singularidade, considerando-se que <evento> < <evento> foi já analisado. Na segunda ocorrência, houve a dissimilação de duas consoantes bilabiais sonoras por uma bilabial e uma linguodental, conservando o caráter sonoro da primeira em <sempre> / <senpre>. Nesse caso, é possível também afirmar que o produtor do texto somente trocou os grafemas que indicam, nesse caso, não fonemas, mas nasalização do /e/ anterior, o que pode ter ocorrido simplesmente por falta de cuidado na aplicação das regras de ortografia. O terceiro caso diz respeito ao plural não regular dos substantivos terminados em [ão], no tocante ao *corpus*, à ocorrência <aviões> / <aviãos>. Esse caso, é preciso frisar, não representa um metaplasmo, mas um caso de analogia⁶⁷, pois se trata de um desvio dos padrões

⁶⁶ Troca/substituição de fonemas.

⁶⁷ O termo “analogia”, de forma geral, é relacionado à associação por meio de semelhança. Na Linguística, sob a análise de Saussure, entretanto, a palavra lhe tem atribuída uma significância mais específica, abrangendo

gramaticais morfológicos que, nesse tocante, oferecem em nossa língua formas diversificadas como <cidadãos>, <espiões> e <pães>, o que pode causar dúvida ao falante no momento da flexão de número.

Um fenômeno que tem sido muito estudado, por exemplo por Viegas (1995) e Rezende (2010), o alçamento vocálico, também integra as ocorrências de metaplasmos do *corpus*. O processo, na fala, pode ocorrer devido à analogia com outras formas ou à harmonia vocálica, por exemplo, fatores marcadamente fonológicos relacionados à aproximação sonora.

No tocante ao *corpus*, o que se frisa é que, na escrita escolar, as formas encontradas são fruto do contato com o código do meio virtual, em que o uso de grafemas se aproxima de forma mais real da pronúncia, marcadamente alçada principalmente em regiões como Sudeste do Brasil. Dessa maneira, a fala é reproduzida na escrita virtual, modelo que interfere no modelo escrito padrão.

Tabela 6 - Alçamento vocálico

TIPO DE ALTERAÇÃO GRÁFICA	OCORRÊNCIA(S) NO <i>CORPUS</i>	QUANTIDADE TOTAL
ALÇAMENTO VOCÁLICO	curuja<coruja (1)	7
	custumava<costumava (1)	
	durmir<dormir (1)	
	tudo<todo (1) ***	
	impusiveis<impossíveis (1)	
	infermeira<enfermeira (1)	
	intão<então (1)	

Fonte: autora.

Nos três primeiros exemplos, o que se pode perceber é a harmonização vocálica: o <o> pretônico passa a <u> em assimilação da altura da vogal da sílaba seguinte como em <curuja>. Nas ocorrências finais, o alçamento ocorre, porém com harmonia somente no

somente as associações de ordem gramatical (morfológica), e excluindo, por exemplo, as de ordem fonológica, como assimilação e dissimilação. É impossível, porém, eliminar desse processo a carga semântica dos morfemas lexicais e gramaticais, uma vez que a relação entre significante e significado é inegável.

primeiro caso, em que a vogal /e/ passa /i/ por provável assimilação à vogal alta /u/. Fala-se em provável devido à particularidade dos três casos finais dizerem respeito à vogal inicial /e/. Dessa maneira, o padrão recorrente nos exemplos levantados não diz respeito à altura da vogal da sílaba posterior, mas à sílaba na qual a vogal alçada /e/ se encontra.

Há também, no material analisado um caso de possível dissimilação: o grafema <u> representando o fonema /o/ em <tudo> / <todo> na frase “Eu perdi todo o que tinha dentro de minha casa”, fato que pode estar mais relacionado à confusão entre os pronomes indefinidos, que pode gerar interpretações errôneas de outras sentenças, do que aos aspectos fonéticos propriamente ditos. Mais provável é, porém, que se trate de um mero desvio ortográfico promovido pela escrita rápida, hábito comum na escrita de contexto escolar atualmente, intensificado pela prática da comunicação virtual, visto que o mesmo autor utiliza <tudo> em outros momentos do texto com o mesmo sentido do uso indicado, como em “Foi muito difícil recuperar tudo” ou “Eles tinham perdido tudo”, ou seja, o aparente alçamento da vogal da sílaba tônica pode ser, na verdade, fruto da falta de revisão do texto.

O que se destaca nesse grupo é a utilização do verbo *haver* com elipse gráfica de seu <h> inicial, mudo (8,5% do total), e o grande grupo composto por trocas de grafemas que correspondem ao mesmo fonema na situação em que foi usado, ou até mesmo em outras situações, como é o caso da letra <s>, utilizada para representar os fonemas /z/ ou /s/, mesmo que a estrutura da palavra não possibilite a leitura escolhida: em alguns casos, o <s> intervocálico foi também utilizado como correspondente ao fonema /s/.

Tabela 7 - Outras alterações gráficas

TIPO DE ALTERAÇÃO GRÁFICA	OCORRÊNCIA(S) NO <i>CORPUS</i>	QUANTIDADE TOTAL
ELIPSE DE GRAFEMA MUDO	a<há (14) avia<havia (1)	15
PERMUTA DE GRAFEMAS QUE SEMPRE OU EM ALGUMAS SITUAÇÕES CORRESPONDEM AO UM FONEMA COMUM	adolescente<adolescente(s) (2) adolescência<adolescência (1) Ajuisada<ajuizada (1) Atravéz<através (1) Atráz<atrás (1) Augo<algo (1) Bens<Benz (1)	43

(continua)

Tabela 7 – Outras alterações gráficas

(continuação)

TIPO DE ALTERAÇÃO GRÁFICA	OCORRÊNCIA(S) NO <i>CORPUS</i>	QUANTIDADE TOTAL
PERMUTA DE GRAFEMAS QUE SEMPRE OU EM ALGUMAS SITUAÇÕES CORRESPONDEM AO UM FONEMA COMUM	Camizetas<camisetas (1)	
	Casual<caçula (1)	
	causa< calça (1+1)	
	Cazei<casei (1)	
	Chingamento<xingamento (1)	
	Começei<comecei (1)	
	Comesamos<começamos (1)	
	Comessei<comecei (1)	
	Concelhos<conselhos (1)	
	Cresimento<crescimento (1)	
	Decizões<decisões (1)	
	Descanço<descanso (1)	
	Descente<decente (1)	
	dessidi<decidi; (1)	
	Divorsiada<divorciada (1)	
	Esatamente<exatamente (1)	
	Fasia<fazia (2)	
	Fasso< faço (2)	
	Obedeser<obedecer (1)	
	paços<passos (1)	
	permissão<permissão (1)	43
	permicão<permissão (1)	
	Presciso<preciso (1)	
	Sedo<cedo (1)	
	Sinto<cinto (1)	
	Sosinha<sozinha (1)	
	Soutar<soltar (1)	
	Soutavamos< soltávamos (1)	
	Viagei<viajei (2)	
	Visinha<vizinha (1)	
HIPOSEGMENTAÇÃO	oque<o que (1)	
	agente<a gente (2)	
	comcatupiry<com catupity (8)	
	concerteza<com certeza (1)	15
	corripara,corri para (1)	
	derepente<de repente (1)	
	dolado<do lado (1)	

(continua)

Tabela 7 – Outras alterações gráficas

(conclusão)

TIPO DE ALTERAÇÃO GRÁFICA	OCORRÊNCIA(S) NO <i>CORPUS</i>	QUANTIDADE TOTAL
HIPERSEGMENTAÇÃO	infra estrutura<infraestrutura (1)	13
	na quela<naquela (1)	
	por que<porque (1)	
	com migo<comigo (3)	
	dês de <desde (4)	
	em quanto<enquanto (2)	
	é poca<época (1)	
TOTAL DE OCORRÊNCIAS		86

* Palavras que apresentam mais de uma alteração gráfica

Fonte: autora.

Ao observar os dados, notar-se-á primeiramente que o fonema que mais apresenta ocorrências não condizente à variedade padrão da ortografia é o /s/, tão diverso em grafemas, o que dificulta a convenção de uso, fato que somente pode ser solucionado com a leitura assídua de materiais em que a influência oral-fonética não esteja presente e a prática ortográfica pois, como afirma Bagno (2013, p. 83) “saber ortografia é como tocar piano, dançar balé, atirar com arco e flecha, manejar um programa de computador – são atividades que exigem treinamento, prática constante, memorização consciente”. Da mesma forma, dentre as peculiaridades ortográficas, outro traço pertencente ao vernáculo brasileiro (Bagno, 2007) foi encontrado: a troca da consoante /l/ pela semivogal /w/, como em soltar>soutar, fenômeno que enfatiza a tendência à pronúncia ditongada paulista brasileira, neste caso /ow/, por mais que a indicação gráfica seja da vogal /o/ seguida da consoante alveolar /l/.

Tabela 8 - Troca de grafemas por outros que correspondem ao mesmo fonema

Fonema	Grafemas utilizados	Quantidade de palavras afetadas	Quantidade total por categoria
/s/	c>ç	1	28
	c>s	5	
	ç>s	3	
	c>sc	2	
	c>ss	2	
	ç>ss	2	
	s>c	1	
	s>ç	1	
	s>z	4	
	sc>c	3	
	sc>s	1	
	ss>c	1	
	ss>ç	2	
/z/	z>s	7	8
	x>s	1	
/ch/	x>ch	1	1
/j/	j>g	2	2
/u/	l>u	4	4
TOTAL			43

Fonte: autora.

É importante frisar que a hipossegmentação e a hipersegmentação de palavras - presentes no material de análise, conforme indicado na tabela 7, não comprometem a pronúncia dos vocábulos, visto que, segundo Tenani (2013, p. 307), “a interpretação de grafias não convencionais de palavras tem por base a hipótese de que o aprendiz junta palavras ao escrever, pois fala tudo junto, na medida em que se apoia na oralidade para produção do enunciado escrito”, sendo possível que, no tocante à segmentação, o mesmo seja válido devido às pausas durante a fala. Partindo-se disso, é, pois, possível afirmar que casos de hipossegmentação, como <na aquela> ou <em quanto> possam representar hipercorreção, à medida que muitos alunos, ao procurar não escrever junto o que ortograficamente, de acordo com o padrão do português, é escrito separado, podem acabar separando palavras únicas em dois segmentos.

Esses procedimentos, juntamente às outras alterações da ortografia citadas, presentes em texto escrito não virtual, destacam, pois, tanto a influência da fala sobre o sistema de escrita padrão, quanto a influência da fala sobre a modalidade escrita virtual e da modalidade

virtual sobre a modalidade padrão. Dessa maneira, é possível afirmar que o sistema padrão de escrita do português é influenciado duplamente pela fala: diretamente e indiretamente – no segundo caso quando influenciado pela *txtnng*.

É possível também que muitas ocorrências ortográficas aqui explicitadas sejam advindas da prática de leitura e escrita sem retomadas e revisões, como já dito anteriormente, típica da navegação na web, seja pela necessidade de rapidez na produção e no envio do texto, ou à estrutura virtual do texto disposto na tela, visto que,

ao contrário do que ocorre quando o espaço da escrita são as páginas do códice, quem escreve ou quem lê a escrita eletrônica tem acesso, em cada momento, apenas ao que é exposto no espaço da tela: o que está escrito antes ou depois fica oculto (embora haja a possibilidade de ver mais de uma tela ao mesmo tempo, exibindo uma janela ao lado de outra, mas sempre em número limitado). (SOARES, 2002, p. 150)

Dessa maneira, uma suposição é de que, se o produtor do texto o relese de forma completa e atenta após seu término, notaria que os padrões ortográficos não estavam de acordo com o sistema de escrita requerido. Por esse motivo, Tenani (2013, p.311) afirma que “as segmentações não convencionais de palavras que se identificam nos textos podem ser vistas como recorrentes, em certa medida, das condições de produção escrita em que o escrevente produziu um texto, sem a possibilidade de reformulá-lo”, ao analisar o processo da hipersegmentação. A autora, ainda no mesmo texto, cita também a possibilidade das ocorrências serem fruto de problemas de alfabetização, quando presentes nas séries finais do Ensino Fundamental II, ou indícios de disortografia⁶⁸. Os últimos fatores, porém, possuem caráter individual, e não poderiam ser atribuídos de forma generalizada a um grupo grande de alunos como o desta pesquisa, alfabetizados em diferentes escolas e que somente passaram a estudar juntos em grande maioria após o início do Ensino Fundamental II. Além disso, as ocorrências encontradas permeiam textos de muitos redatores diferentes, não sendo, pois, concentradas nas produções de alguns indivíduos que poderiam se enquadrar nas possibilidades pontuais descritas.

⁶⁸ Segundo Fernández *et al* (2010, p. 501) apud Tenani (2013, p. 306) , “dificuldade em fixar as formas ortográficas das palavras, apresentando como sintomas típicos a substituição, omissão e inversão de grafemas, alteração na segmentação de palavras, persistência do apoio da oralidade na escrita e dificuldade na produção de textos”.

Obs.: referência original: FERNANDÉZ, A. et al. **Avaliação e intervenção da disortografia baseada na semiologia dos erros**: revisão da literatura. Revista CEFAC, v. 12, n. 3, p. 499-504, 2010. Disponível em: <http://www.revistacefac.com.br/fasciculo.php?form=edicoes/v12n3.php>. Acesso em 05 jul 2013.

O fato é que essa variação gráfica não é exclusividade da época contemporânea, nem motivada exclusivamente pelo advento da internet. Como afirma Coutinho (1976, p. 71), “a ortografia portuguesa nunca foi uniforme”. O autor, ao abordar a história da ortografia portuguesa descreve, por exemplo, o Período Fonético, que vai da formação da língua ao século XVI, como aquele em que “não havia padrão uniforme na transcrição das palavras. Às vezes, num documento, aparecem os mesmos vocábulos grafados de modo diferente” (p.72). Ao explicitar sobre o período Pseudo-Etimológico, que lhe sucede até 1904 - ano da publicação de *Ortografia Nacional*, obra de Gonçalves Viana que serve como base para estabilizar os padrões ortográficos nacionais na medida do possível-, o autor diz que, em lugar do objetivo principal, normatizar a grafia das palavras com base em sua escrita originárias, o que ocorreu foi o surgimento de padrões bastante distintos que coexistiram, ou seja, “não admira que em vez de uma houvesse várias ortografias, dado que a etimologia, nessa época, era uma ciência que dependia, em grande parte, da fantasia de cada escritor” (p. 71).

São, pois, muitos os fatores que contribuem para o uso de formas alternantes em cada época da ortografia da língua portuguesa e, é claro, mesmo após a delimitação de norma ortográfica comum a todos, a variação por assimilação ou analogia à fala sempre existiu, tendo se intensificado com o advento da internet. O meio virtual motiva hábitos de leitura e escrita particulares, sendo uma ponte entre o oral e o escrito, é inegável. Porém, não se deve esquecer, aqui frisemos mais uma vez, que um grande motivador das peculiaridades ortográficas de M2 é a influência da fala e da oralidade.

6.1.2 Outras questões

Um aspecto gráfico marcante em frequência no *corpus* foi o uso de números arábicos em substituição a numerais escritos por extenso em situações em que esses deveriam ser utilizados (presente em 87% do *corpus*), recurso recorrente devido provavelmente a seu caráter de economia de caracteres.

Considerando que no meio virtual não é comum o uso de acentuação gráfica, visando à rápida digitação⁶⁹, é explicável a ausência de acentos e/ou acréscimo dos mesmos em situações que não os pedem, ocorridos em 89%, dentre os quais a média de desvios da

⁶⁹ Alguns programas, inclusive, não oferecem como ferramenta o uso de tais sinais, por terem sido criadas visando unicamente à escrita em inglês, desprezando qualquer outro idioma.

variedade padrão escrita é de 5,2 por texto. Isso ocorre provavelmente devido à falta de prática no uso da acentuação, visto que os adolescentes passam muito mais tempo se comunicando *online* por celulares e computadores do que redigindo textos conforme a variedade padrão.

A utilização de letras maiúsculas no início de palavras que deveriam ser grafadas inteiramente com caracteres minúsculos ocorreu em 30% dos casos, e a utilização de letras minúsculas no início de períodos ou de substantivos próprios se deu em 43%, fenômenos de causa próxima à da acentuação: em M2, devido à fragmentação de frases e períodos, encadeados conforme o fluxo de pensamento do emissor, muitas vezes interrompido por seu interlocutor, é comum iniciar as mensagens (ou seus fragmentos, se for considerada mensagem um trecho com conteúdo completo) com caracteres minúsculos, a fim de agilizar o envio, uma vez que não é necessário, assim, fazer a seleção de caracteres maiúsculos, o que requer tempo. Dessa maneira, por não fazer distinção entre letras maiúsculas e minúsculas de forma frequente, há dificuldade em seguir as regras gramaticais, bem como ocorre em relação à pontuação.

A influência virtual notadamente chegou às produções de texto escolares no tocante ao uso de sinais de pontuação: nos questionários tabulados, 42% dos alunos afirmaram não se preocupar com a pontuação na *Web*, e 22% daqueles que afirmam ao menos utilizá-la, o fazem somente por meio de pontos finais e vírgulas. Também pela busca por rapidez na comunicação e fragmentação das mensagens, a pontuação ou não é usada, ou é utilizada pouco frequentemente nas mensagens de texto. No *corpus* analisado, os pontos finais correspondem a 63% do total de sinais utilizados, e as vírgulas a 33%, restando somente 4% para todos os demais sinais. Com base nas ocorrências gráficas presentes no *corpus*, seria possível estudar de forma aprofundada aspectos sintáticos decorrentes desse uso, em relação à ausência de sinais obrigatórios ou ao uso inadequado de outros (presentes em 98% das produções). Nessa pesquisa, porém, a análise ficará restrita à análise geral de componentes gráficos dessa qualidade como resultado do contato.

Abreviaturas, muito frequentes em M2, diferentemente do esperado, foram pouco usadas: há somente sete ocorrências em todo o *corpus*: <hrs>, que faz uso da omissão de vogais, típica de M1, que vale-se da ideia de que as consoantes possuem maior carga semântica que as vogais, como afirma Crystal (2009); <min> redução vocabular comum na língua portuguesa, <S.C.> (São Caetano do Sul), <SCS> (São Caetano do Sul) 2x e <MSN> 2x, compostas pelo processo de siglagem, sendo que o primeiro exemplo citado, correspondente a <São Caetano> indica a economia comum de vocábulos ao se referir ao

nome da cidade, visto que muitos não se referem a ela de forma completa, fazendo uso do <do Sul>. Resumidamente, apesar de abreviaturas serem um processo muito produtivo em M2, nada muito significativo foi encontrado no *corpus* analisado, talvez por sua forma concretizada no envio de mensagens virtuais ser bastante divergente da variedade padrão da língua, talvez por ser um mecanismo que, para uso adequado, exige bastante do redator, o que pode intimidar o indivíduo que pretende usá-lo, deixando-o inseguro de cometer equívocos e tornar seu texto não claro, considerando-se que “*before you can write and play with abbreviated forms, you need to have a sense of how the sounds of your language relate to the letters. You need to know that there are such things as alternative spellings. You need to have a good visual memory and good motor skills*” (CRYSTAL, 2011, p. 6).

Símbolos (incluindo *emoticons*), aparecem somente em 2% das produções - uma vez em cada texto, sendo <+> e <=>) - o que demonstra certa consciência a respeito da inadequação do recurso em gênero escrito escolar. Cabe frisar que, nos questionários aplicados, 30% dos alunos afirmaram utilizar esses símbolos em programas de comunicação síncrona *online* com grande frequência, 42% às vezes, e 20% de acordo com a pessoa com a qual conversa, ou seja, os símbolos são muito usados virtualmente, mas ainda não chegaram de forma significativa às produções escolares, bem como as abreviaturas.

É importante, pois, destacar que nem tudo o que não segue o padrão gramatical escrito da LP significa transferência gramatical da internet advinda do contato de sistemas de escrita: muitos aspectos podem também ser comuns em produtores de texto que não tenham contato com M2, mas somente não possuam modelo enraizado de uso de M1. Dessa maneira, desconhecendo as regras gramaticais, e não estando habituados ao contato escrito com textos que sigam o estabelecido pelas convenções da variedade, os falantes podem também cometer desvios, devido a outras motivações. Por esse motivo, seria indicado para o levantamento de ocorrências gráficas em textos de M1 típicas de M2 motivadas diretamente pelo contato, de forma mais precisa e segura, o estudo comparativo de textos produzidos por um grupo de pessoas que fazem uso frequente da internet e por outro que quase não têm acesso à rede, ou simplesmente não o tem. Considerando-se, porém, que hoje a maioria dos adolescentes fica conectada em grande parte do tempo, seria preciso colher *corpus* em regiões mais afastadas, nas quais o acesso à internet fosse ainda precário, o que poderia levar à mudança de fatores extralinguísticos como classe social, nível de escolaridade, idade, ou mesmo hábitos de vida de maneira geral, influenciados hoje pelo uso de tecnologias virtuais, como práticas de leitura e contato com mídias. Pode-se, pois, considerar, que não é mais possível analisar as práticas linguísticas escritas de uma comunidade de fala sem considerar seu nível de letramento digital

e os costumes gerados por meio do uso da internet e seus recursos, ao se tratar de contextos em que a inclusão digital é já uma realidade, como na região do Grande ABC paulista, foco de análise dessa dissertação.

Pode-se afirmar, porém, que, no contexto de produção estabelecido, como citado no capítulo anterior, o contato de usuários de M1 com M2 é frequente e de forte intensidade, e todos têm consciência de utilizar o código de escrita virtual de maneira peculiar em vista da forma como usam (ou teoricamente deveriam utilizar) a variedade padrão na escola. Além disso, como se notará pelos dados expostos, tendem a ser assimilados de M2 pelo código de escrita escolar de maneira mais eficaz e marcante recursos linguísticos não exclusivos do meio escrito, mas também comuns na prática oral. Ao se tratar da seleção e do uso de caracteres, ficará, pois, aparente, certo tipo de consciência dos adolescentes de que o que é mais visual e pictórico da linguagem virtual, como pictogramas e abreviaturas, pertence àquele sistema de escrita de forma restrita, não devendo ser transpostos para as redações escolares. Pelo contrário, aquilo que passou a M2 devido à variedade falada da língua, é duplamente reforçado – pela oralidade e pela escrita de caráter oral do meio virtual –, tornando-se mais recorrente e comum.

6.2 Aspectos tipográficos⁷⁰

Considerando-se que “*changes in reading style will also bring changes in writing style, as author and their publishers adapt to readers’ new habits and expectations*” (CARR, 2010b, p. 104), pode-se afirmar que tanto o formato de gêneros virtuais como *blogs*, mensagens de texto virtuais e *posts* de redes sociais, cada vez mais usuais, altera as formas tradicionais de leitura – como foi abordado anteriormente ao se falar sobre hipertexto –, quanto a prática dessa leitura motiva uma escrita que se assemelhe a esse modelo: mais concisa, econômica, abreviativa, fragmentada e rica em oralidade, e isso não restritamente ao ciberespaço.

Carr (2010b, p.94) afirma que, no início da Era digital, *sites* procuravam imitar a tipografia comum em suportes físicos de texto, como livros e revistas, aos quais os leitores estavam habituados, a fim de lhes transmitir familiaridade, enquanto hoje, inversamente, muitas revistas já passaram por reformulações gráficas, buscando aproximação com o formato

⁷⁰ A tabela 9, contendo as quantidades específicas de linhas e parágrafos de cada redação está disponível no apêndice E.

virtual de organização de informações: visualmente mais prático e leve, porém resumido, e que transmita sensação de dinamicidade, característica a qual se pode dizer a *web* valoriza em boa parte de suas ferramentas, bem como em sua constante atualização e busca por velocidade. São, dessa maneira, os costumes de leitura que moldam as formas de escrita, sendo que o que é mais usual e comum – hoje os gêneros virtuais, se considerado tempo de contato diário – se torna modelo para o que não é. É preciso, obviamente, levar em consideração os contextos de produção e objetivos dos textos para seleção de vocabulário e estruturas de maneira geral, mas é inegável a influência de formas com as quais se convive mais sobre outras, o que, segundo afirma Carr (2010b), não se restringe a práticas sociais simplesmente, mas a mudanças ocorridas nos circuitos cerebrais humanos:

As the time we spend scanning Web pages crowds out the time we spend reading books, as the time we spend exchanging bite-sized text messages crowds out the time we spend composing sentences and paragraphs, as the time we spend hopping across links crowds out the time we devote to quiet reflection and contemplation, the circuits that support those old intellectual functions and pursuits weaken and begin to break apart. The brain recycles the disused neurons and synapses for other, more pressing work. We gain new skills and perspectives but lose old ones. (CARR, 2010b, p. 120)

A organização tipográfica das produções de texto escolares, diante desta ideia, não poderia ficar imune ao processo descrito, considerando-se que seus redatores, conforme comprovado pela análise de questionário anteriormente demonstrada, são assíduos usuários do meio virtual, o que justifica as observações que serão realizadas a seguir.

Quase em sua totalidade, os alunos seguiram os critérios relacionados ao tamanho do texto requisitados pela professora para a feitura da redação, mantendo-se entre vinte e trinta linhas (apenas 11% produziram textos menores e 5% maiores que esse limite).

Gráfico 5 - Quantidade total de linhas dos textos

No entanto, é importante destacar a tendência pela escrita de textos curtos, bem como é comum no universo virtual em *posts* de *sites* de relacionamento, *blogs* ou *fotologs*. Em relação à produção de texto escolar, por mais que a transcrição das entrevistas realizadas anteriormente - e utilizadas como base do texto de memórias literárias - e entregues tenha sido mais extensa (entre meia e uma folha de almaço), e se tenha requisitado que os alunos, na produção analisada, as incrementassem com detalhes e descrições, eles aparentam demonstrar certa dificuldade, ou falta de costume/familiaridade ao tecer narrativas mais extensas. Por mais que a média total de linhas das redações seja 24,4 a 43% do total de estudantes preencheram a folha entregue no máximo até a 23ª linha.

Se for tomada como base a de ideia de Rodrigues (2003, p.33) de que “na língua escrita, as unidades de ideia tendem a ser mais longas e mais complexas do que na língua falada. O escritor tem mais tempo e artifícios para aumentar o tamanho e a complexidade de uma unidade de ideia”, e for levado em consideração que M2 é escrita, mas possui bastantes características da fala, dentre as quais se pode enfatizar a produção de frases curtas aos jatos, o que muitas vezes leva à fragmentação, é possível afirmar que a leitura frequente dessas produções está motivando a produção de textos escolares curtos.

[...] the differences between spoken and written vocabulary and grammar, these now have to be revisited, because the way we use language on the Internet is different in salient respects from the way we use it in traditional speech and writing. [...] paragraph size, for example, is often shorter. (CRYSTAL, 2011, p. 14-15)

Em uma pequena parcela dos textos (16%)⁷¹, nota-se quanto à diagramação outra característica dos textos virtuais, originada da paragrafação norte-americana: a ausência de recuo marcante no início dos parágrafos. Mesmo o gênero *e-mail*, de caráter mais formal e menos oral que os anteriormente citados, bem como os textos publicados nas páginas da *Web* – inclusive de instituições governamentais –, não requerem (e se poderia dizer não admitem) a marcação de parágrafos por meio de recuo: o procedimento utilizado é pular uma linha para delimitar a quebra de parágrafo, conforme 6% dos autores do *corpus* fizeram total ou parcialmente em seus textos. Cabe, porém, salientar, que o modelo de paragrafação não é bem definido em algumas redações, sendo que muitas vezes usa-se recuo e pula-se linha, em outros não se usa recuo em parte do texto e pula-se linha, ou ainda não se usa nem recuo, nem pula-se linha.

Figura 13- Produção de texto em que uma linha é pulada após término de parágrafo

⁷¹ A tabulação desse e outros dados referentes à tipografia dos parágrafos se encontra na Tabela 10, no apêndice E.

Minhas Memórias Marcantes

Meu nome é [REDACTED], tenho 49 anos, trabalho como secretária de lar, moro em [REDACTED] há 17 anos.

Eu vivo com [REDACTED].

Vivi com os meus pais em uma casa grande, porém não tinha muitos móveis. Na época de 1960 e 1970, nessa infância era assim: levantávamos, ajudávamos em casa, íamos para a escola, quando voltávamos, fazíamos as lições, íamos comer e o resto do tempo que sobrava era para brincar. As brincadeiras eram conhecidas como pega-pega, casinha, roda e a que eu mais gostava de brincar era "Beijo, abraço e aperto de mão?" porque eu gostava de um menino e eu só brincava se ele brincasse se não eu não brincava.

Ainda quando eu era jovem, não tinha muitas bandas como tem hoje, tinha também rádios mais aqueles enormes bem antigos.

Antigamente a moda era andar com blusão, quem tinha dinheiro, andavam bem arrumados com vestido da época. Quem era pobre usava o que tinha, mas tinha que estar com blusão.

Os cabelos da época eram de todo tipo, tinha cacheado, só não tinha o que tem hoje, tinham secadores mais aqueles bem pequenininhas muito antigas.

Figura 14 - Produção de texto em que o recuo para indicar início de parágrafo não é bem marcado graficamente

Além disso, tais contextos virtuais permitem também a utilização de tópicos, forma de dispor informações de maneira fragmentada, sem necessidade de mecanismo de coesão, ferramenta utilizada por 3% dos discentes, mesmo que inadequadamente à estrutura do gênero da produção de texto.

Minha vida no passado.

Eu [redacted] tenho 35 anos, morei em [redacted], sempre morei no mesmo bairro no mesmo local.

A minha infância foi simples mas divertida, na minha infância não tinha computadores, celulares ou seja tecnologia, estudo pedagogia, mas hoje é mais fácil estudar.

Nasci em 1974. Entre 4 e 5 anos me lembro que andava de Bicicleta.

- Os moradores do bairro se falavam muito, se conheciam bem.

- As vezes quando as crianças saíam as outras mães ficavam de olho nas crianças.

- Joguei na Kennedy (Cidade das Crianças) nos dias de folga.

- Como mãe havia tantos brinquedos, brincava de correr, batata quente, e amarelinha em minha rua, também foi lançado na época na década 70 o Atari, alguns jogos que mais jogava-se era PAC MAN, jogava bastante.

- Antigamente tinhamos que ler livros nas bibliotecas ou achar em enciclopédias, hoje tem mais tecnologia com isso evolui muito.

- No passado tinham muitas coisas que valia muito, mas que hoje não são tão importantes.

Figura 15 - Produção de texto em que tópicos foram utilizados indevidamente ao gênero do texto

Quanto à organização e divisão do texto, há uma média de 5,4 parágrafos por produção, dentro da qual se encontra uma grande maioria que de fato utiliza de cinco a seis parágrafos para organizar sua produção, ao mesmo tempo em que se tem os extremos de 4% que utilizam um único parágrafo (de dezessete, dezoito, vinte e três e trinta linhas), e 5% que utilizam nove, dez, ou até mesmo doze parágrafos (em produções de trinta, vinte e nove, vinte e sete, vinte e seis ou até mesmo vinte e duas linhas).

Gráfico 6 - Quantidade de parágrafos utilizados para organizar o texto

Em algumas vezes não há critério para a delimitação de limites, mudando-se de parágrafo e continuando a tratar do mesmo aspecto de um assunto, ou se tratando de vários assuntos sem haver mudança de parágrafo. O mesmo tipo de ocorrência se faz presente, conforme já exposto, no tocante ao uso da pontuação: a ausência de sinais ou o uso inadequado deixa mesclados assuntos muito diversos, ou se impõe como obstáculos que tornam a compreensão das sentenças truncada. É importante frisar que, em relação ao *corpus* analisado, essas ocorrências não representam falta de conhecimento na prática de paragrafação, pois o mesmo conteúdo é estudado e praticado em sala de aula a partir do Ensino Fundamental I, ou seja, há conhecimento técnico dessa convenção gramatical por parte dos produtores dos textos.

Se comparados às características da linguagem virtual, tais dados remetem diretamente aos programas de comunicação síncrona e aos *posts* de *sites* de relacionamento em que, dentre outras características, em grande parte das vezes, a divisão de parágrafos não é clara; pode-se mudar de linha a qualquer momento, inclusive em meio a uma oração, e continuá-la na linha a seguir; a pontuação foge aos padrões gramaticais, e, muitas vezes, é substituída pela mudança de linha, ou simplesmente omitida; as letras maiúsculas em início de períodos nem sempre são utilizadas, ou o são com funções diferentes, por exemplo, dar destaque a determinados termos por meio do uso de caixa alta; as abreviaturas e símbolos tornam a comunicação mais rápida – mesma finalidade pela qual as regras de acentuação nem sempre são seguidas. Podem-se observar tais características, por exemplo, no *scrap* abaixo, escrito por uma adolescente de treze anos, e publicado em um *site* de relacionamento:

interativo da narrativa de memórias, em que o interlocutor é desconhecido e não há troca de turnos, ou seja, não se trata de uma conversação em que “os interlocutores alternam-se nos papéis de falante e ouvinte” (Galembek, 2003, p.65), e por isso haja necessidade de interação direta, considerando-se “falante” aquele que produz um texto falado ou escrito; (b) excesso de informalidade, provavelmente motivado pelo fato das informações-base do texto escrito terem sido coletadas em entrevista realizada com uma pessoa idosa com a qual se tivesse intimidade, fazendo com que a narrativa de tom provavelmente familiar fosse altamente informal e permeada de marcadores conversacionais, como é típico na oralidade.

Influência nos anos 80

Me chamo [redacted], tenho 45 anos, com no meu
 tipo, uma das coisas mais proibidas.

Meu melhor amigo de me diz que, uma vez eu estava
 com meus amigos, eu estava no cinema, eu estava com meus
 amigos de hoje me uma coisa muito estranha, hoje minha filha
 fala mais estranho um menino e fiquei com ela eu falei: filho
 cuidado deus, se no meu tipo falei assim para minha
 mãe leve um tipo novo.

Espero eu montando coisas com meus pais, mas
 são coisas simples, meu pai ele queria que eu ficasse
 no modo, ele me dava dinheiro para eu comprar roupas
 porque no tipo, no banco influenciaram demais no look
 das pessoas eu acho que no caso, eles influenciaram no
 estilo, roupa, estilo me.

Taxinha que mais marcou no meu vida foi meu
 primeiro baile com ele e as baladas, era diferente
 eu falei mais eu não tinha certeza para meu primeiro
 baile, e foi muito legal marcar demais minha vida.

Meu primeiro namoro foi com ele, meu pai pensou, e deixou
 e ele que a gente tinha vergonha me a fama que ele
 ganhou em casa, meu pai falou com ele em particular, com

Figura 17 - Exemplo de uso de marcadores conversacionais em produções de texto

Se 45% dos adolescentes não se preocupa com regras gramaticais ao escrever em programas de comunicação instantânea, 37% se policia quanto ao uso das mesmas de acordo com o contexto *online*, 62,5% têm o mesmo comportamento quanto a *blogs* e *fotologs*, e 55% quanto a *sites* de relacionamento, longe do universo virtual, na redação escolar, 58% cometem ao menos um lapso de concordância verbal, 42% de concordância nominal, e 23% de regência padrão.

A internet exige comunicação a cada dia mais rápida, bem como o mundo contemporâneo exige que o ser humano assuma cada vez quantidade maior de funções na sociedade em que vive. Esse ritmo acelerado faz com que, muitas vezes, as pessoas, ansiosas e apressadas, utilizem nas mensagens de texto enviadas por computadores ou aparelhos móveis, tais como celulares e *tablets* estruturas gramaticalmente fora da variedade padrão, ou não releiam o que escrevem, principalmente se o contexto do ato comunicacional for informal, fazendo com que a comunicação escrita perca a possibilidade de revisão e reescrita típica da variedade. Na fala não é possível apagar aquilo que foi dito, bem como na comunicação escrita síncrona não é possível deletar um texto já enviado, ou seja, aquilo que foi produzido, seguindo ou não o sistema de escrita padrão da língua portuguesa, está dito e/ou registrado, sem possibilidade de retorno. Devido a isso, muitas vezes, conforme afirma Galembeck (2003, p. 92), é comum o uso de repetições e paráfrases, buscando retomar tópicos ou evitar ambiguidades, bem como alongamentos de sílabas e elevação da voz na pronúncia de algumas sílabas (representados, na conversação escrita virtual respectivamente pela repetição de grafemas e pelo uso de caixa alta) buscam dar às sentenças o sentido almejado, evitando-se mal entendidos, mesmo porque “o próprio princípio de ‘fala um por vez’ é constantemente violado, sem que isso constitua uma falta de polidez” (GALEMBECK, 2003, p.92), o que pode fragmentar informações e levar à interpretações precipitadas.

Esses fatores, que influenciam os aspectos acima citados e/ou a outros, como trocas lexicais e semânticas, passaram também, paulatinamente, a afetar o ambiente escolar na escrita de forma mais presente, pois as novas gerações, que cresceram já inseridas nesse ritmo de vida e interligadas a vários tipos de tecnologia concomitantemente, estão habituadas a não manter a atenção focada em uma única função por muito tempo, visto que, como afirma Carr (2010b, p. 130), “*the division of attention demanded by multimedia further strains our cognitive abilities, diminishing our learning and weakening our understanding. When it comes to supplying the mind with the stuff of thought, more can be less*”, bem como a atenção, mesmo em sala de aula, pode ser atraída por qualquer movimentação dos colegas, ou de alguém que passe pelo corredor ou adentre a sala no momento da produção do texto, o que

é também prejudicial ao texto produzido sem revisão, pois “[...] *frequent interruptions scatter our thoughts, weaken our memory, and make us tense and anxious. The more complex the train of thought we’re involved in, the greater the impairment the distractions cause*” (Carr, 2010b, p. 132). Além disso, os redatores do *corpus* fazem uso constante de M2, sistema de escrita particular, com mais frequência até que de M1. Não se trata, nesse caso, é preciso frisar, simplesmente do uso frequente da *txtn*g influenciar a utilização de ortografia não padrão, mas sim do contexto tecnológico tornar hábito não revisar o texto escrito antes de enviá-lo, devido à necessidade de rapidez na comunicação, seja em meio virtual ou, por extensão, no meio real.

Como o processo de produção escrita na escola é algo que exige atenção e concentração exclusivas, o padrão comportamental faz com que muitos não releiam seus rascunhos antes de passá-los a limpo, ou façam a transcrição da primeira versão desatenta e mecanicamente, pois têm pressa de terminar essa função, não tão cotidiana e menos agradável, por exemplo, que a prática de jogos eletrônicos ou entretenimento digital, que os esperam no período pós-escolar.

De forma geral, pode-se dizer que a possibilidade oferecida pela feitura de rascunho das redações escolares de rever a produção linguística e os pontos de vista expostos, melhorá-los e corrigir os próprios desvios antes de se chegar a um produto final tem perdido espaço para o imediatismo da sociedade e da época em que se vive agora. Aquilo que fazia parte da produção oral estendeu-se para o mundo virtual e chegou também à escrita escolar. O resultado disso, juntamente aos hábitos que provém da utilização da internet como meio de comunicação que utiliza uma linguagem híbrida - afetada pelos mesmos fatores de forma ainda mais marcante - é um número consideravelmente grande de elipses e repetições desnecessárias, além de palavras da mesma ou de classes gramaticais diferentes permutadas, encontradas em praticamente todo o *corpus*.

Foram encontradas também no *corpus* diversas ocorrências de estruturas coloquiais comuns à fala informal que, devido ao contexto de produção, gênero e nível de formalidade do texto solicitado, deveriam ter sido substituídas por outras que correspondessem à variedade padrão da Língua Portuguesa, como se pode observar na tabela a seguir:

Tabela 9- Expressões da fala coloquial encontradas no *corpus*

Ocorrência	Trecho
<que nem> 2	“não usávamos as roupas que nem hoje” “tinha cabeleireira que nem hoje” “não conseguíamos se comunicar” “não podíamos ficar se abraçando nem se beijando” “não existia shopping que nem hoje” “que nem hoje em dia”
<tipo>	“nos divertíamos muito com brincadeiras tipo casinha” “era moda usar muitos laços, godê, chitas tipo anos 60”
<pros>	“a idade mínima era pros 16 anos”
<lá pras>	“só voltar lá pras 23:00 hrs”
<não tão nem aí>	“os jovens [...] respondem para os pais e não tão nem aí”
<só que>	“eu gostava de um menino só que eu tinha 15 anos” “só que tínhamos regras”
<rolava>	“(eu) ficava jogando verdade ou desafio principalmente quando rolava beijo”

Fonte: autora

Considerando-se que o *corpus* é composto por cem produções de texto e que somente foram encontradas sete ocorrências do tipo listado e em textos distintos (cada ocorrência citada no quadro está presente em uma redação diferente), é possível afirmar que os 14% de textos contendo expressões/gírias da fala coloquial não representam um número muito significativo devido à baixa frequência dos termos individualmente. O único caso que se destaca, nesse tocante, é <que nem>, encontrado uma vez em 6% do *corpus*. Outra estrutura encontrada também em número pequeno (seis ocorrências em 5% dos textos), que representa uso não padrão de M1 e não foi listada na tabela é o uso do pronome <se>, de terceira pessoa, para se referir à primeira pessoa (tanto do singular quanto do plural) nas estruturas “tínhamos de se comunicar”, “não conseguíamos se comunicar”, “Quando era criança (eu) gostava de se esconder”, “quando nós se reuníamos”, “o meu jeito de se vestir” e “não podíamos se abraçar nem se beijar”.

Das cento e dezessete repetições, a maioria diz respeito a substantivos e à conjunção aditiva <e>, o que indica dificuldade no uso dos mecanismos de coesão textual e, ao mesmo tempo, limitado repertório lexical. Em relação às dez redundâncias - como <agora hoje em dia>, <que de chamava ‘Peão de boiadeiro’ era o nome da festa’> - e às cento e trinta e quatro elipses de termos necessários para coesão do texto, ou convencionados gramaticalmente pela regência, no tocante a verbos - como em <a banda que mais [me] influenciava era...> ou <Uma novelinha que se ouvia bastante antigamente [era] Juvencio o

justiceiro do sertão> -, porém, provavelmente o que as explica é novamente a rapidez de escrita e a falta de revisão, que possibilitaria ao redator reconhecer tais estruturas falhas.

todos nós usamos mais o ônibus para ir aos shows, lugares que nós queríamos ir, porque era bem mais barato que aí, por isso não usamos tanto, hoje é bem mais barato aí, compo uma passagem por 90,00, 80,00 reais.

Eu acho que mudou muito de lá para cá, agora é bem mais tecnológica, tem também bem mais carros importados, tem outras maneiras de se divertir e vestir-se.

Mas foi muito bem esses anos que passaram, mesmo tendo passado bem rápido, hoje ainda é muito divertida para mim e acho que todos devem ter a minha mesma opinião.

Figura 18 - Trecho de produção de texto com exemplo de repetição próxima de termos

Além disso, é importante ressaltar, quanto ao material analisado, que a fragmentação típica do hipertexto e da internet, juntamente ao costume da leitura não linear, influenciam a forma de conectar ideias e estabelecer relações – principalmente mais complexas – entre elas nas produções de texto escolares, o que reafirma as mudanças na forma de pensar causadas pela internet da qual trata Carr (2010b). É perceptível, ao analisar o *corpus*, a dificuldade dos discentes na prática de relacionar linearmente orações e períodos, principalmente quando se trata de relações subordinativas, assim como ocorre no tocante aos parágrafos, conforme dito anteriormente⁷²: 26% dos textos, por exemplo, não possuem nenhum pronome relativo e a média de uso nos demais não chega a dois pronomes por redação, que em 80% dos casos se resume a <que>; ao se tratar de conjunções, normalmente mais utilizadas, a situação, que é plausível para estudos mais aprofundados devido à sua complexidade, se torna ainda mais interessante ao observar-se que 74% do total são coordenativas – dentre as quais 74% são aditivas. A subordinação, procedimento menos utilizado, exige domínio de estruturas gramaticais complexas e consciência da relação entre as orações o que, devido à prática da

⁷² Há inclusive, a ocorrência de conjunção coordenativa iniciando parágrafo ou período de forma irregular em 12% dos textos.

leitura e escrita fragmentada, torna-se dificultoso. Cabe lembrar que na internet o uso de gêneros curtos, tais como o post de *Twitter* com seus 140 caracteres máximos é bastante frequente, ou seja, a prática de escrita de sentenças pequenas e individuais tem levado aparentemente à redução de procedimentos sintáticos de coordenação e subordinação nas redações escolares. Mesmo levando-se em consideração que tais dificuldades advém também da falta de leitura, é importante ressaltar que o modelo fragmentado de leitura na internet, devido ao hipertexto, e de escrita, no ato de comunicação virtual sincrônica, comum aos alunos que produziram os textos que compõem o *corpus*, são também significativos como intensificadores da questão.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É tema de debate o fato de que, devido à inovação tecnológica, um novo sistema de escrita foi desenvolvido para atender às necessidades de envio de mensagens curtas de maneira rápida via computadores e celulares. Para isso, esse novo sistema faz uso de recursos presentes em línguas variadas, como supressão de vogais – comum no árabe – e uso de siglas – comum no português, por exemplo. Além disso, outros dois aspectos são bastante marcantes em sua composição: a aproximação da forma escrita da oralidade e o uso de caracteres pictóricos. No primeiro caso, o hibridismo desse código oral-escrito se intensifica devido à principal função dessas mensagens: a comunicação sincrônica, que leva a: (1) uma ortografia diferente da variedade padrão das línguas, de caráter mais fonético, em que muitos dígrafos da ortografia padrão são representados por um único grafema; (2) grafemas repetidos a fim de destacar prolongamento da sílaba no momento de sua pronúncia; (3) letras maiúsculas representando entonação mais alta da pronúncia de sílabas ou palavras; (4) fragmentação de sentenças, comum na comunicação oral devido à troca de turnos. No segundo caso, quanto ao uso de *emoticons*, por exemplo, trata-se de ferramenta de associação de ideias de maneira não-verbal, ou seja, semelhantemente ao que ocorre com os determinativos da escrita egípcia, esses símbolos visuais não representam palavras, mas reforçam ideias, o que, na comunicação virtual, é utilizado para suprir, por exemplo, a expressão facial, presente na comunicação face a face como complementos à linguagem verbal.

O que torna, pois, esse sistema de escrita peculiar, não são seus recursos, comuns separadamente em outros contextos (línguas e usos), mas seus motivadores de cunho tecnológico e social, como a necessidade de conexão e comunicação veloz e facilitada - principalmente após o final do século XX- , a aceitação do grupo social ao qual se almeja pertencer e a seleção de ferramentas consideradas adequadas ou não pela comunidade de fala (nesse caso, escrita).

Esse código, utilizado por e baseado em diversas línguas, tornou-se comum no Brasil, por exemplo, país em que 46,5%⁷³ da população faz uso da internet, sendo utilizado tanto para comunicação via computadores, quanto para comunicação por celulares. A questão é, pois, pensar sobre a hipótese de o domínio e o uso desse novo sistema de escrita tornar seus

⁷³ Fonte: ftp://ftp.ibge.gov.br/Acesso_a_internet_e_posse_celular/2011/tabelas_pdf/tab1053.pdf, segundo pesquisa realizada em 2011.

usuários aptos a se comunicar por ambas as modalidades, ou influenciar a estrutura da variedade padrão.

Diglossia, no sentido de variantes de uma mesma língua, certamente ocorre no presente contexto analisado, considerando-se que os indivíduos que se comunicam via mensagens de texto virtuais, principalmente aqueles mais jovens, dominam os dois sistemas de escrita – virtual e padrão - a tal ponto que o contato de ambos promoveu, como visto na presente dissertação, transferências gramaticais e empréstimos. Nesse contexto, pois, é perceptível que o prestígio dessas duas variedades de língua é diverso e definido: o sistema de escrita padrão (M1) é mais valorizado socialmente, enquanto o sistema virtual (M2) possui também prestígio, mas restrito ao ciberespaço e ao contexto tecnológico, sendo seu domínio sinônimo de modernidade e atualização. Afirmar, porém, que se trata de línguas diferentes, é um pouco exagerado, pois por mais que M2 possua características e usos peculiares, sua base estrutural e lexical é ainda M1 e, em muitos contextos mais formais de comunicação, ou em grupos específicos, escreve-se virtualmente seguindo a variedade padrão do português. É justamente a similaridade dos sistemas, que representam uma mesma língua, bem como de línguas em contato, que motiva a influência mútua, por exemplo, afinal “*it is really not the linguistic difference between two languages that fosters mutual interference, but, on the contrary, the similarity*” (VILDOMEK, 1971, p.78, apud THOMASON; KAUFMAN, 1988, p. 53)⁷⁴. O mesmo pode ser, inclusive, aplicado, na comparação da concretização da língua por meio da oralidade e da escrita padrão do português: ambas estão em constante contato, sendo possível tanto verificar oralidades na escrita, motivadas pela convergência, quanto usar a escrita como ponto inicial da organização do pensamento que será posteriormente oralizado em um discurso, por exemplo.

Além disso, é válido frisar que, por mais que haja transferências gramaticais do sistema de escrita virtual sobre o sistema padrão, no tocante aos empréstimos, em boa parte das vezes, há restrição de uso a referências tecnológicas que impedem que os termos se acentuem e influenciem a língua oficial por meio da substituição, como o *nonce-borrowing*⁷⁵ <quitar>, comum em frases de adolescentes que se entretêm em jogos virtuais com o sentido de “sair”, como se vê a seguir:

⁷⁴ VILDOMEK, Verboj. **Multilingualism**. Leiden – Netherlands: A. W. Sijthoff, 1971.

⁷⁵ Segundo Winford (2003, p.40), termo de uma língua usado somente por um grupo específico de outra, sem haver necessidade de empréstimo difundido e sendo possíveis modificações morfológicas e fonológicas; semelhante ao processo de *code-switching*, seu uso depende do domínio do falante sobre as duas línguas (ou sobre a variedade de escrita), das necessidades vocabulares da comunidade de fala, bem como do comportamento da mesma em relação à manutenção de convenções.

Figura 19 - Uso do empréstimo da língua inglesa “quitar”, motivado pelo contato virtual
 Fonte: Chat do jogo online *League of Legends*

Nesse caso, por exemplo, duas particularidades chamam a atenção: uma referente à formação do termo, e outra a sua coexistência com forma anteriormente presente na língua portuguesa. A palavra “sair” já existe em nossa língua, mas há preferência pela nova palavra, originada do contato com o termo em inglês <quit>, na indicação de sair do jogo, ou seja, parece mais adequado o novo termo para se referir (somente) a sair do ambiente virtual; trata-se, pois, de um neologismo cuja pronúncia é comum e aportuguesada. Pode-se, partindo disso, lembrar-se da tendência virtual ao uso de caracteres únicos para representar dígrafo, que geraria a forma não utilizada <kitar> por referência à pronúncia /kitar/; no entanto, a base de referência do novo termo é escrita, <quit>, o que fortalece o uso da sequência <qu>. Outro aspecto que chama a atenção é o fato de o verbo “quitar” já existir em português, com os significados usuais, conforme indica Borba (2002, p.1313), de ‘saldar, pagar’ ou ‘tornar-se quite, desobrigar’, considerando-se que “quite” significa ‘pago, saldado, livre de dívidas ou em igualdade de condições’. Analisando-se os significados presentes em Houaiss (2009, p.1598), é possível estabelecer relação distante do sentido atribuído a <quitar> no quadro citado com parte do verbete, que indica ação de ‘largar’, ‘esquivar-se, evitar’, ‘ficar longe de, deixar’, visto que o sentido da expressão é ‘deixar o ambiente virtual do jogo’; da mesma maneira, é possível retomar a etimologia desse termo em busca de compreendê-lo, também segundo Houaiss (2009): do latim medieval *quitate*, cujo significado é ‘fazer descansar’. Considerando-se, porém, que o falante não tem consciência diacrônica, e que o próprio termo <quitar> em português seja talvez desconhecido da maioria dos adolescentes, pelo seu uso mais tradicional, antigo, específico e fora do contexto de vida dessa faixa etária, pode-se afirmar que não se trata de atribuir carga semântica diferente a uma palavra já existente, como em um decalque, mas sim, por analogia, acrescentar ao termo emprestado a vogal temática *a* e a desinência de infinitivo *-r*, que caracterizam a palavra como um verbo na língua portuguesa,

valendo-se de um processo de empréstimo, visto que os neologismos verbais em nossa língua são sempre pertencentes à primeira conjugação. O exemplo citado fortalece também o caráter semântico dos empréstimos: não são emprestadas somente as formas gráficas e fonológicas entre sistemas ou línguas, mas também seu significado preferencial, mesmo que a relação seja, na língua-base, arbitrária. Emprresta-se, pois, o signo, com seu significante (que pode sofrer adaptações) e significado. É importante frisar que, nesse caso, por mais que o empréstimo seja da língua inglesa para a língua portuguesa, o mesmo se concretiza na variedade virtual da escrita, maleável, em constante formação, contato e interação com diferentes linguagens, além de diretamente relacionada ao ambiente do jogo – os jogadores conversam enquanto jogam –, o que facilita a aceitação e o uso da forma nesse contexto específico. Da mesma maneira, os coloquialismos <po> e <daora>, vindos da fala informal, a redução vocabular <flw> <<falou>, em que se destacam a omissão de vogais e o uso de <w> para representar foneticamente a semivogal, além do estrangeirismo <man> representam também algumas permissibilidades desse sistema de escrita formado, com base em caracteres escritos, mas repleto de peculiaridades de origem oral, ou mesmo lúdica, como indica Crystal (2009).

A questão é, pois, que, sem haver indícios no *corpus* de modificações em M1 no tocante a vocabulário, relacionadas ao contato com M2, não é possível afirmar que se trate de línguas diferentes. O sistema de escrita utilizado para compor mensagens de texto tem como base o código de escrita padrão das línguas-bases e tende a se tornar (se já não se tornou) mais frequente em uso que o sistema padrão, sendo que, apesar da volatilidade de suas características, ainda em construção, é o sistema de escrita virtual que sofre imposições. Trata-se simplesmente de códigos cuja base linguística é a mesma, mas que se diferenciam por convenções gráficas. Não há atrito, e não é provável que M2 venha a substituir M1. O que tende a ocorrer, porém, é que o uso de ambos, ou seja, o contato desses sistemas por meio dos indivíduos que se comunicam de ambas as formas escritas, e também de maneira oral, leve cada vez a mais transferências gramaticais e empréstimos.

Além disso, cabe salientar que as transferências gramaticais de M2 sobre M1, segundo aponta a análise de produções de texto escolares de falantes nativos de português, no contexto do Brasil⁷⁶, ocorrem de duas maneiras: (1) por influência da oralidade sobre ambos os sistemas de escrita, reforçado esse processo pela internalização de imagens gráficas frequentemente usadas na *txtnng* pelo falante, que passa a reproduzi-las na variedade padrão escrita de sua língua; (2) por

⁷⁶ Para avaliar melhor as relações entre o sistema de escrita virtual e padrão de maneira geral, o mais adequado seria fazer um estudo comparativo desse contato e suas relações gramaticais/lexicais também em outras línguas.

influência de ferramentas gráficas da *txtng*, que visam rapidez, economia de caracteres e ludicidade. No primeiro caso, é possível citar como processos comuns: a adoção de coloquialismos e marcadores conversacionais, a fragmentação de ideias, o uso de letras repetidas ou maiúsculas para indicar tom de voz e duração da pronúncia das sílabas, com destaque para a ortografia de caráter fonético, em que marcas da pronúncia, como alçamento vocálico, supressões e acréscimos de fonemas são representados na escrita. No segundo caso, as ocorrências dizem respeito ao uso de *emoticons*, algarismos, abreviaturas, reduções vocabulares – em que muitas vezes dígrafos do sistema de escrita padrão da língua são representados por um único grafema –, omissão de pontuação e acentuação gráfica, além da tendência a textos curtos e paragrafação sem recuo. Por fim, cabe frisar que, apesar do foco de análise da presente pesquisa ter se voltado para ocorrências que dizem respeito principalmente à ortografia, muitas relacionadas à possibilidade de escrita rápida e sem revisão dos alunos devido a sua baixa frequência, essa possibilidade está também atrelada às práticas de comunicação virtual por mensagens de texto, visto ser característica marcante do contexto virtual a rapidez de escrita e envio do texto oral-escrito, que pode levar ao hábito de não reler o que se escreveu (muitas vezes mesmo em contexto escolar).

Para melhor compreender, pois, as proporções da influência da comunicação virtual escrita sobre as produções de texto escolares, muitas poderiam ser as pesquisas a serem desenvolvidas no tocante a aspectos somente levantados nessa dissertação, por uma questão de foco. Conforme se indicou, aparentemente as mudanças mais significativas na escrita padrão escolar, motivadas pelo contato com a *txtng*, de acordo com a análise de *corpus*, estão relacionadas não à ortografia, mas à fragmentação e à falta de leitura/revisão do que é escrito, o que interfere, por exemplo, no uso de pontuação, conectivos, e na organização de parágrafos. Nesse sentido, um estudo comparativo desses aspectos em redações produzidas por alunos que frequentemente se comunicam virtualmente e por outros que não possuem acessibilidade cotidiana à internet seria uma maneira válida de verificar os limites de influência da variedade virtual escrita do português brasileiro, por exemplo, sobre a variedade padrão escrita, em outros estudos da área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Regina Domingues de.; CARNEIRO, Cleverson Ribas. **A utilização do RPG** – Role Playing Game como instrumento pedagógico para a prática da leitura, oralidade e escrita. 12 p. Artigo – Portal Educacional do Paraná, Curitiba, [200-] década certa. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/146-4.pdf>. Acesso em 14 jan 2011.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro**: um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. **Não é errado falar assim!**. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **Gramática de bolso do Português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2013.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da Gramática**. Opressão? Liberdade?. São Paulo: Ática, 2004.

BEKKER, Peter. Pidgins. In ARENDS, Jacques; MUIJSKEN, Pieter; SMITH, Norval. **Pidgin and Creole**: An introduction. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1994.

BELINE, R. “A variação linguística”. In: FIORIN, J.L. (org). **Introdução à Linguística I: objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002. P.121-140.

BERNARDES, Alessandra Sexto e FERNANDES, Olívia Paiva. A Pesquisa escolar em tempos de Internet. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção e COSTA, Sérgio Roberto (Orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.p. 117-135.

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 35ª edição. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Dicionário de linguística e gramática**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CARR, Nicholas. “Internet obriga a pensar de forma ligeira e utilitária”. Entrevista realizada por LEITE, Marcelo. 20 set. 2010. *Ciência*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/801267-internet-obriga-a-pensar-de-forma-ligeira-e-utilitaria-diz-nicholas-carr.shtml>. Acesso em 30 set 2010a.

_____. *The Shallows: what the internet is doing to our brains*. New York: W.W.Norton & Company, 2010b.

COSTA, Sérgio Roberto. Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper) textuais na Internet. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção e COSTA, Sérgio Roberto (Orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006a. p. 19-28.

_____. Leitura e escrita de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção e COSTA, Sérgio Roberto (Orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006b. p. 37-44.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica: linguística e filologia**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luis F. Lindley. **Nova Gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

CRYSTAL, David. *Txtng: The gr8 db8*. New York: Oxford, 2009.

_____. *Internet Linguistics: a student guide*. New York: Routledge, 2011.

FACHINETTO, Eliane Arbusti. O hipertexto e as práticas de leitura. *Revista LETRA MAGNA*, ano 2, nº03 – 2º semestre de 2005. Disponível em: http://www.letramagna.com/Eliane_Arbusti_Fachinetto.pdf. Acesso em 20 Jun 2014.

FERNANDÉZ, A. et al. **Avaliação e intervenção da disortografia baseada na semiologia dos erros: revisão da literatura**. *Revista CEFAC*, v. 12, n. 3, p. 499-504, 2010. Disponível em: <http://www.revistacefac.com.br/fasciculo.php?form=edicoes/v12n3.php>. Acesso em 05 jul 2013.

FERREIRA NETO, Waldemar. **Tradição Oral e produção de narrativas**. São Paulo: Paulistana, 2008.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Da tecnologia da escrita à tecnologia da Internet. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção e COSTA, Sérgio Roberto (Orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006a. p.11-18.

_____. A escrita na internet: uma nova forma de mediação e desenvolvimento cognitivo. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção e COSTA, Sérgio Roberto (Orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006b. p. 29-36.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. O turno conversacional. In PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais** (Projetos Paralelos: V.1) 6. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003.

HILGERT, José Gastón. A Construção do texto “falado” por escrito: A conversação na internet. In: PRETI, Dino (org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 2000, p. 17-55.

HOLANDA Ferreira, Aurélio Buarque de. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, elaborado pelo instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. 1ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2011**. 2013. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Acesso_a_internet_e_posse_celular/2011/PNAD_Inter_2011.pdf Acesso em: 01 Jul 2014.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Isidoro Blinkstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.

JOSEPH, John E. **Saussure**. Oxford: Oxford, 2012 (ebook).

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIVINGSTONE, S. ***Young People and New Media: Childhood and the changing media environment***. London: Sage, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Interação na Internet: Apresentação. In: ARAÚJO, Júlio César e BIASI-RODRIGUES, Bernadete (Orgs.). **Interação na Internet: Novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 9-12.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2008.

MESTRINELLI, Terezinha. Espaços Mentais e Hipertexto: Considerações sobre os *Chats* do IRC. In: ARAÚJO, Júlio César e BIASI-RODRIGUES, Bernadete (Orgs.). **Interação na Internet: Novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 63-86.

MOLLICA, Marília Cecília e BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008.

MORAES, Lygia Corrêa Dias de. A sintaxe na língua falada. In PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais** (Projetos Paralelos: V.1) 6. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003.

MYERS-SCOTTON, Carol. ***Contact linguistics: bilingual encounters and gramatical outcomes***. Oxford: Oxford University Press, 2002.

PEREIRA Filho, Emmanuel. **As rimas de Camões**. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1974.

REZENDE, Fernanda Alvarenga e MAGALHÃES, José Sueli de. “Alçamento da vogal pretônica /e/ na fala dos habitantes de Coromandel=MG e Monte Carmelo-MG” in: *Linguagem: estudos e pesquisas*. Catalão, v. 14, n.2, 2010, p. 57-76.

RODRIGUES, Ângela C. Souza. Língua falada e língua escrita. In PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais** (Projetos Paralelos: V.1) 6. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003.

ROGERS, Henry. *Writing Systems: A Linguistic Approach*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Le Petit Prince*. Gallimard, 1946-1999. Disponível em: <http://www.saintexupery-domainepublic.be/wp-content/uploads/2015/02/petitprince2.pdf>. Acesso em: 01 jul 2015.

SAUSSURE, Ferdinand. *Premier Cours de Linguistique Generale (1907)/First Course of Lectures on General Linguistics (1907) D'après les cahiers d'Albert Riedlinger. Édition par KOMATSU, Eisuke. Trad. Anglaise par WOLF, George. (Language & Communication Library, vol. 15)*. Oxford: Pergamon Press, 1996.

_____. **Curso de Linguística Geral**. 34ª ed. São Paulo, Cultrix, 2012.⁷⁷

SILVA-CORVALÁN, Carmen. *The Limits of convergence in language contact*. *Journal of Language Contact* – THEMA 2, 2008.(www.jlc-journal.org).

SILVA, Maurício. **O novo acordo ortográfico da língua portuguesa: o que muda, o que não muda**. São Paulo: Contexto, 2008.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p.143-160, dez. 2002. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> ou <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>. Acesso em: 4 jan 2015.

SOUZA, Luciene Pinheiro de, e DEPS, Vera Lúcia. A Linguagem das salas de bate-papo nas produções de texto. In: **O texto e sua produção**: Caderno 10 do IX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA do Círculo Fluminense de estudos filológicos e linguísticos. [artigo científico]. Publicado em 08/2005. Disponível em <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/10/05.htm>. Acesso em 22/abr/2009.

TENANI, Luciani Ester. Hipersegmentação de palavras: análise de aspectos prosódicos e discursivos. Pelotas: **Linguagem & Ensino**, v.16, n.2, dez. 2013, p. 305-326.

⁷⁷ A versão original da obra, *Cours de linguistique générale*, foi publicada postumamente em 1916, pela editora Payot, editada por Charles Bally e Albert Sechehaye, com colaboração de Albert Riedlinger. A primeira edição brasileira da obra data de 1970.

THOMASON, Sarah G; KAUFMAN, Terrence. *Language contact, creolization and genetic linguistics*. Berkeley: University of California Press, 1988.

THOMASON, Sarah G. *Language Contact: an introduction*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2001.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais** (Projetos Paralelos: V.1) 6. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003.

VIEGAS, Maria do Carmo. “O alçamento de vogais medias pretônicas e os itens lexicais” in: Revista de Estudos Linguísticos. UFMG, Belo Horizonte, v. 2, ano 4, 1995 p.101-123.

VILDOMECH, Verboj. *Multilingualism*. Leiden – Netherlands: A. W. Sijthoff, 1971.

VILELA, Ana Carolina. GODOY, Luisa. CRISTÓFARO-SILVA, Thais. **Truncamento no Português Brasileiro**: para uma melhor compreensão do fenômeno. UFMG. 2006. Disponível em: <http://www.projetoaspa.org/cristofaro/publicacao/pdf/truncamento-rel-2006ms.pdf>. Acesso em 20 jul 2013.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: Findings and Problems*. New York: Publications of the Linguistic Circle of New York, 1953.

WINFORD, Donald. *An introduction to Contact Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

WINFORD, Donald. *Processes of creole formation and related contact-induced language change*. Journal of Language Contact – THEMA 2, 2008.(www.jlc-journal.org).

WOLF, Maryanne. *Proust and the Squid: the story and science of the reading brain*. New York Cuty: Harper, 2007.

BIBLIOGRAFIA

AIKHENVALD, Alexandra; DIXON, Robert M. W. (orgs). *Areal Diffusion and Genetic Inheritance: Problems in Comparative Linguistics* (Explorations in Linguistic Typology). Oxford: Oxford University Press, 2002.

ARAÚJO, Júlio César e BIASI-RODRIGUES, Bernadete (Orgs.). **Interação na Internet: Novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ASSALIM, Clarice. **Afinal, estamos de acordo!**. São Paulo: Porto de Ideias, 2008.

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CALVET, Louis-Jean. **Tradição oral e tradição escrita**. São Paulo: Parábola, 2011.

CAMPOS, Carmen Lúcia da Silva, e SILVA, Nilson Joaquim da (org.). **Lições de gramática para quem gosta de Literatura**. São Paulo: Panda Books, 2007.

CHAGAS de Souza, Paulo. A mudança linguística. In: FIORIN, J.L. (org.). **Introdução à Linguística I: objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 141-163.

DIONÍSIO, Ângela Paiva Dionísio; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção e COSTA, Sérgio Roberto (Orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2000.

HEINE, Bernd; NURSE, Derek (orgs.). *A Linguistic Geography of Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

KEHDI, Valter. **Morfemas do português**. São Paulo: Ática, 2007.

LÉVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. Porto Alegre: Revista FAMECOS, dezembro de 1998.

PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais** (Projetos Paralelos: V.1) 6. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003.

SAID ALI, Manuel. **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa**. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

SHEPHERD, Tania G. e SALIÉS, Tânia G. **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2012.

WINFORD, Donald. *Some issues in the study of language contact*. *Journal of Language Contact* – THEMA 1, 2007.(www.jlc-journal.org).

GLOSSÁRIO

Blog- Diário virtual

Chat- Sala de bate-papo virtual

Convergência – também chamada “interferência”, baseia-se nas influências não lexicográficas (classificadas como “empréstimos”) que uma língua possa ter sobre outra com a qual está em contato

Crioulos – línguas formadas por meio de elementos de outras variadas línguas

Digital – Referente à informática e à internet

Diglossia – situação de bilinguismo ou de uso de duas variantes da mesma língua

Download- Cópia de arquivos disponíveis na *Web*

E-mails – Mensagens de correio eletrônico

Fotolog- Diário virtual, cujo foco são fotos acrescidas de comentários

Internauta – Aquele que utiliza a internet

Kindle – aparelho utilizado para leitura de textos digitais

Logograma – símbolos que representam ideias

Messenger- Software de comunicação instantânea

Online- Conectado

Pidgin – língua secundária, utilizada para um propósito específico (THOMASON; KAUFMAN, 1988, p.49), normalmente relacionada à comunicação ágil

Post – Texto de caráter curto, comum em *blogs* e *fotologs*

Scraps- Mensagens curtas, utilizadas em *sites* de relacionamentos

RPG – Jogo de interação

Skype- Programa de comunicação instantânea

Virtual – Relacionado à internet e à *Web*

APÊNDICE A: Instruções para entrevista que deu origem à produção de texto (*corpus*)

Você já estudou os elementos e a função do gênero entrevista. Agora chegou a sua vez de entrevistar alguém. A entrevista que você realizará servirá posteriormente como base para a feitura de outra atividade de produção de texto, sobre memórias, então siga as instruções e capriche.

1 – **SELECIONE O SUBTEMA DA ENTREVISTA:** O tema geral da entrevista é “memórias”, o que quer dizer que você precisará colher declarações sobre épocas passadas. Escolha um assunto específico sobre o qual você formulará suas perguntas, antes de realizar a entrevista.

Sugestões de subtemas:

a) *Modos de viver do passado* (a relação entre pais e filhos, as formas de se divertir, se vestir, viajar, comercializar, festejar datas especiais, a influência de bandas ou filmes sobre os jovens, as “regras” de namoro, experiências escolares etc);

b) *Transformações físicas da comunidade* (aparência das construções e praças de outros tempos, história da construção de edifícios, do crescimento da cidade, da destruição da natureza do lugar etc);

c) **Antigos lugares de trabalho:** Uma fábrica que deu emprego a muita gente e fechou, uma fazenda onde as pessoas trabalhavam e moravam, uma empresa pequena que cresceu muito, uma venda que virou supermercado, as pequenas lojas que desaparecem com a chegada dos *shoppings centers*.

d) *Profissões que desapareceram:* Nas grandes cidades, por exemplo, os leiteiros e padeiros que vinham com suas carrocinhas entregar leite e pão, as costureiras que trabalhavam nas casas das pessoas, as datilógrafas com suas máquinas de escrever.

e) *Eventos marcantes:* Uma grande enchente, uma comemoração importante, uma festa tradicional, a visita de um presidente ou outra pessoa ilustre, o buraco que se abriu no chão e engoliu parte do bairro, um grande acidente, uma vitória marcante do time da cidade etc.

2 – **SELECIONE O ENTREVISTADO:** Você pode inicialmente escolher duas pessoas para realizar a entrevista e, de acordo com o que elas disserem, então selecionar a que apresentou uma quantidade maior de informações interessantes e relevantes. Pense: quais são as pessoas da comunidade que podem ter lembranças interessantes do passado em relação ao subtema que você escolheu?

3 – **FORMULE AS PERGUNTAS**: Com base no assunto a ser tratado e no perfil de entrevistado escolhido, formule de cinco a oito perguntas, que deverão ser realizadas obrigatoriamente. Caso o entrevistado não desenvolva as respostas da maneira esperada e o entrevistador julgar pertinente aprofundar as informações fornecidas, se poderá improvisar mais perguntas no decorrer da entrevista, desde que essa não se torne muito extensa. Procure não fazer perguntas cujas respostas serão muito diretas, como “sim” e “não”: quanto mais ricas as respostas, mais material você terá para fazer a atividade do terceiro trimestre relacionada a essa.

4 – **ORGANIZE O MATERIAL NECESSÁRIO**: Você precisará de um gravador ou de uma câmera de vídeo para, após as duas entrevistas realizadas, assisti-las e escolher uma para transcrever e entregar à professora. Leve também as perguntas pré-organizadas escritas em um papel, para não correr o risco de esquecê-las no momento da entrevista.

5 – **REALIZE AS ENTREVISTAS**, mantendo-se atento às respostas e gravando-as. LEMBRE-SE DE NO COMEÇO OU NO FINAL ANOTAR DADOS DO ENTREVISTADO, TAIS COMO NOME, IDADE, PROFISSÃO, ONDE MORA E HÁ QUANTO TEMPO MORA NESSE LOCAL, ONDE PASSOU A ÉPOCA DE SUA VIDA DA QUAL FALARÁ/FALOU etc. Selecione a mais completa/interessante. **DIGITE A ESCOLHIDA**, eliminando repetições e marcas da oralidade, mas não modifique aquilo que foi dito pelo entrevistado. No caso de uma parte de alguma resposta não ter sido desenvolvida, mesmo com o esforço do entrevistador, ou mesmo a resposta inteira, elimine-a, desde que a entrevista completa tenha no mínimo cinco perguntas e informações relevantes o suficiente para o projeto a ser realizado futuramente.

6 – **FORMATE A ENTREVISTA**, conforme já visto em sala, diferenciando a fala do entrevistador da fala do entrevistado.

7 – **MONTE UMA INTRODUÇÃO** contendo informações sobre:

- a) O tema e subtema da entrevista
- b) Quando e onde a entrevista foi realizada
- c) Quem é o entrevistado (aqui aparecem todos os dados colhidos antes da entrevista)

8 – **CRIE UMA MANCHETE** atrativa e curta, mas que resuma bem o tema da entrevista.

9 – Verifique se não há erros no texto, imprima-o e entregue-o na data estipulada.

APÊNDICE B: Instruções para produção de texto (*corpus*)

Redija um texto de 20 a 30 linhas utilizando o gênero “Memórias literárias”, visto em sala, com base nas informações colhidas por meio da entrevista que você realizou anteriormente. Observe os critérios de avaliação abaixo para não se esquecer de nada, e siga as instruções a seguir, que visam facilitar a organização de seu texto:

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO (CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO ESTUDADO QUE DEVEM SER MANTIDAS)	PONTUAÇÃO OBTIDA
Vocês deverão escrever um TEXTO EM 1ª PESSOA, se colocando no lugar da pessoa mais velha entrevistada, para escrever as memórias dela. No entanto, é permitido que você imagine exatamente como teriam ocorrido os fatos, a fim de fornecer um número maior de detalhes e descrever os acontecimentos e lugares.	
O texto deve retratar O LUGAR ONDE A PESSOA VIVIA E AS FORMAS DE VIVER DA ÉPOCA.	
Lembre-se de que o tema de seu texto é “memórias” e, portanto, você DEVE USAR VERBOS NO PASSADO (pretéritos).	
O texto deve trazer IMPRESSÕES PESSOAIS do narrador a respeito da época narrada: como ele se sentia em relação aos fatos narrados, quais as opiniões que ele tinha e foram alteradas com o passar do tempo. No entanto, atente para não usar termos coloquiais ou típicos da fala, pois se trata de um texto escrito de memórias literárias e não da reprodução de um relato oral.	
O texto deve conter DESCRIÇÕES bem específicas dos lugares, costumes e palavras típicas da época narrada, a fim de que o leitor visualize o que está sendo narrado.	
O TÍTULO deve ser interessante (deve resumir o assunto do qual se fala e chamar a atenção do leitor). Não confunda título com tema (“Memórias”), nem com subtema!	
Seu texto deve ser mais impessoal, descritivo e organizado que a entrevista. Não copie as informações da forma como elas aparecem na mesma, e organize tudo em forma de um único texto, e não de perguntas e respostas. CONECTE AS INFORMAÇÕES.	
No texto você deve utilizar a norma padrão da língua portuguesa. Revise-o antes de passar a limpo, para que não haja desvios gramaticais.	

SUGESTÕES:

- 1 - Comece com uma apresentação do narrador, lembrando-se de que o leitor não o conhece: é importante saber seu primeiro nome, sua idade, onde mora hoje e onde já havia morado, onde cresceu, qual a sua profissão etc.
- 2 - Escolha os fatos da entrevista que você considerou mais interessantes e, após a apresentação, situe a história no tempo e espaço: quando aconteceu? Onde aconteceu? De que época exatamente se está falando (década ao menos).
- 3 - Utilize expressões e termos que tornem o leitor mais próximo do texto, porém, utilizando a norma padrão da língua portuguesa, conforme visto anteriormente.
- 4 - Busque descrever com DETALHES os lugares e as situações que aparecerão na redação, a fim de enriquecê-la e fazer com que o leitor consiga imaginar as cenas.
- 5 - Faça comparações entre os fatos passados narrados e o presente, estabelecendo diferenças e semelhanças.
- 6 - Termine o texto “trazendo” o entrevistado (que é, na verdade, o narrador) para a atualidade.

APÊNDICE C: Questionário aplicado aos alunos

Sexo: () M () F Idade: _____ anos Cidade em que reside: _____

Assinale a(s) alternativa(s) que corresponde(m) aos seus hábitos:

1 – Você acessa a internet com qual frequência?

- a) () Todos os dias.
- b) () De 5 a 6 vezes por semana.
- c) () De 3 a 4 vezes por semana.
- d) () De 1 a 2 vezes por semana.
- e) () Cerca de 2 vezes por mês.
- f) () Menos de 1 vez por mês.

2 – Quando acessa a internet, você o faz:

- a) () de sua residência.
- b) () da residência de amigos e/ou parentes.
- c) () de *lan houses*.
- d) () de centros digitais públicos.
- e) () do celular.

3 – Com cerca de quantos anos você começou a ter acesso à internet?

- a) () menos de 5
- b) () de 5 a 7
- c) () de 8 a 10
- d) () de 10 a 12
- e) () após completar 12 anos

4 – Quando acessa o meio virtual, na maior parte das vezes é para:

- a) () fazer pesquisas escolares.
- b) () esclarecer dúvidas e curiosidades.
- c) () fazer download de arquivos.
- d) () usar *sites* de relacionamentos.
- e) () interagir com colegas e amigos por meio de programas de comunicação instantânea.
- f) () utilizar jogos *online*.
- g) () Assistir a vídeos *online*.
- h) () Outros. Quais?

5 – Seus pais ou responsáveis têm controle/conhecimento dos *sites* acessados por você?

- a) () Sim
- b) () Não
- c) () Parcialmente

6 – Quando acessa a internet em sua casa, ou na casa de amigos/parentes, onde fica o computador?

- a) () Na sala, em local restrito
- b) () Na sala, à vista de todos
- c) () No escritório, em local restrito
- d) () No escritório, à vista de todos
- e) () No quarto, em local restrito
- f) () No quarto, à vista de todos
- g) () Em outro local, restrito
- h) () Em outro local, à vista de todos

7 – Quantas horas semanais você passa conectado, em média?

- a) () Menos de 1
- b) () De 1 a 3
- c) () De 4 a 6
- d) () De 7 a 10
- e) () De 11 a 14
- f) () De 15 a 20
- g) () De 20 a 25
- h) () Mais de 25

8 – Com quem normalmente você fica quando está em casa?

- a) () Com sua mãe
- b) () Com seu pai
- c) () Com seus pais
- d) () Com seus avós
- e) () Com tios
- f) () Com irmãos
- g) () Sozinho

9 – Quando está em casa, você costuma conversar com:

- a) () seus pais/irmãos
- b) () Seus avós/tios
- c) () Vizinhos, pessoalmente
- d) () Amigos e colegas, pessoalmente
- e) () Amigos/colegas/parentes, pelo computador
- f) () Não costumo conversar com as pessoas quando estou e casa

10 – Quando utiliza programas de comunicação instantânea, a linguagem utilizada por você:

- a) () Segue as regras de ortografia e gramática
- b) () Segue somente as regras de ortografia, mas é coerente
- c) () Segue as regras gramaticais, mas não há preocupação com a ortografia
- d) () Não segue regras e há a grafia da mesma palavra de formas diferentes
- e) () De acordo com a pessoa com a qual fala, apresenta maior ou menor cuidado com a ortografia e as regras gramaticais.

11 – Nesses programas, você utiliza sinais de pontuação.

- a) () Sempre
- b) () Somente vírgulas
- c) () Somente pontos finais
- d) () Normalmente não me preocupo com isso

12 – Ao “teclar” com amigos, você utiliza símbolos (*emoticons*)?

- a) () Com muita frequência
- b) () Às vezes
- c) () Dependendo da pessoa com a qual falo

- d) () Quase nunca
- e) () Não costumo usar

13 – Você possui *blog* ou *fotolog*?

- a) () Sim
- b) () Não

14 – Você costuma acessar *blogs* ou *fotologs* de amigos?

- a) () Sim
- b) () Não

15 – Ao fazer um post ou comentário em *blog/fotolog* você:

- a) () Usa o mesmo tipo de linguagem que utiliza nos programas de comunicação instantânea.
- b) () Escreve da mesma forma que nas redações escolares.
- c) () Escreve usando linguagem informal, mas não modifica a ortografia
- d) () Escreve sem se preocupar com nada.
- e) () Não costuma escrever nesses *sites*.

16 – Quando utiliza *sites* de relacionamento (*Orkut, Facebook, Twitter* etc), você:

- a) () Usa o mesmo tipo de linguagem que utiliza nos programas de comunicação
- b) () Escreve da mesma forma que nas redações escolares.
- c) () Escreve usando linguagem informal, mas não modifica a ortografia
- d) () Escreve sem se preocupar com nada.
- e) () Não costuma escrever nesses *sites*.

APÊNDICE D: Gráficos sobre aspectos complementares

Gráfico 7 - Linguagem utilizada em posts de blogs/fotologs

Gráfico 8 - Sexo dos alunos

Gráfico 9 - Idade dos alunos

Gráfico 10 - Cidade em que os alunos residem

Gráfico 11 - Quantidade de pontos de acesso à Internet

Gráfico 12 - Segunda ou terceira opção de acesso à Internet daqueles que possuem conexão em casa

Gráfico 13 - Frequência de acesso dos adolescentes que passam mais de 25 horas semanais conectados

Gráfico 14 - Horas semanais que os adolescentes que acessam a internet todos os dias passam conectados

Gráfico 15 - Quantidade de funções *online* utilizadas

Gráfico 16 - Única função utilizada por alguns adolescentes

Gráfico 17 - Conhecimento/controla dos pais ou responsáveis sobre *sites* acessados pelos adolescentes

Gráfico 18 - Pontos de acesso à Internet dos adolescentes que dispõem de mais de um em casa

Gráfico 19 - Privacidade dos pontos daqueles que possuem dois ou três, em casa

Gráfico 20 - Exclusividade de conversa em meio virtual quando se está em casa para aqueles adolescentes que utilizam a Internet com esse fim

Gráfico 21 - Alunos que caracterizam seu uso da linguagem em programas de comunicação instantânea de mais de uma forma

Gráfico 22 - Frequência do uso de sinais de pontuação nos programas de comunicação instantânea

Gráfico 23 - Utilização de símbolos (*emojis*) em conversas online

APÊNDICE E: Tabelas complementares referentes à tipografia do *corpus*.

Tabela 10- Tamanho e organização dos textos em parágrafos

Número de identificação do texto	Quantidade de parágrafos	Quantidade de linhas	Número de identificação do texto	Quantidade de parágrafos	Quantidade de linhas
1	6	22	34	6	16
2	6	27	35	4	31
3	6	20	36	9	30
4	5	23	37	7	28
5	6	27	38	1	17
6	6	26	39	5	19
7	6	30	40	3	17
8	8	26	41	6	26
9	7	19	42	7	24
10	2	22	43	3	22
11	4	26	44	5	25
12	2	25	45	8	30
13	7	23	46	5	21
14	8	30	47	4	11
15	3	21	48	1	23
16	6	20	49	4	28
17	8	27	50	9	27
18	4	18	51	6	30
19	10	26	52	12	22
20	6	29	53	4	23
21	5	25	54	1	18
22	6	31	55	6	28
23	6	30	56	6	23
24	8	23	57	4	10
25	7	26	58	6	23
26	4	33	59	5	27
27	3	26	60	6	29
28	2	29	61	5	22
29	5	24	62	4	23
30	2	15	63	3	23

(continua)

Tabela 10 - Tamanho e organização dos textos em parágrafos

(conclusão)

Número de identificação do texto	Quantidade de parágrafos	Quantidade de linhas	Número de identificação do texto	Quantidade de parágrafos	Quantidade de linhas
31	9	29	64	5	23
32	5	20	65	6	27
33	6	20	66	4	19
67	6	20	85	6	26
68	6	27	86	5	25
69	2	30	87	7	30
70	5	33	88	5	23
71	5	21	89	3	28
72	8	22	90	1	30
73	4	30	91	4	27
74	8	29	92	8	27
75	5	25	93	5	25
76	7	25	94	7	23
77	3	27	95	5	22
78	3	27	96	7	25
79	4	28	97	7	29
80	5	22	98	6	20
81	4	20	99	3	21
82	5	31	100	3	27
83	5	30	SOMA	277,0	1243,0
84	5	23	MÉDIA	5,4	24,4

Tabela 11 - Tipografia dos parágrafos dos textos que compõem o *corpus*

Número de identificação do texto	Pulou linha entre dois parágrafos do total do texto	Pulou linha entre todos os parágrafos	Utilizou tópicos	Ausência de espaçamento no início de todos os parágrafos	Ausência de espaçamento no início de um parágrafo, ou de quantidade menor que o total
1				1	
2					
3					
4					

(continua)

Tabela 11 - Tipografia dos parágrafos dos textos que compõem o *corpus*

(continuação)

Número de identificação do texto	Pulou linha entre 2 parágrafos do total do texto	Pulou linha entre todos os parágrafos	Uso de tópicos	Ausência de espaçamento no início de todos os parágrafos	Ausência de espaçamento no início de um parágrafo, ou de quantidade menor que o total
5					
6					
7					
8					
9				1	
10					
11					
12				1	
13					
14					
15				1	
16					
17					
18					
19					
20					
21					
22					
23					
24					
25					
26					
27					
28					
29					1
30					
31					
32					
33	1				
34					
35					
36	1		1		

(continua)

Tabela 11 - Tipografia dos parágrafos dos textos que compõem o *corpus*

(continuação)

Número de identificação do texto	Pulou linha entre 2 parágrafos do total do texto	Pulou linha entre todos os parágrafos	Uso de tópicos	Ausência de espaçamento no início de todos os parágrafos	Ausência de espaçamento no início de um parágrafo, ou de quantidade menor que o total
37					
38					
39					
40					
41					
42	1		1		
43					
44				1	
45					
46					
47				1	
48					
49					
50					
51					
52					
53					
54					
55					
56					
57					
58					
59					
60					
61					
62					
63				1	
64				1	
65					
66					
67					1
68					

(continua)

Tabela 11 - Tipografia dos parágrafos dos textos que compõem o *corpus*

(conclusão)

Número de identificação do texto	Pulou linha entre 2 parágrafos do total do texto	Pulou linha entre todos os parágrafos	Uso de tópicos	Ausência de espaçamento no início de todos os parágrafos	Ausência de espaçamento no início de um parágrafo, ou de quantidade menor que o total
69					
70					
71		1			
72	1			1	
73					1
74					
75					1
76					
77					
78				1	
79					
80					
81					
82					
83					
84					
85					
86					
87			1		1
88					
89	1				
90					
91					
92					
93				1	
94					
95					
96					
97					
98					
99					
100					
TOTAL	5,0	1,0	3,0	11,0	5,0

ÍNDICE

A

Abjad, 50
 Abreviaturas, 16, 24, 26, 39, 56, 67, 84, 91, 104, 105, 111, 123
 Acentuação gráfica, 50, 102, 123
 Alçamento vocálico, 96, 123
 Analogia, 25, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 91, 95, 96, 102, 121
 Andrade e Carneiro, 35
 Aquisição da linguagem, 18
 Árabe, 34, 50, 62, 119

B

Bagno, 51, 86, 90, 91, 92
 Beline, 25
 Bernardes e Fernandes, 43, 77
 Bilinguismo, 27
 Bliss, 22, 24
Blogs, 81, 82, 105, 107, 114, 139
 Borba, 66, 121

C

Câmara Jr., 23
 Camões, 48, 49
 Carr, 18, 32, 54, 61, 70, 105, 114, 117
Clipping, 49
Code-switching, 67, 120
 Complementos semânticos, 52, 53
 Comunicação virtual, 41, 42, 45, 46, 47, 49, 56, 58, 82, 83, 91, 97, 119
 Comunidade de fala, 26, 56, 59, 60, 64, 67, 104, 119, 120
 COSTA, 46
 Coutinho, 79, 102
 Crase, 90
 Crystal, 22, 26, 36, 45, 47, 50, 51, 53, 62, 83, 85, 103, 122
 Cunha e Cintra, 91
Curso de Linguística Geral, 19, 91

D

Determinativos, 119
 Diagramação, 108
 Diglossia, 120
 Ditongação, 88, 92

E

Elipse, 97
Emoticons, 26, 41, 43, 45, 46, 47, 52, 59, 81, 104, 119, 123, 145
 Empréstimos, 17, 22, 59, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 120, 122
 Epêntese, 89

F

Fachinetto, 33
 Fragmentação, 16, 20, 41, 65, 67, 68, 69, 103, 107, 117, 119, 123
 Freitas, 30, 31

G

Galembeck, 113, 114
 Gêneros textuais, 37, 39

H

Hilgert, 43
 Hiperlinks, 35
 Hipersegmentação, 99, 100
 Hipertexto, 16, 33, 34, 35, 36, 37, 77, 105, 117
 Hipossegmentação, 58, 100
 Holanda, 66
 Houaiss, 66, 93, 121

I

IBGE, 15
 Informática, 15, 20, 26, 29, 54, 57, 59, 61, 65, 66, 70
 Inicialismo, 51
 Transferências gramaticais, 17, 59, 62, 63, 64, 67, 68, 120, 122
 Internet, 15, 16, 24, 26, 27, 30, 32, 33, 37, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 54, 61, 62, 63, 65, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 83, 85, 91, 94, 102, 104, 105, 112, 114, 115, 117, 118, 119

J

Jakobson, 23
 Japonês, 22, 53, 61, 64, 66
 Joseph, 91

L

Labov, 17, 25, 33, 46
 Letramento, 70, 104
 Letras maiúsculas, 40, 45, 46, 68, 84, 103, 111, 119
 Letras minúsculas, 103
 Lévy, 16
 Livingstone, 70
 Logogramas, 22, 41, 52, 53, 67, 84

M

Marcadores conversacionais, 40, 41, 42, 44, 84, 113, 123
 Marcuschi, 21
Messenger, 38, 45, 79, 132
 Mestrinelli, 26
 Metaplasmos, 16, 58, 86, 96
 Mollica, 25
 Monotongação, 47, 56, 93
 Moraes, 20
 Mudança linguística, 17, 19, 25, 55, 61, 130
 Myers-Scotton, 68

N

Nonce-borrowing, 120
 Números arábicos, 84, 102

O

Omissão de vogais, 41, 42, 50, 62, 103, 122
 Oralidade, 16, 23, 41, 43, 68, 72, 76, 85, 87, 100, 101, 102, 105, 112, 119, 120, 122, 134
 Organização tipográfica, 106

P

Pereira Filho, 49
 Período composto, 68
 Permutas, 87, 95
 Pictogramas, 22, 52, 85, 105
Pidgin, 60, 62
 Pontuação, 41, 46, 54, 68, 80, 84, 103, 111, 123, 144
 Prestígio social, 20, 23, 27
 Prótese, 90

R

Repetições, 40, 84, 114, 115, 116

Rodrigues, 40

Rogers, 21, 22, 29, 52

S

Saussure, 17, 19, 20, 55, 56, 57, 87, 95
 Senso comum, 47, 85
 Sigla, 51
 Silva, 25
 Silva-Corvalán, 17, 68
 Síncope, 56, 93
 Sistemas de escrita, 18, 20, 21, 23, 24, 47, 50, 53, 55, 59, 61, 62, 64, 67, 68, 70, 85, 86, 104, 120, 122
Sites de relacionamento, 15, 32, 33, 39, 75, 81, 82, 85, 86, 107, 111, 114
 Soares, 34, 35, 38, 70, 101
 Souza e Deps, 43
 Supressão de sílaba, 95

T

Tenani, 100, 101
 Thomason, 55, 61, 63, 66, 68
 Thomason e Kaufman, 55, 61, 68
 Thomason e Kaufman, 60
 Transferências, 64
 Truncamento, 50
Twitter, 38, 54, 118
Txtng, 62, 63, 64, 66, 67, 70, 85, 122

U

Urbano, 42

V

Varição linguística, 23, 24, 26, 27, 43, 56, 60, 61
 Vildomec, 120
 Vilela et al, 50
 Vs, 39, 51, 91

W

Weinreich, 64
Whatsapp, 33, 40, 41, 42, 48, 51, 54
 Winford, 59, 62, 63, 64, 65, 66, 120
 Wolf, 54